

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLARA ELIANA CUEVAS

CORPOS ABJETOS E AMORES MALDITOS: HOMOSSEXUALIDADE,
ANONIMATO E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL NA DITADURA STRONISTA EM
ASSUNÇÃO, 1959

CURITIBA

2015

CLARA ELIANA CUEVAS

CORPOS ABJETOS E AMORES MALDITOS: HOMOSSEXUALIDADE,
ANONIMATO E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL NA DITADURA STRONISTA EM
ASSUNÇÃO, 1959

Dissertação apresentada à linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profª Drª Ana Paula Vosne Martins.

CURITIBA
2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Cuevas, Clara Eliana

Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e
violência Institucional na Ditadura Stronista em Assunção, 1959 / Clara
Eliana Cuevas – Curitiba, 2015.
170 f.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Assunção (Paraguai) - Ditadura. 2. Homossexualismo – Controle
social. 3. Assunção (Paraguai) – Atividades políticas. 4. Memória. 5. Teoria
Queer – Identidade sexual. I. Título.

CDD 321.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **CLARA ELIANA CUEVAS**, intitulada: **Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, dezoito de março de dois mil e quinze.

Profa Dra Ana Paula Vosne Martins (orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Profa Dra Cristina Scheibe Wolff (UFSC)
1º Examinador

Profa Dra Maria Rita de Assis César (UFPR)
2º Examinador

Licença Copyleft: Pela livre, longínqua e promíscua difusão desta obra pelos ventos de outros papéis, dedos e olhares.

À todas as translésbichas da minha vida
que tornaram possíveis estas palavras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os profissionais da educação que se mobilizaram historicamente para que hoje eu pudesse ser contemplada com uma bolsa de pesquisa CAPES, fundamental para a escrita desta dissertação.

Agradeço à prof^a Dra. Ana Paula Vosne Martins pela orientação, dedicação, paciência e liberdade fundamentais concedidas durante toda a escrita.

À banca de qualificação, Dra. Marionilde Brepohl pelas críticas e sugestões, e Dra. Maria Rita César que acompanhou essa jornada desde o início com muito incentivo, recomendações e carinho.

À professora Dra. Cristina Scheibe Wolff que gentilmente aceitou participar da banca de defesa e contribuir com sua análise e incentivo para seguir adiante.

Agradeço à Maria Cristina Parzwski pela indispensável atenção e simpatia, assim como à prof^a. Dra. Karina Bellotti pela confiança depositada ao longo do mestrado.

Aos membros da *Mansión 108*, principalmente Nico, Negrito e Erwing, sem o qual a produção desta dissertação seria impossível. *Gracias* pelo carinho, amizade, leitura e apoio que me dispensaram durante toda a pesquisa, enfim, por toda afetação, pelo “*siento*” *ocho*.

Às mulheres guerreiras da minha vida, Elisa Cuevas, Alice e Letícia Monteiro.

Agradeço às minhas famílias, paraguaia e chilena, que contribuíram neste percurso com todo seu amor.

Agradeço à minha família de quatro patas pelas lambidas e ronronos incondicionais, amor felino e canino ao final de cada dia de escrita: Cleiton José, Leonardo Antônio, Frida Jacqueline, Gari, Rubio, Botão e a caçula Milonga Carolina.

Agradeço aos amigos e amigas de duas patas que acreditaram em mim, muito mais do que eu mesma, e me incentivaram, compartilhando os sonhos e a vida

comigo diariamente: Liz Andréa Dalfré, Luiz Carlos Sereza – dois grandes responsáveis pela minha imersão na vida acadêmica - e sua filhinha Jill Valentine, Clóvis Mendes Gruner – pelos palpites, sugestões e carinho na leitura do texto, há muito de você nessas linhas – Simone Ramos, Viviane Zeni, Ozias Paese, Jorge Morato, Fabiana Algarte – pelo exemplo, por toda força e incentivo –, Bruna Sena, Marcos Carvalho – pela amizade intensa e inquieta, obrigada por tudo, tudinho mesmo –, Cleiton Zóia – pela sensibilidade, carinho e pela filosofia -, Marina Oliveira, Reginaldo Cerqueira, Rosane Kaminski, Artur Freitas, Flora Morena, Everton Souza, Everton Moraes, Joice Angelita, Sebastião Nascimento, Lucas Valério, Guilherme Bianchi, Larissa Brum e Flavia Bortolon. Aos que, mesmo distantes, estão em tudo que faço, Anya Colman Krueger, Diego Calegari, Eduardo dos Santos, Mário Schafer, Bárbara Schmitz, Cauê Iarto, Felipe Martini, Marina Teixeira e Jader Tiago.

Ao Tito, porque de *historia y pueblo estamos hechos* e *mi corazón está mejor sitiado que mi casa*.

Lo ideal no es fabricar herramientas, sino construir bombas, porque una vez que se han utilizado las bombas que se han construido, nadie más puede servirse de ellas. Debo añadir que mi sueño, mi sueño personal, no es exactamente construir bombas, porque no me gusta matar a la gente. Pero quisiera construir libros bomba, es decir, libros que fueran útiles precisamente en el momento en el que alguien los escribe o los lee. Y que desaparecieran luego. Esos libros estarían hechos de tal modo que desaparecerían poco tiempo después de haber sido leídos o utilizados. Los libros deberían ser una especie de bombas y nada más. Tras la explosión, las gentes podrían recordar que esos libros produjeron unos hermosos fuegos artificiales. Más tarde los historiadores y demás especialistas podrían decir que ese libro o tal otro fue tan útil como una bomba y también tan hermoso como unos fuegos artificiales.

Michel Foucault

Atravesando la mirada virgen y mágicamente seducida de nuestros ancestros latinoamericanos, llegó en un fabuloso barco místico la famosa idealización occidentalizada de la sexualidad, lamentablemente manipulada por la institución de la iglesia, derramándose en estas tierras los nuevos y fatales pensares que se instalaron bajo el sangriento ultraje y saqueo que permanece intacto hasta nuestro días, con el objetivo de normalizar, bajo escalofriantes e ignorantes parámetros, a las bestias salvajes que vivían en este desconocido paraíso.

Hija de Perra

RESUMO

Esta dissertação analisa os desdobramentos do caso *108 y un quemado* em Assunção em 1959. Também conhecido como Caso Bernardo Aranda, trata-se do assassinato de um famoso locutor da capital. Com a motivação de encontrar o assassino a polícia nacional iniciou uma varredura pela cidade em proporções nunca vistas no país e o que seria a resolução de um crime se tornou uma perseguição sistemática contra homossexuais, suspeitos do crime considerado passional. Com o auxílio teórico dos estudos *queer* em diálogo com as produções sobre memória nos regimes autoritários do Cone Sul, utilizamos fontes legais e jornalísticas nas quais encontramos um processo de construção do inimigo público homossexual, o amoral *108*. Contando com a estrutura do estado de sítio vigente, do regime ditatorial stronista e o auxílio de dezenas de delações anônimas que fomentaram um verdadeiro clima de terror contra estes corpos considerados abjetos, o caso levou à detenção aproximadamente 108 pessoas acusadas de “questionável conduta moral”. Deste modo, o número *108* foi evocado de forma pejorativa nas seguintes décadas como sinônimo de *maricón*, homossexual. Cifra que foi ressignificada pelos movimentos sociais na atualidade, ampliando sua conotação política e reconstruindo a memória histórica do regime stronista.

Palavras-chave: ditadura, anonimato, homossexualidade, memória, *queer*

ABSTRACT

This dissertation analyzes the deployment of *108 y un quemado* in Asuncion in 1959. Known as Bernardo Aranda Case, it is about the murder of a famous broadcaster on capital city. Motivated to find his killer the national police started a deep scanning over the city in unseen proportions by country and what would be the crime solution became a systematic persecution of homosexuals, suspects for a considered crime of passion. Using the aid of theoretical queer studies in dialogue with the productions about memory on authoritarian regimes in the Southern Cone, legal and journalistic sources were used in which were find a process of construction of the homosexual public enemy, the amoral *108*. Relying on the structure of the current state of siege, and the stronista dictatorial regime and the help of dozens of anonymous denunciations that fostered a veritable climate of terror against these bodies considered abject, the case led to the arrest about 108 people charged as "questionable moral conduct." Thus, the number 108 was referred to in a derogatory manner in subsequent decades as synonymous with faggot, homosexual. Nowadays, this is a figure that was re-signified by social movements, expanding its political connotation and rebuilding the historical memory of stronista regime.

Keywords: dictatorship, anonymity, homosexuality, memory, queer

RESUMEN

Esta disertación analiza los despliegues del caso 108 y un quemado en Asunción en el año 1959. También conocido como el Caso Bernardo Aranda, se trata del asesinato de un famoso locutor de la capital. Con la motivación de identificar al asesino, la policía nacional inició una redada por la ciudad en proporciones jamás vistas en el país y lo que debiera ser la resolución de un crimen se convirtió en una persecución sistemática en contra de los homosexuales, sospechosos de un crimen considerado pasional. Con el auxilio teórico de los estudios *queer* en diálogo con las producciones sobre la memoria en los regímenes autoritarios del Cono Sur, se han utilizado fuentes jurídicas y periodísticas en las que se han encontrado un proceso de construcción del enemigo público homosexual, el amoral 108. Basándose en la estructura del estado de sitio vigente, en el régimen dictatorial stronista y en la ayuda de decenas de denuncias anónimas que fomentaron un verdadero clima de terror en contra de estos cuerpos considerados abyectos, el caso condujo a la detención de aproximadamente 108 personas acusadas de "dudosa conducta moral". Así, el número 108 se refiere despectivamente en las siguientes décadas, como sinónimo de maricón, homosexual. Una cifra que fue resignificada en la actualidad por los movimientos sociales, ampliando su connotación política y la reconstrucción de la memoria histórica del régimen stronista.

Palabras clave: dictadura, anonimato, homosexualidad, memoria, *cuir*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 - CENTRO DE ASSUNÇÃO.....	25
IMAGEM 2 - LIDO BAR.....	26
IMAGEM 3 - HOTEL GUARANI.....	28
IMAGEM 4 - RUA CHILE COM PALMA.....	34
IMAGEM 5 - BERNARDO ARANDA.....	35
IMAGEM 6 - CENA DO CRIME.....	38
IMAGEM 7 – NAFTA.....	44
IMAGEM 8 - YEGROS Y PROYECTADA.....	47
IMAGEM 9 - 108 Y UN QUEMADO.....	50
IMAGEM 10 - PUBLICIDADE REVISTA ÑANDÉ.....	51
IMAGEM 11 - DIGA CIENTO OCHO.....	60
IMAGEM 12 - POR ATRÁS.....	65
IMAGEM 13 - QUÉ TANTO MIRAR!.....	68
IMAGEM 14 - HE AQUÍ UN HOMBRE.....	71
IMAGEM 15 - DOCUMENTO 1. ARCHIVO DEL TERROR.....	121
IMAGEM 16 - DOCUMENTO 2. ARCHIVO DEL TERROR.....	122
IMAGEM 17 - CAMPAÑA BESATÓN 2010.....	128
IMAGEM 18 - CAMPAÑA BESATÓN 2011.....	128
IMAGEM 19 - BUS DE LA MEMORIA.....	137
IMAGEM 20 - DENTRO DEL BUS DE LA MEMORIA.....	138
IMAGEM 21 - MUÑECOS GIGANTES.....	140
IMAGEM 22 - MUÑECOS MARCHA.....	140
IMAGEM 23 - SAN FOUCAULT DICE QUE SÍ.....	147
IMAGEM 24 - PUTO 108.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.0 CASO BERNARDO ARANDA E A CONSTRUÇÃO DA AMORALIDADE HOMOSSEXUAL	26
1.1 MODERNIZAÇÃO E CRIMINALIDADE EM ASSUNÇÃO NOS ANOS 1950.....	28
1.2... Y UN QUEMADO: O CASO BERNARDO ARANDA	37
1.2.1 <i>La más completa investigación judicial, médica y policial</i>	44
1.3 AMORALES Y PETITEROS: A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO HOMOSSEXUAL E A AMORALIDADE	47
1.3.1 108: Os anormais e o dispositivo da sexualidade	55
1.3.2 Los amorales e a pátria, a família e a heterossexualidade.....	59
1.3.3 Patologia sexual: <i>el baile de los invertidos</i>	68
2. ANÔNIMOS, HOMÔNIMOS E PSEUDÔNIMOS: A ESCRITA COMO VIOLÊNCIA	75
2.1 ANÔNIMOS: AS LISTAS DO CASO 108	78
2.1.1 A carta de um amoral arrependido	86
2.2 HOMÔNIMOS: YO NO SOY UN 108... ..	90
2.2.1 Uma <i>carta abierta</i> policial	95
2.3 PSEUDÔNIMOS: SPENCER HOLMES X CHARLES CHAN.....	96
2.4 MORALIDADE E RESPONSABILIDADE NO ANONIMATO	100
2.5 ANONIMATO, MEMÓRIA E SENTIMENTO.....	105
3. DESNATURALIZANDO O DESTINO DA HUMANIDADE: TERROR ANAL, MEMÓRIA E MICROPOLÍTICA	109
3.1 O CINISMO FRENTE À LEI	110
3.1.2 O uso do <i>vaso indebido</i>	113
3.1.3 A carta de um <i>amoral</i>	119

3.2 POLÍTICAS DA MEMÓRIA E TÉCNICAS DE ESQUECIMENTO: <i>108 NUNCA MÁS / SOMOS MÁS QUE 108</i>	122
3.2.1 SOMOSGAY <i>ñande joja ha rory: 108 NUNCA MÁS</i>	127
3.2.2 <i>MANSIÓN 108 Un lugar con ideas Kuir / SOMOS MÁS QUE 108</i>	138
3.2.3 <i>Do queer ao cuir, do cuir ao kuir</i>	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
FONTES	158
REFERÊNCIAS	160

INTRODUÇÃO

Segundo o historiador argentino Ignacio Telesca pouco se escreve sobre a história paraguaia e a produção existente é estrangeira¹. Destas produções grande parte é referente às missões jesuíticas e à Guerra da Tríplice Aliança. O autor afirma que esta escassez no plano historiográfico paraguaio se deve à falta de institucionalização da área no país. Como instituições de formação de historiadores só ofertam cursos duas universidades, a *Universidad Católica de Asunción* e a *Universidad Nacional de Asunción*.

Estas duas instituições, únicas universidades existentes até a queda de Stroessner em 1989, não têm doutorado em história e não existem fundações nacionais de fomento à pesquisa que abranjam a área de ciências humanas. Por este motivo, as obras publicadas se apresentam mais como compilação de artigos diversos do que como resultados de pesquisas de longo prazo.

Lorena Soler, socióloga também argentina, afirma que após a queda do regime stronista, não melhoraram as condições econômicas e materiais para a produção científica. Por este motivo, as pesquisas no Paraguai quando existem “*se desarrollan por fuera de las estructuras del Estado, es decir, mediante convenios actuantes con las organizaciones no gubernamentales y organismos internacionales*”².

A produção sobre a história contemporânea paraguaia, abrangendo o século XX, é recente e prioriza os anos 1970 e 1980. Neste caso novamente predomina a produção estrangeira. Porém, este silêncio acadêmico não se refere apenas à história. Segundo o professor do Departamento de Línguas Modernas e Literatura da *State University of New York*, Tracy Lewis, após a publicação de *Hijo de Hombre* e

¹TELESCA, Ignacio. La historiografía paraguaya y los afrodecendientes. In: **Los estudios afroamericanos y africano en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro**. LECHINI, Gladys(org.). 1ª ed. Córdoba: Ferreyra Editor; Centro de Estudios Avanzados: Programa de Estudios Africanos; Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008. p.165.

² SOLER, Lorena. Una vez más cómo pensar el stronismo: Una agenda de inconformidades. In: **El stronismo asediado**. Arandurá Editorial, 2014. p. 30-31.

Yo el Supremo, dois clássicos de autoria de Augusto Roa Bastos, o livro *El invierno de Gunter* foi apenas o terceiro romance paraguaio traduzido para o inglês³.

Este contexto permite refletir a respeito do que se escreve sobre a história e a cultura paraguaia. Se em outros países se reivindica a representação de identidades escritas pelos próprios sujeitos, como uma história de mulheres escrita por mulheres ou por uma história dos negros escrita por sujeitos afrodescendentes, como pensar a produção de uma historiografia plurivocal se ela é escassa, muitas vezes ausente e quase sempre estrangeira?

Ultimamente alguns encontros internacionais e multidisciplinares têm ampliado a produção histórico-política paraguaia. Em Assunção foi realizado em 2014 o evento *Aciagas: conmemoraciones Paraguay, Guatemala y Brasil 60 años después*, um espaço de intercâmbio entre especialistas sobre golpes militares e suas múltiplas subjetividades nas regiões.

Já o Uruguai realiza há 4 anos na *Universidad de Montevideo* um encontro de especialistas intitulado *Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay* no qual participam quase que em sua totalidade historiadores estrangeiros, estadunidenses, brasileiros, argentinos e pesquisadores paraguaios em graduação ou residentes no exterior. O evento que durou 3 dias contou com dois terços das apresentações sobre o período colonial e as únicas duas mesas referentes ao século XX trataram quase exclusivamente sobre o período stronista.

Neste sentido este trabalho não escapa ao seu tempo. Ainda que aqui seja analisado o período stronista menos estudado, anterior aos anos 1970, contemplando a sexualidade como operador epistemológico para compreender as dimensões políticas e subjetivas da ditadura, este trabalho se insere nesta produção borbulhante, estrangeira e que dificilmente encontraria apoio institucional dentro de uma universidade paraguaia, visto que o incentivo às pesquisas históricas no país ainda está pautada em ideias nacionalistas e com pouca abertura para pensar as sensibilidades que se confrontam com este nacionalismo⁴.

³ O romance publicado originalmente em 1987 foi traduzido para o português somente em 2012. Prólogo de MARCOS, Juan Manuel. **O inverno de Gunter**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2012. p 10.

⁴ No centenário da independência em 2011 houve várias produções historiográficas sobre o país. Neste sentido são maiores as produções sobre migrações, comunicação, gênero como história de mulheres e cultura guarani. SOLER.*op. cit.* p. 29.

Tudo isso explica o fato de que neste trabalho recorremos a uma grande gama de autores e autoras de fora do campo da história. Aqui se encontra um grande número de sociólogos, cientistas políticos e antropólogos.

Também é importante sublinhar que se optou por considerar igualmente a produção não científica para a análise. Isso se deve ao fato de que a possibilidade de trabalhar com este tema se deu graças à iniciativa de movimentos sociais que trabalharam exaustivamente para construir sua própria memória e registrar/conservar aquilo que a produção acadêmica paraguaia ainda insiste em menosprezar.

O cotidiano, a sexualidade e os pequenos acontecimentos desconsiderados pela academia paraguaia encontraram no papel do sujeito comum, curioso com sua própria história, seu lugar de escrita e registro⁵.

Deste modo, pensamos como a historiografia paraguaia nos obriga, a nós historiadores/historiadoras, a ampliar os nossos conceitos de memória, história e fontes, tendo em vista que grande parte da produção paraguaia sobre o período analisado resulta de uma escrita não especializada e não acadêmica, realizada por jornalistas, professores ou ativistas dos direitos humanos.

No evento Aciagas, ao qual comparecemos, escutamos que *“El paraguay no tiene memoria”* o que muito nos admirou, pois a plateia presente, composta por professores, ativistas e pessoas não acadêmicas, era bastante ativa em seus questionamentos e vontades de se fazer ouvir e estar presente. A afirmação continha um teor de desabafo compreensível. As mesas apresentadas eram compostas quase exclusivamente por estrangeiros.

Comentando este acontecimento com um pesquisador paraguaio, ele disse que parcialmente concordava com o explanado. *“No, hay memoria en Paraguay”* dizia ele *“pero no hay gente que produzca historia con esta memoria”*. Sua explicação foi muito acertada. Qual o trabalho do historiador em uma sociedade pouco institucionalizada academicamente e que possui anseios e memórias vivas com muitas ganas de serem contadas?

⁵ Isso significa que a produção a respeito do caso *108 y un quemado* conta com quatro obras especificamente, três literárias e uma como compilação de fontes. Ver: NUÑEZ, Agustín. **108 y un quemado**. Asunción: Editora Arandurã, 2002 (peça teatral); ROCHE, Almada. **Quién mató Bernardo Aranda?** Asunción: Editora Arandurã, 2012. (biografia); CARBONE, Rocco. **Putos de Fuga**. Stronato. Sexopolítica. Trauma. Memoria. Servilibro, Asunción, 2014, (ensaio) e SZOKOL, Erwing. **108 Ciento Ocho**. Editora: Arandurã, 2014 (compilação de fontes).

Como dar conta de escrever a história sobre outras sensibilidades e subjetividades possíveis se a academia paraguaia insiste em ignorar a produção não-acadêmica ou a perpetuar a ideia de uma história maiúscula, uma História do Homem, dos Heróis dos Grandes Feitos, uma história que busca legitimar ainda antigas e coloniais relações de poder? Como ampliar a produção historiográfica de forma plural se o próprio conceito institucional de “História” ainda exige a reprodução de relações de gênero⁶, classe⁷ e raça⁸?

A partir dessas inquietações arriscamos realizar este trabalho levando em consideração a produção paraguaia como referência historiográfica, pois mesmo que distante da academia a produção existe e creio que faz parte, parafraseando Certeau, de nossa operação historiográfica sobre o Paraguai buscar empurrar com os cotovelos os limites legitimadores dos discursos da história.

Se consideramos que sim, existe uma historiografia paraguaia legítima ainda que não-acadêmica, há que se pensar como a informalidade pode ser vista também como um meio de acesso. Foi graças ao trabalho de investigadores como Erwing Szokol⁹ que tive conhecimento sobre a gama de fontes disponíveis¹⁰. Muito provavelmente, se algumas de suas fontes não tivessem sido publicadas na internet, este trabalho não teria sido possível.

Além de toda a questão “científica” sobre a história do Paraguai, o que não exige a escrita informal de uma vontade de verdade¹¹, algo que ainda dificulta a

⁶ Ver: BAREIRO, Line. Situación de la mujer en el Paraguay. Asunción: CDE, 1988; ECHAURI, C. Vida cotidiana al margen de la democracia. In: **Anuario Mujer**. Crónicas de haceres, deseos y olvidos. Asunción: CDE, 1990.

⁷ Ver GAONA, Francisco. **Introducción a la historia gremial y social del Paraguay**. Asunción: Arandurã Editorial, 2008 e BOZZOLASCO, Ignacio. Represión, cooptación y rebeldía. El movimiento sindical paraguayo. In: **El Stronismo asediado**. Asunción: Editorial Arandurã, 2013.

⁸ Ver TELESKA, Ignacio. Mujer, Honor y Afrodescendientes en Paraguay a fines de la colonia. **América sin nombre**, no 15, 2010. p 30-38; WILLIAMS, John. Esclavos y pobladores: observaciones sobre la historia parda del Paraguay en el siglo XIX, In: **Revista Paraguaya de Sociología**. N°. 31. Asunción, 1974. pp. 7-27 e ARGUELLO, Ana María. **El rol de los esclavos negros en el Paraguay**. Asunción: Centro Editorial Paraguay, 1999.

⁹ Erwing Augsten Szokol é advogado egresso da Universidad Nacional de Asunción, possui estudos em Educación en y para los Derechos Humanos na Universidad Autónoma de México. Participou do movimento estudantil e ali iniciou sua trajetória como ativista “por la disidencia sexual”. É autor de vários artigos sobre a situação dos Direitos Humanos das pessoas LGBTIs no Paraguai. Seus últimos trabalhos publicados são: “Victimas del servicio militar obligatorio. Casos de muerte de niños soldados y conscriptos 1989-2012” publicado pela Editora SERPAJ, 2012 e *108 Ciento ocho* publicado por Editorial Arandurã, 2013. Atualmente se encontra coordenando uma pesquisa sobre assassinatos de travestis no Paraguai no período de 1989 a 2013.

¹⁰ Várias fontes analisadas aqui se encontram disponíveis em <http://108memorias.com>.

¹¹ Ainda que não acadêmicas institucionalmente, é comum encontrar obras que tentam desvelar “a verdade sobre” o que se passou. O mesmo acontece com os relatos sobre o crime de Bernardo Aranda. Pessoas que afirmam ter convivido com ele afirmam em saber “a verdade sobre o

produção sobre o Paraguai são as noções arraigadas de “vazio” e “exótico”, associadas ao país. Se este caráter perdura até hoje como uma cultura obrigatoriamente atrelada à Guerra do Paraguai, o “exotismo” atrairia imigrantes de diversas partes do mundo, porém estas histórias também são bastante desconhecidas no mundo estrangeiro.

O Paraguai contou com vários anseios coloniais no decorrer de sua história. Seu caráter de “terra virgem” atrairia tanto australianos socialistas em busca de fundar uma terra sem males¹², quanto alemães que adentrariam o país em busca de construir uma sociedade ariana antissemita, ambos no final do século XIX¹³. Esta presença estrangeira permeou o imaginário paraguaio¹⁴ e baseou algumas destas sensibilidades para justificar seus ódios e ressentimentos, como veremos.

O nacionalismo paraguaio é bastante presente e isso se desdobra também em uma vontade de construir um ideal nacional que permeará a política e os anseios tanto da direita quanto da esquerda paraguaia¹⁵. Este nacionalismo, como veremos, baseado na virilidade e nos mitos fundadores da nação guarani¹⁶ se fundará em personagens “heróicos”, “bravos” e “guerreiros”. A fundação de uma nação viril eliminaria qualquer possibilidade de escrita positiva sobre os “outros” da história, como indígenas, afrodescendentes ou homens considerados “não viris”.

aconteceu”. Esta “vontade de verdade”, nos termos de Foucault, será analisada mais adiante, porém, as obras dos anos 1990 a respeito da ditadura vão por este viés de buscar a verdade sobre. Daí o uso de fontes “secretas” e descrições exaustivas de documentações. Estas obras serão comentadas no decorrer da dissertação.

¹² Sobre a *Colonia Nueva Australia* ver: PASTORE, Carlos. **La lucha por la tierra en Paraguay**. Asunción: Editorial Antequera, 1972 e WILDING, Michael. **The Paraguayan Experiment**. Ringwood Victoria: Penguin Books, 1984.

¹³ A *Colonia Nueva Germania* fundada por Bernhard Förster e Elisabeth Nietzsche, irmã do famoso filósofo alemão, se transformou em um distrito e existe até a atualidade. Sobre a colônia ver MACINTYRE, Ben. **Forgotten Fatherland: The Search for Elisabeth Nietzsche**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1992. Sobre a imigração alemã, os menonitas e os nazistas no país ver MASKE, Wilson. **Entre a Suástica e a Cruz: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai**. Curitiba: UFPR (Tese de doutorado), 2004.

¹⁴ Em meio à pesquisa enquanto estava na Biblioteca Nacional de Assunção nos surpreendemos com a quantidade de anúncios escritos em alemão espalhados pelos jornais. Tais publicações se referiam a eventos nos quais somente a população alemã, ou seja, aquela que falasse o idioma no período estava convidada.

¹⁵ Ver SZWACKO, José. O 'mau desempenho' de Lugo: gênero, religião e contramovimento na última destituição presidencial paraguaia. **Opinião Pública** vol.20 no.1 Campinas Jan./Apr. 2014.

¹⁶ Segundo John Williams o Paraguai foi uma das primeiras nações do Ocidente a evidenciar uma consciência coletiva de nacionalismo, ainda em períodos coloniais. Consciência esta que afirmava um tipo de identidade nacional em detrimento de outras identidades consideradas inferiores como as africanas, indígenas e etc. WILLIAMS, John. Race, Threat and Geography. The Paraguayan Experience of Nationalism, In: **Canadian Review of Studies in Nationalism**, Vol. 1, Nº 2, 1974. pp. 173-190.

O exotismo construído em relação ao Paraguai como país subdesenvolvido despreza o fato de que o país conjugaria no contexto regional múltiplos aspectos, fazendo para si também os anseios contemporâneos modernizantes e modernizadores argentinos, uruguaios, europeus, mexicanos e brasileiros¹⁷.

O inverso também aconteceu. Se os anseios estrangeiros penetravam o país no começo do século XX – há nos escritos do anarquista paraguaio-espanhol Rafael Barret referências ao detetive Sherlock Holmes e ao escritor Edgar Allan Poe¹⁸ - a construção do cenário “exótico” do Paraguai chamaria a atenção na literatura europeia e estadunidense que utilizaria este imaginário como cenário em todo o século XX¹⁹.

No final dos anos 1950 estes anseios também criaram suas margens. Esta década foi a menos analisada pela escrita historiográfica. Se a fase mais estudada é a das duas últimas décadas do regime stronista ou a fase pós-golpe e contemporânea, como a queda de Lugo, falar das dissidências sexuais naquela década é também trabalhar sobre vazios²⁰.

Contudo, este vazio historiográfico não significa esquecimento ou ausência de passado. Este período foi marcado por importantes novidades no que diz respeito não apenas à ideologia política e bipolar em vigor no período, mas também que utilizava alguns conceitos e métodos científicos no campo da saúde para justificar e alterar práticas e medidas ideológicas.

Segundo Beatriz Preciado, na Espanha franquista o comandante espanhol Antonio Vallejo-Nájera, chefe dos serviços médicos militares, e o psiquiatra Juan Jose Lopez Ibor fizeram sucessivas pesquisas para descobrir as raízes psicofísicas do comunismo, justificando patologicamente que o marxismo estava associado a

¹⁷ Vários debates ocorriam no período estudado, de modo a buscar referências internacionais para questões que afligiam os paraguaios na época. Enquanto notas eram publicadas sobre o caso Bernardo Aranda, debates a respeito da pena de morte e da criminalidade eram publicadas, fazendo menções aos juristas mexicanos, brasileiros e argentinos. Ver: **El país**, setembro/outubro, 1959.

¹⁸ BARRET, Rafael. Un suspiro de Poe, 1908. In: **Obras Completas** Tomo 2. Asunción. Editorial Arandurã, 2011. p. 216-217.

¹⁹ Ver: LEMBEL, Pierre. **Le Paraguay**. Paris: [s.n] 1878; POLLAND, Madeleine. **Chuiraquimba and the Black Robes**. New York: Doubleday and Company 1962; WHITE, Edward. **El supremo**, A Romance of the Great Dictator of Paraguay. New York: [s/n], 1916. TUCK, Lily. **News from Paraguay**. New York: Harper Collins, 2004. Sobre a literatura paraguaia, o romance e o exílio ver FAITH, Tereza. **Paraguay, novela y exilio**. Asunción: Editora Intercontinental, 2009.

²⁰ O trabalho pioneiro neste sentido poderia ser o de Verónica Villaba Morales intitulado *Diáspora guaraní desde las disidencias sexuales*. In: MIGRANTES. **Perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay**. Asunción: Ape Paraguay, 2011. p 122-143. É o primeiro trabalho paraguaio no sentido de utilizar a teoria *queer* como referencial para a compreensão de temas como a política e a migração.

algum tipo de inferioridade mental, e que para tratá-lo era necessário encontrar o chamado “gene vermelho”²¹.

Nos Estados Unidos a década de 1950 foi marcada não somente pelo combate ao Terror Vermelho, mas também ao Terror Lilás, o *Scare Lavanda*, forma pela qual se referiam à homossexualidade. Não é por acaso que no mesmo período buscava-se a origem do “gene lilás”, ou seja, a cura para a homossexualidade²².

Em 1947, surgem os estrógenos sintéticos que viriam a ser posteriormente a molécula farmacêutica mais utilizada na história. Em 1953 o soldado dos EUA George Jorgensen se transforma em Christine, a primeira transexual midiaticizada do mundo²³.

Estas intervenções que afetaram os corpos diretamente a partir do campo da saúde também criaram taxonomias que acompanhariam o século XX a partir da perspectiva do controle do gênero e da sexualidade.

No Paraguai não foi diferente, ainda que as tecnologias aplicadas aos estudos científicos e controle de gênero tivessem demorado algumas décadas para chegar às terras guaranis, socialmente, a questão da homossexualidade aparece de forma ululante nos principais periódicos na primeira década do regime stronista.

Deste modo, a patologização da homossexualidade já consta nos periódicos nos anos 1950 de modo a dialogar com o anseio de modernização em curso. A heterossexualidade, a virilidade e o nacionalismo contribuem significativamente para um ideal de homem nacional, ideal este que não permitirá a existência de outras formas de masculinidade e sexualidade.

Portanto, é necessário comentar a ausência de registros sobre travestis e lésbicas, tanto neste trabalho como nas produções científicas em geral. Sabe-se que estas subjetividades também foram perseguidas pela ditadura stronista²⁴, porém, além das fontes, nada se encontra sobre elas, o que leva a pensar em novos desafios historiográficos para o futuro. Novamente, como o *mainstream* acadêmico paraguaio não considera estes temas de interesse científico, são os movimentos

²¹ PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Editora Espasa, 2008.

²² Esta questão será objeto de análise no primeiro capítulo.

²³ PRECIADO. Ibid. pp. 19-20

²⁴ Ver RELATÓRIO. Comisión de Verdad y Justicia. Asunción: Editora J. C. Medina, 2008. pp. 173 – 176.

sociais que constroem sua memória e impulsionam os institutos de investigação para que façam constar em seus registros as memórias de existência/resistência²⁵.

Localizando este trabalho, portanto, como mais uma escrita semi-estrangeira²⁶ sobre o país, consideramos fundamental para a compreensão do Paraguai nos anos 1950 o estudo de dois periódicos em circulação no período: *El País* e *El Independiente*. De alguma forma estes periódicos diferem dos demais da época pelo diálogo que mantinham evidenciando um tipo de concorrência no furo jornalístico, além de cooperarem com a perseguição instituída deixando claramente sua posição em relação à homossexualidade. Além destes, o diário *Patria* também foi consultado, pois, por ser o jornal alinhado ao governo, pudemos encontrar notas oficiais a respeito do caso analisado. Estas fontes se encontram disponíveis na *Biblioteca Nacional de Asunción*.

Além da coleta dos periódicos²⁷ foi utilizado o Código Penal de 1910, em vigor ainda em 1959, pois ao contrário do que se poderia pensar, a homossexualidade nunca foi considerada crime no país. Além do Código, também coletamos as charges publicadas na revista *Ñandé* que satirizaram a subjetividade homossexual, feminilizada e abjeta, disponíveis também no acervo da Biblioteca Nacional.

Do mesmo modo, utilizamos materiais midiáticos de dois grupos LGBTs no país, *SomosGay* e *Mansión 108*, a fim de compreender a forma como estes utilizam a memória nacional e como o caso *108 y un quemado* é narrado por ambos.

As formas de ser e fazer que compunham a modernização no Paraguai devem ser pensadas a partir de um contexto político que acabaria por afetar os outros países na região na década seguinte: a ditadura.

Neste sentido, a construção do sujeito homossexual está ligada às questões relacionadas à modernização em Assunção no final dos anos 1950, mas também às vontades totalizantes no período ditatorial. Como veremos, a noção de saneamento e limpeza penetrou o vocabulário moralista do período e contou com a prática da

²⁵ Assim como aconteceu com o movimento feminista no país, cada vez mais as pautas LGBTs tentam institucionalizar-se. Ver SZWACKO, José. **Del otro lado de la vereda**: luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial. (Tese de Doutorado) Setor de Ciências Sociais, UNICAMP, 2012.

²⁶ O semi se refere ao fato de que meu contato com a cultura paraguaia, visto que sou filha de paraguaios, o que me possibilitou muitas vantagens no decorrer desta pesquisa, tanto para a compreensão de algumas subjetividades *a lo Paraguay*, quanto na compreensão do guarani ou de lugares-comuns na cultura.

²⁷ Nesta dissertação respeitamos a grafia das fontes mantendo suas ênfases originais.

delação para constituir a perseguição sexopolítica.

Com isto não queremos afirmar que o stronismo inaugurou a perseguição contra a homossexualidade, porém, de acordo as nossas fontes, foi a partir do caso *108 y un quemado* que houve a maior mobilização, até então vista, para perseguir, delatar e deter os homossexuais de forma rígida e sistemática. É por este motivo que o aparato ditatorial foi tão importante para fundamentar esta violência contra os chamados *amorales*.

No primeiro capítulo problematizamos a formação da amoralidade homossexual, pensando de que maneira ela foi construída para fomentar um pânico social, bem como a constituição de um inimigo público anormal número um: o homossexual ou, como veremos, *el 108*.

Esta abjeção, usando os termos de Butler, está associada à ideia de criminoso, pois a motivação inicial para a perseguição foi um crime. Porém, este criminoso não é um criminoso comum visto que sobre ele perpassa todo o dispositivo da sexualidade. Este conceito foucaultiano é útil em nossa análise, na medida em que o amoral é mais do que um assassino, é um homossexual pervertido, considerado um verdadeiro risco para as *viriles tradiciones paraguayas*.

Esta construção, como veremos, está associada a uma ideia de nação e pátria. Neste sentido, a antropóloga dominicana Ochy Curiel nos auxilia a pensar de que forma os discursos nacionais estão imbricados com o ideal de família e heterossexualidade, matriz que formará os seus “outros”.

No segundo capítulo a análise do “outro” segue, porém, com o conceito de “*outredad negativa*” de Daniel Feierstein. Para o autor a construção desta *outredad* é o primeiro passo na aplicação das “práticas sociais genocidas”, pois na ditadura a delação se tornou ferramenta fundamental para a formação deste “outro”.

Neste capítulo ainda analisamos as cartas publicadas nos jornais. A questão central problematizada é dos sentimentos expressos nas cartas, de forma a compreender em quais tipos de cartas se encontram registros de repulsa, medo ou vergonha, tendo em vista que as denúncias anônimas geraram uma grande confusão de homônimos, como veremos.

Deste modo, a construção dos corpos abjetos “*amorales*” continuou, porém, ao lado do debate sobre a responsabilidade e a moralidade na perseguição. Afinal, o

uso do anonimato afetaria não só os corpos considerados amorais, mas também os “*hombres de campanillas*”.

No terceiro capítulo, pretendemos problematizar os aspectos legais da perseguição, tendo em vista que a homossexualidade nunca foi considerada crime no país. Esta “defasagem” legal foi discutida publicamente no sentido de que leitores enviaram cartas aos periódicos reafirmando a necessidade da perseguição mesmo que este “delito” não fosse considerado um crime.

A publicação *La carta de un amoral* abalou novamente as discussões sobre o caso, pois não bastava que existissem, os “amorales” estariam à vontade o suficiente para também escrever aos periódicos. Sua escrita afirmativa, considerada um atentado à nação, é analisada a partir das considerações teórico-políticas de Beatriz Preciado ao tratar do “Terror Anal”. Como veremos, o *uso del vaso indebido*, termo legal para se referir ao sexo anal, foi considerado um perigo para a pátria, portanto, com esta discussão pretendemos problematizar os limites da lei, do corpo e dos usos governamentais da violência sobre ele.

Esta pesquisa termina com a problematização sobre a formação do estigma 108, já que este número foi transformado em sinônimo de homossexual no imaginário coletivo assunceno. Este marca será posteriormente ressignificada pelo movimento LGBTI paraguaio, no sentido de formar para si uma conotação positiva do 108.

A ressignificação buscou dar ao termo uma forma paraguaia de pensar um sujeito sexual abjeto, um sujeito *cuir*. Para esta análise, estudaremos a questão LGBTI/Queer no país em dois grupos militantes dentro da multiplicidade de grupos existentes, pois nestes grupos encontramos formas diferentes de fazer uso do passado.

Se por um lado, o grupo *SomosGay* utiliza da estética nacionalista e colonial em seu material midiático, o grupo *Mansión 108* satiriza o patriotismo e oferece uma releitura do estigma 108, dando a ele uma forma *cuir*. Inspirado nas práticas *queer* e nas releituras do termo na América do Sul, o grupo pretende ir do *queer* ao *kuir* ampliando o significado político do termo, como veremos no último capítulo.

O aspecto fundamental na constituição do estigma 108 é a formação da memória nacional LGBT. Afinal, é o encontro destes grupos com o seu passado que lhes permitirá construir sua memória e ressignificar positivamente a abjeção. Para

esta discussão, problematizaremos a questão da produção de memória pós-ditadura a partir das autoras Nelly Richard e Beatriz Sarlo.

Como veremos, o número 108 passará como rastro pela história e como rastro foi apagado do passado por aqueles que não podiam se expressar como tal, correndo o risco de sofrer violência e até perder a vida. Se o estigma 108 inicialmente alertava, como o poema de Bertold Brecht, “Apague os rastros!”, após a violência da delação, do estigma e da patologização, seus registros permitiram que a cifra fosse usada posteriormente como símbolo de orgulho por paraguaios e paraguaias que, comprometidos com a memória histórica que eles mesmos construíram, afirmarão em suas obras, reivindicações e marchas: “*Somos más que 108!*”.

1. O CASO BERNARDO ARANDA E A CONSTRUÇÃO DA AMORALIDADE HOMOSSEXUAL

Camino por los asfaltos grises, por las aceras y las veredas,
mientras el miedo hace flexiones en los cables de alta tensión,
y los niños ricos y los niños pobres devoran caramelos
y se empujan en oscuros juegos por los prados,
y las niñeras,
y las cocineras de uñas negras y los homosexuales limpios
sienten sublevarse su instinto sexual con el perfume del sudor
que ríe en las botas y en las mantas del carabinero.
Homenaje al miedo - María Elena Gertner

¿No habrá un maricón en alguna esquina
desequilibrando el futuro de su hombre nuevo?
Hablo por mi diferencia - Pedro Lemebel

O presente capítulo problematiza a construção do sujeito homossexual e as questões relacionadas à modernização em Assunção no final dos anos 1950. Iniciaremos analisando fotos registradas no mesmo ano por Frank Scherchel. Suas fotografias nos interessam principalmente porque contribuem para esvaziar o imaginário recorrente de um Paraguai exótico, paralisado e vítima estagnada da história. Como a maioria das capitais latino-americanas do período, Assunção seguia um ritmo acelerado de modernização, o que na prática reencenava a difícil relação entre o rural e o urbano.

Além disso, as fotos assinalam imageticamente o processo de urbanização e sua singularidade política contextual: o stronismo. Enquanto os edifícios e os ruídos das ruas da capital apontavam para o “progresso”, nas fotografias também aparecem os sussurros das autoridades militares em seus gabinetes.

A análise foi construída a partir de notícias, reportagens e cartas de leitores publicadas nos jornais *El País*, *El Independiente* e *Patria* a respeito de um crime, o *Caso 108 y un quemado*. Os dois primeiros periódicos dialogam entre si e seus

diálogos complementam a leitura sobre os discursos a respeito do caso. Já no diário *Patria*, jornal oficial do Partido Colorado, encontramos notas policiais que se referem diretamente ao caso. Por ser um periódico oficial se mostra como uma fonte de valor inegável para a defesa dos argumentos dessa dissertação em torno da perseguição aos homossexuais.

As notas apontarão de que forma a sociedade estava preocupada com o aumento da criminalidade e, conseqüentemente, da imoralidade. É neste aspecto que começaremos a compreender a construção do sujeito homossexual, que apesar de ter suas raízes em outros contextos, será peça protagonista no período estudado não apenas nos laudos científicos, mas também na imaginação.

As novas sensibilidades que surgem com as motonetas, as festas, o *rock'n roll* aparecem presentes na vida dos personagens que encontramos na pesquisa. Do mesmo modo, estarão presentes ao longo de todo o capítulo os discursos de poder de médicos, policiais e de agentes do direito, dando forma ora criminosa, ora patológica, ao sujeito homossexual no Paraguai em 1959.

Charges humorísticas a respeito do caso também serão evocadas no decorrer do capítulo a fim de oferecer outras ferramentas, além das palavras, para a compreensão destes discursos de poder construtores de subjetividades²⁸.

Para analisar tais fontes nossa leitura será acompanhada de referências teóricas que trabalharam tanto a questão da sexualidade quanto de outros mecanismos de poder, como o registro fotográfico, a construção da anormalidade e os usos das concepções de família e de nação em diálogo com a heterossexualidade.

Este trabalho privilegia, por motivos histórico-políticos, o uso de autores e autoras que possam expandir as concepções teórico-metodológicas para além da escrita europeia, masculina e heterossexual. Autoras e autores do “sul” e das “margens” serão utilizadas/os para guiar a escrita de uma história fragmentada e de rastros que são também “do sul” e, ao mesmo tempo, “marginais”.

²⁸ Como subjetividade compreendemos, neste trabalho, as narrativas a respeito de corpos, memórias e modos de vida. Partindo da perspectiva de Nelly Richard, que analisa a subjetividade como um cruzamento de narrativas formadas por símbolos em trânsito, crises e conflitos, a subjetividade seria o cruzamento de práticas sociais e culturais que formam um “sentido de si mesmo” ou, em outras palavras, “a noção de si mesmo como agente”, segundo a autora “El modo en que cada sujeto se vive y se piensa esta mediado por el sistema de representacion del lenguaje que articula los procesos de subjetividad a traves de formas culturales y de relaciones sociales”. RICHARD, Nelly. La crítica feminista como modelo de crítica cultural. **Revista Debate Feminista**. Ano 20. Vol. 40. Out/ 2009. p.77

1.1 MODERNIZAÇÃO E CRIMINALIDADE EM ASSUNÇÃO NOS ANOS 1950

IMAGEM 1



IMAGEM 1 – FRANK SCHERCHEL: CENTRO. ASSUNÇÃO. REVISTA LIFE [s/n] out/1959.

Uma mulher com chapéu carrega ervas sentada na garupa de um cavalo enquanto uma Kombi bicolor com três janelas abertas delatam o clima cálido. A paisagem segue, era dia de intenso trabalho. Barracas de comércio disputavam a calçada com os transeuntes. Enquanto isso, na rua, um homem em uma motoneta seguia em direção a algum lugar. O cenário possui vida. Uma senhora carrega latas e caixas dentro de um caixote de madeira, separado pela sua cabeça apenas por um pano branco enrolado. Ao fundo outras mulheres compram e vendem na agitada capital paraguaia.

Na famosa *calle* Palma esquina com a rua Chile, se vê uma cafeteria em uma esquina, local que se transformaria em uma das lanchonetes mais tradicionais da cidade e sobreviveria até a atualidade, intitulada *Lido Bar*. Na frente do comércio um garoto acaricia um burrico enquanto aguarda na entrada. Do lado de fora, uma

garota descalça e um cavalheiro de terno e chapéu esperam para ser atendidos. Na rua Montevideo, homens sorriem tomando *tereré* enquanto seus cavalos descansam levando a carroça. Faz calor na capital paraguaia. O porto na baía de Assunção segue movimentado com muitos barcos partindo e chegando. Na rua de acesso ao cais uma senhora sentada na beira da calçada cozinha qualquer coisa enquanto crianças brincam descalças pelas ruas de pedra.

IMAGEM 2

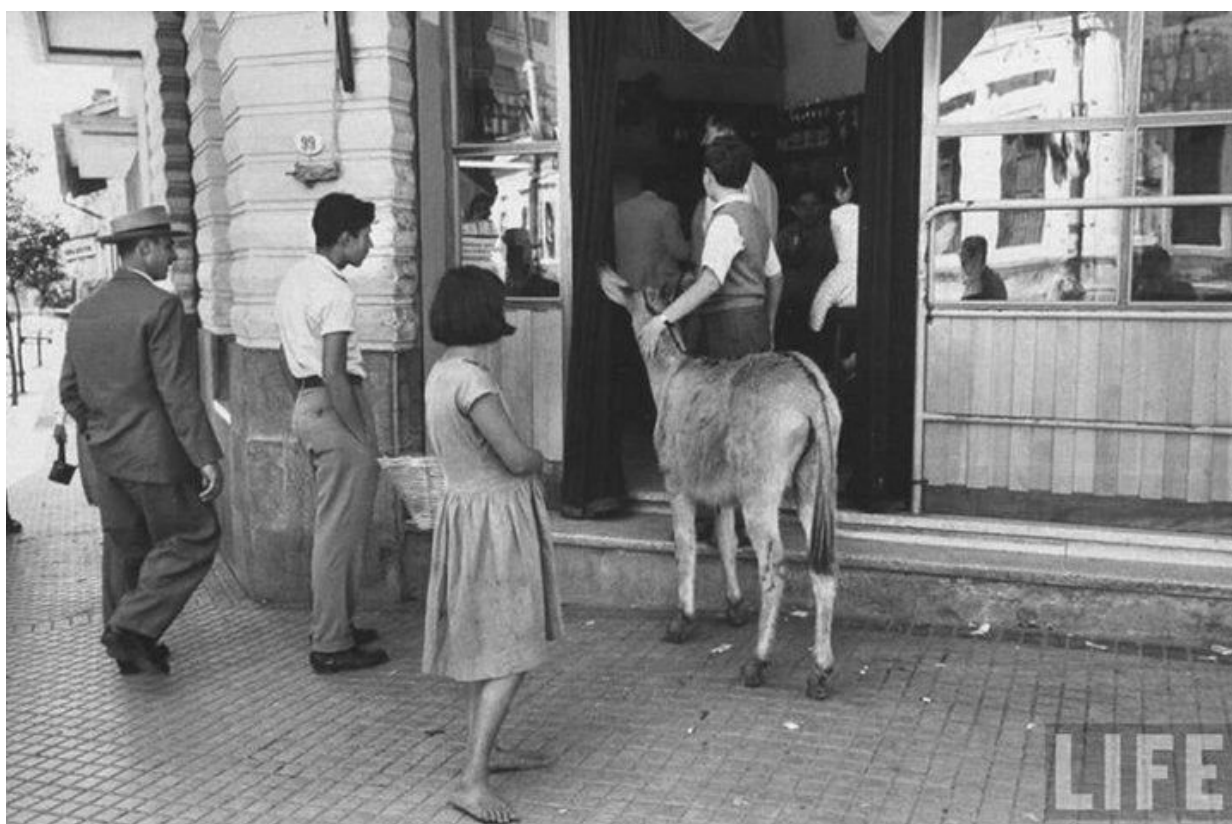


IMAGEM 2 – FRANK SCHERCHEL: LIDO BAR. ASSUNÇÃO. REVISTA LIFE [s/n] out/1959.

Pomelos e artesanatos podem ser encontrados com facilidade pelas ruas, assim como legumes, bolsas e panos. Uma senhora elegante de classe média passeia com seus quatro filhos vestidos com notável zelo nas meias e sapatos. Enquanto os passantes se dividem entre trabalho, risos, descanso e pressa, o Hotel Guarani segue em construção. A capital não pára. O edifício se destaca na cidade de antigas construções neoclássicas e barrocas. O velho e o novo, o moderno e o tradicional se confundem entre as ruas do centro de Assunção.

A *Compañía de Águas Corrientes* é fotografada com esmero, o país comemorava o título de primeira capital sul-americana com água corrente fluoretada,

um sistema de abastecimento no qual “seu manejo comprovado pessoalmente”, é “totalmente automático, e suas instalações contemplam absolutamente todas as possibilidades para que o abastecimento seja constante, de qualidade permanente e da maior pureza”.²⁹

Enquanto o saneamento constrói seus alicerces nas grandes estruturas urbanas que começam a se desenvolver na cidade, oficiais posam para uma foto em frente ao recém inaugurado Hospital Militar. A cidade saneada também demandava saúde e segurança.

Um trem transporta madeira de quebranto com dois trabalhadores labutando com afinco. Enquanto isso no centro o comércio *callejero* segue forte pelas ruas entre carros, motocicletas *Harley Davidson*, *Lambrettas* e animais de carga. A cultura estadunidense se mostrava cada vez mais presente. Um desfile estudantil do *Colegio Nacional de La Capital* desacelera um pouco o ritmo que faz com que alguns passantes parem para assistir. Alunos marcham divididos por gênero, os meninos com uniformes brancos e postura militar, enquanto as meninas do *Colegio La Providencia*, marcham ao lado de duas noviças.

A quilômetros dali, a cidade *Puerto Flor de Lis*, fundada em 1957, era rebatizada de *Puerto Stroessner*, em homenagem ao então presidente. É nesta cidade que também se vê erguer a construção da Ponte Internacional da Amizade, que abriria novas possibilidades de comércio e outros intercâmbios entre Brasil e Paraguai.

Estes retratos registrados por Frank Scherchel, fotógrafo estadunidense enviado pela revista *Life* ao Paraguai em 1959³⁰, permitem-nos acessar o registro de um olhar estrangeiro sobre novas impressões e sensibilidades que surgiam no país no final dos anos 50. Enquanto as novas motocicletas circulavam pela cidades disputando espaço com os burricos e cavalos, nas rádios o *Rock'n Roll* fazia bastante sucesso, invadindo bailes, festas e, como veremos, produzindo uma nova forma de performances corporais entre os jovens. O argentino Billy Cafaro e sua famosa canção *Pitty Pitty* invadiam as rádios da capital, enquanto *Bill Haley y Sus*

²⁹ EDITORIAL, **Revista Odontológica del Círculo de Odontólogos del Paraguay**; Vol. V. Núm.2, Maio – Agosto, 1959. p 7.

³⁰ LIFE MAGAZINE. Frank Scherschel Photos. **Time & Life Pictures**. New York. Oct 01, 1959. Disponível em <https://www.google.com/culturalinstitute/user-gallery/paraguay-1959/IQISlasBd7ScKg?hl=en>. Último acesso: 10 de julho de 2014.

Cometas se tornavam referência musical para toda uma geração que na década seguinte inauguraria os primórdios do rock nacional.

IMAGEM 3



IMAGEM 3 – FRANK SCHERCHEL: HOTEL GUARANI. ASSUNÇÃO. REVISTA LIFE [s/n] out/1959.

A partir desse contexto cultural e imagético podemos pensar nas sensibilidades que começaram a surgir nos anos 50, sem deixar de lado as influências capitalistas e macarthistas³¹ no país que estariam em consonância com a política ditatorial em voga no período.

³¹ Como macarthismo compreendemos o contexto de intensa vigilância anticomunista nos Estados Unidos da década de 50. Este contexto nos interessa principalmente porque, assim como ocorreu no Paraguai, como estudaremos, nos Estados Unidos, expressões homossexuais também foram perseguidas no mesmo período, a partir de acusações do senador Joseph McCarthy. Acontecimento intitulado *The Scare Lavanda*, ou Terror Lilás, em que homossexuais também foram detidos nos mesmos moldes das perseguições contra comunistas, intituladas *Red Scare*, o famoso Terror Vermelho. Ver JOHNSON, David K. **The Lavender Scare: The Cold War Persecution of Gays and Lesbians in the Federal Government.** University of Chicago Press, 2004 e sobre o Escândalo de

O país era governado desde 1954 pelo General Alfredo Stroessner³² que havia, a partir de um golpe militar, derrotado o presidente Federico Chaves, filiado também ao Partido Colorado. Foi com este partido que governou o país por longos 35 anos³³, sendo a ditadura³⁴ de maior duração na América do Sul. Certamente, o golpe paraguaio, iniciado no mesmo ano do golpe que derrubaria Arbenz na Guatemala, se insere em uma política maior no período, associada ao Macarthismo e aos anseios estadunidenses de intensificar as relações políticas e econômicas na América Latina, com o intuito de frear, evitar ou extinguir qualquer influência socialista na região³⁵. De acordo com o historiador Enrique Padrós

essa conjuntura da primeira metade dos anos 50 é marcada por fortes movimentos de direita que concluem em golpes e intervenções, como no caso do fim da Revolução Boliviana (1952), da violenta interrupção do programa de reformas que vinha sendo aplicado na Guatemala de Jacob Arbenz (1954) (com particular participação dos Estados Unidos e da empresa multinacional United Fruit) assim como dos golpes que forçaram a saída de cena de Getúlio Vargas, no Brasil (1954) e de Juan Domingo Perón, na Argentina (1955). Portanto, colocada nessa perspectiva, a ascensão de Stroessner no Paraguai, independente das questões específicas da política interna do país, está emoldurada por uma dinâmica de instabilidade que se projeta sobre a região, particularmente pelas pressões dos interesses dos EUA³⁶.

Boise em Idaho na mesma década GERASSI, John. **The Boys of Boise: Furor, Vice and Folly in an American City**. University of Washington Press, 2001.

³² Com o golpe de estado de maio de 1954, Alfredo Stroessner derrocou o presidente Federico Chaves, assumindo a presidência no dia 15 de agosto do mesmo ano. Reeleito por consecutivas eleições fraudulentas sem oposição nos anos de 1958, 1963, 1968, 1973, 1978, 1983 e em 1988. No dia 03 de fevereiro de 1989, outro golpe de estado encabeçado por Andrés Rodríguez Pedotti (também do partido colorado) o retira do poder, após esta data Stroessner fica encarcerado por alguns dias até ir para seu exílio em Brasília. Ao contrário do que aconteceu em outros países da América do Sul que chegaram a julgar os seus ditadores, os atos de Stroessner contra os Direitos Humanos nunca foram punidos. PAREDES, Roberto. **Stroessner y El Stronismo**. Asunción: Servilibro, 2004.

³³ Após sua saída em 1989, o Partido Colorado ainda governaria o país até 2008, ano em que a vitória de Fernando Lugo nas eleições quebraria a hegemonia de mais de 50 anos do Partido Colorado no poder.

³⁴ Dentre os vários conceitos de ditaduras podemos destacar no caso stronista: um regime com forte caráter personalista (baseada na pessoa do Stroessner), fundamentado pelo “estado de exceção”, utilizando os meios tradicionais do poder coercitivo (exército, polícia, burocracia, magistratura), com capacidade de propaganda e penetração direta nas instituições e nos grupos sociais, conseguindo reprimir as oposições abertas, contentando-se com uma massa apolítica e com uma classe dirigente disposta a colaborar. BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 368 – 378.

³⁵ É na década de 50 que a maioria dos países do continente evidenciaria “el agotamiento del modelo de industrialización por sustitución de importaciones”. SOLER, Lorena. **La larga invención del golpe**. Asunción: Editorial Arandurá, 2014. p. 109. O Paraguai, com extenso desenvolvimento agrário e comércio informal, seguiria um percurso de tímida industrialização, exportando matéria prima e importando produtos manufaturados de países como Argentina e Alemanha.

³⁶ PADRÓS, Enrique. O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional. **Anais do IX Encontro Estadual de História**. Seção Rio Grande do Sul ANPUH – RS, 2008. p.1.

O anticomunismo foi uma das características marcantes na política do período. A criminalização das manifestações trabalhistas, a censura, a proibição de greves e o forte abatimento dos movimentos anarquistas e comunistas devido às perseguições das lideranças políticas, foram posturas comuns praticadas pelos sucessivos governos da primeira metade do século XX³⁷.

Ainda assim, os anos 50 haviam sido bastante agitados no país. Greves gerais e diversas manifestações abalaram os primeiros anos do regime stronista que não poupou esforços para contê-las. O ápice das manifestações foi no ano de 1958, quando o movimento operário conseguiu mobilizar longas greves que chegaram a durar meses. No ano seguinte, os movimentos estudantis se mobilizavam contra a violência do estado³⁸ e o aumento do valor do transporte³⁹.

Em 1959 a ditadura stronista começou a passar por um processo de consolidação e saneamento social. Soma-se à instabilidade política a promulgação dos decretos N° 4.845 e N° 4.846 que dissolviam o Congresso e estabeleciam o estado de sítio, de forma permanente, respectivamente⁴⁰. Estas medidas, que visavam suprimir as sucessivas manifestações contra o governo, algumas sendo inclusive de parte do próprio Partido Colorado⁴¹, fomentaram o clima de constante

³⁷ Um trabalho bastante generoso acerca das diversas manifestações trabalhistas, seus contatos com o socialismo e o anarquismo e suas implicações com os governos no século XX pode ser lido nos três tomos da obra de GAONA. op. cit.

³⁸ Neste trabalho utilizaremos o vocábulo “estado” em letra minúscula visto que de acordo com o acordo ortográfico em vigor não há obrigação de diferenciação entre maiúscula e minúscula neste caso. Sua utilização em maiúscula provém de uma tradição do antigo acordo de 1943 que em seu artigo 5º determinava que a maiúscula seria utilizada “5º - Nos nomes que designam *altos* conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: Igreja (Católica, Apostólica, Romana), Nação, Estado, Pátria, Raça, etc.” Como este artigo já não se encontra em vigor e a única referência atual afirma o uso de maiúscula em estado como “Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente”. Deste modo conjugamos com o intento de atualizar as normas ortográficas também em seu sentido político de modo que concordamos com a proposta de Joelton Nascimento ao grafar “a palavra ‘estado’ deste modo, ao invés de ‘Estado’, como manda a tradição e alguns manuais de redação”, pois não encontramos razões linguísticas suficientes para a distinção de grafia que esta palavra possui. Apesar de ter mantido a grafia original das traduções e citações, “ao menos grafologicamente” nesta dissertação, “desapoderamos o ‘Estado’”. In: NASCIMENTO. Joelton. **Ordem jurídica e forma valor**: investigação sobre os limites estruturais da regulação jurídica no capitalismo contemporâneo. Tese de Doutorado em Sociologia UNICAMP, 2013. p. 15. Ver DIÁRIO DA REPÚBLICA. **Acordo ortográfico da língua portuguesa**. Lisboa. nº193, Série I-A. pp.4370 – 4388. Em vigor desde 12 de outubro de 1990.

³⁹ BOCCIA PAZ, Alfredo. GONZÁLEZ, Angélica Myrian. AGUILAR. Rosa Palau. **Es mi informe**. Los Archivos secretos de la policía de Stroessner. Centro de Documentación y Estudios. Asunción, 1994.p. 46-50.

⁴⁰ O estado de sítio figura na Constituição de 1940, porém, foi levantado por Stroessner novamente em 1959. PAREDES. op. cit. p. 81-82.

⁴¹ Os dissidentes do Partido Colorado que sofreram o exílio imposto pelo governo criariam o MOPOCO Movimiento Popular Colorado. BOCCIA PAZ, A.; GONZÁLEZ, A. M.; AGUILAR, R. P.; op. cit. p. 50.

vigilância, detenções arbitrárias e exílio, práticas do estado stronista que foram mantidas até o final dos anos 1980.

Deste modo, nos anos 1950 iniciou-se a primeira etapa do “stronismo” que de acordo com especialistas, possui características particulares em relação a outros governos regionais no período e que devem ser levadas em conta nesta análise.

Sua característica principal é a fusão do Partido Colorado com o Governo e as Forças Armadas. Deste modo, para adentrar ao serviço militar se fazia obrigatório à filiação ao partido, bem como para trabalhar nos órgãos públicos⁴².

Metodologicamente os estudos sobre o stronismo costumam embasar a prática política stronista em duas tríades. A primeira de teor organizacional do governo e a segunda em sua iniciativa legalista, pois, três leis principais foram promulgadas durante as décadas do regime e ao mesmo tempo em que endureciam a violência institucional buscavam forjar uma fachada democrática ao governo.

A tríade organizacional do stronismo se refere à prática do regime como: uma ditadura militar que, segundo Roberto Céspedes⁴³, utilizou o exército como força de intendência e manutenção do regime (junto a Polícia Nacional); como um estado prebendário, de acordo com Esteban Caballero⁴⁴, já que as repartições de postos públicos, oportunidades econômicas e intercâmbios se davam em trocas de favores e relações informais de poder; e como um estado onívoro, por sua vontade totalizante em relação à pluralidade social, desativando organizações sindicais, partidárias e sociais, oferecendo um pluralismo limitado sempre em defesa da liberdade e da pátria.⁴⁵

Para dar legitimidade à fachada democrática foram promulgadas leis que visavam fazer uma “defesa da sociedade”. Destas, três formam o marco de constituição do stronismo durante os 35 anos de Alfredo Stroessner no poder.

⁴² Uma das consequências desta fusão foi a filiação automática de todos os membros do governo, bem como o desconto no salário destes para contribuição do Partido, além da assinatura obrigatória do Jornal Pátria, periódico oficial do governo. GOIRIS, Fabio Anibal Jara. **Autoritarismo e democracia no Paraguai Contemporâneo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

⁴³ CESPEDES, Roberto. **Emergence and consolidation of a military dictatorship in Paraguay**. New Jersey: [s.n], 1982.

⁴⁴ CABALLERO, Esteban. **Documentos de discusión**. Dictadura, estado prebendario y crisis política. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociopolíticos (CPES), 1985.

⁴⁵ ARDITI, Benjamin. **La politicidad de la crisis y la cuestión democrática**. Estado, economía y sociedad en el Paraguay. Asunción: CLACSO-PNUD, jun. 1986.

Em 1955 foi promulgada a lei de *Defensa de la democracia* que constava em seu Art. 2.

Serán reprimidos con la pena de seis meses a cinco años de penitenciaría: 1) los que difundieren la doctrina comunista o cualesquiera doctrinas o sistemas que se propongan destruir o cambiar por la violencia la organización democrática republicana de la Nación, 2) Los que organizaren, constituyeren o dirigieren asociaciones o entidades que tengan por objeto visible u oculto cometer el delito previsto en el inciso precedente⁴⁶.

Deste modo inaugurava-se a *democracia sin comunismo* já que, como veremos no segundo capítulo, o argumento contra as doutrinas comunistas e socialistas era de que eram totalitárias e anti-democráticas e, portanto, em defesa da sociedade era necessário protegê-la de qualquer influência soviética.

Em 1959, levantada a lei de estado de sitio, que já constava na constituição de 1940, figurava em seu Art 52.

Si sobreviene alguna amenaza grave de perturbación interior o conflicto exterior que pueda poner en peligro el ejercicio de esta Constitución y a las autoridades creadas por ella, el Presidente de la República declarará en estado de sitio una parte o todo el territorio de la República, con cargo de dar cuenta a la Cámara de Representantes. Durante el estado de sitio, el Presidente de la República podrá ordenar el arresto de las personas sospechosas. Podrá también trasladarlas de un punto a otro de la República, salvo que ellas prefieran salir fuera del país. Una ley reglamentará la aplicación del estado de sitio para la defensa del orden y de la seguridad de la República⁴⁷.

Deste modo a lei assegurou o direito legal ao estado de prender “pessoas suspeitas”, mesmo que sem provas de seus delitos, em nome da *orden y de la seguridad de la república*.

Em defesa da democracia novamente, em 1970, outro decreto-lei era declarado com um nome emblemático. Para proteger o nome de governantes e tentar neutralizar qualquer possibilidade de oposição, crítica ou enfrentamento contra o governo, o decreto-lei 209 chamado *Defensa de la Paz Pública y Libertad de las Personas* declarou em seu Art. 6.

Los que cometieran calumnia o difamación contra el Presidente de la República, Ministros del Poder Ejecutivo, Miembros del Poder Legislativo o Miembros de la Corte Suprema de Justicia, serán sancionados con 3 a 6

⁴⁶ PARAGUAI. **Decreto-Lei N° 294 de 17 de outubro de 1955**. Artigo nº 2. Assunção, Registro Oficial da República do Paraguai.

⁴⁷ PARAGUAI. **Decreto-Lei N° 2.242 de 10 de julho de 1940**. Artigo nº 52. Assunção, Registro Oficial da República do Paraguai.

años de penitenciaría. En los delitos de ultraje o injuria cometidos contra las personas indicadas precedentemente, la pena será de uno a tres años de penitenciaría. La acción penal de estos delitos podrá ser promovida por el Ministerio Público a requerimiento oficial de los ofendidos⁴⁸.

Com estes aparatos legais fortemente constituídos, cabe perguntar, quais seriam os corpos que perturbariam a pátria? Se o regime construiu nas letras o respaldo para levar a cabo as detenções arbitrárias, investigações e detenções sem provas, contaria também com as redes do estado prebendário para fazer cumprir a lei, fomentar interesses pessoais e delações anônimas.

Voltando às imagens, nos gabinetes e salões do governo, Stroessner era também fotografado pelo enviado da *Revista Life* ao Paraguai. Ora sentado em seu gabinete, ou em pé posando com outras autoridades militares, ora acompanhado de sua família, observando a filha tocar piano. Além dessas, duas outras fotografias podem ter bastante a dizer.

Na primeira, um cartaz anuncia que “*La Dirección General de Correos comunica a las personas interesadas en ocupar cargo u empleo en esta Institución que, por razones de austeridad estatal, NO EXISTE VACANCIA Setiembre de 1959*”⁴⁹. A crise de 1959 estava ligada principalmente à idéia de que o progresso em marcha, visível na construção de edifícios e vias públicas, não significaria necessariamente igualdade de acesso ou investimentos em serviços públicos considerados secundários.

A “austeridade” governamental também se via pelas paredes da *calle* Palma. Além dos muitos transeuntes e carros que passavam, se vê, ao lado esquerdo da fotografia, na esquina com a rua Chile, dezenas de marcas de projéteis. O que gritavam as paredes de Assunção?

Violência urbana, crise familiar e econômica. Como veremos, são vários os enredos que formam o contexto assunceno dos anos 1950. Entre os muros e as ruas, os boatos e a constante vigilância seguiam pelas calçadas. Permeando as novidades da Assunção modernizada os medos públicos, também modernos,

⁴⁸ KAMKHAGI, Elías. El funcionamiento de las Instituciones bajo el Estado de Sitio y las leyes 294/55 y 209/70. In: **Paraguay, un Desafío a la responsabilidad Internacional**. Edição do Secretariado Internacional de Juristas pela anistia e pela democracia no Paraguai. Banda Oriental, Uruguai, 1986. p. 44-46.

⁴⁹ LIFE MAGAZINE. op. cit.

formavam uma nova variação do criminoso nato⁵⁰ no século XX: um amoral começava a surgir registrado nos jornais do país.

IMAGEM 4



IMAGEM 4 – FRANK SCHERCHER: RUA CHILE COM PALMA. ASSUNÇÃO. REVISTA LIFE [s/n] out/1959.

1.2...Y UN QUEMADO: O CASO BERNARDO ARANDA

Bernardo Aranda foi um famoso locutor da *Radio Comunerós*, conhecido por sua simpatia e por ser um ótimo dançarino de *rock'n roll*. Considerado um “*paraguayo seductor*”, era frequentemente visto nos bailes e nas festas da época. Nascido na pequena cidade de Arroyos y Esteros, filho caçula entre sete irmãos, Bernardo foi retratado em sua biografia como “*un muchacho campesino que llegó a Asunción con ganas de triunfar, de ser alguien, de trabajar*”⁵¹.

⁵⁰ O “criminoso nato” é uma figura jurídica formada por Cesare Lombroso, psiquiatra e criminalista italiano do século XIX que acreditava que certos atributos físicos poderiam demonstrar tendência à criminalidade.

⁵¹ ROCHE, Armando Almada. **108 y un quemado**. Quién mató a Bernardo Aranda? Asunción: Arandurá Editorial, 2012. p. 88.

IMAGEM 5

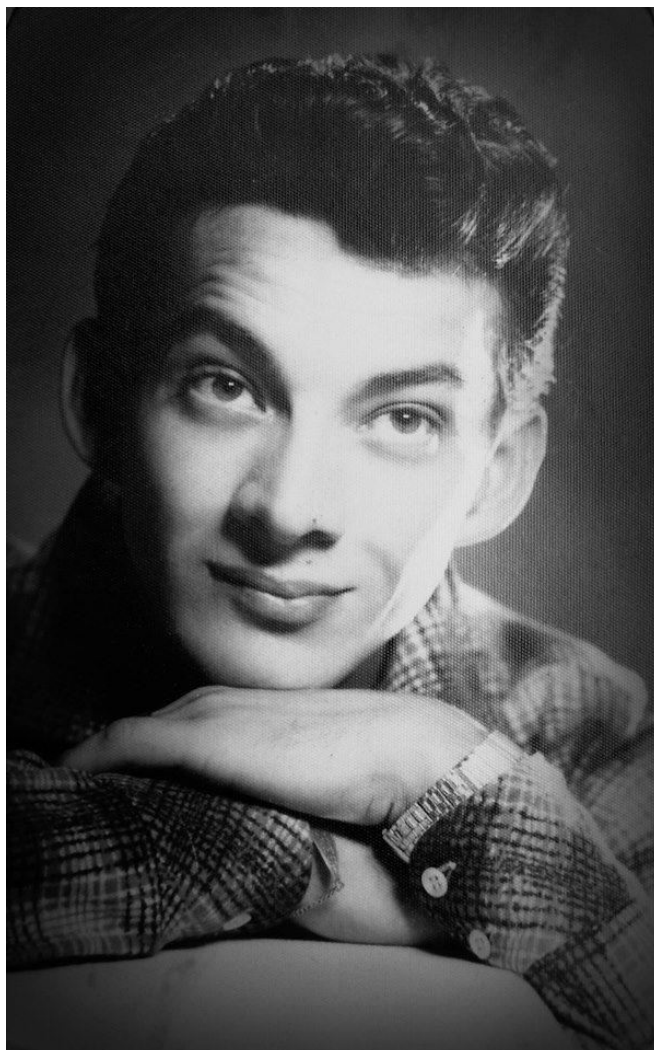


IMAGEM 5 - BERNARDO ARANDA. FOTO: ACERVO DE RECUPERANDO MEMORIAS LGBTI - PARAGUAY⁵².

Armando Almada Roche, amigo e autor da biografia de Bernardo traça a personalidade do locutor como um jovem ambicioso e muito amável. Um “verdadeiro artista” que inspirava muitos amores e admiradores. Porém, o ambiente artístico de Bernardo não era formado apenas por flores, segundo sua ex-companheira. Em entrevista dada a Almada, Perla Miño, ex-noiva de Aranda, afirma que *“En el ambiente artístico, todo el mundo lo sabe, abundan los casos de mariconería⁵³. Y las mariconerías de los invertidos, ya se sabe, siempre terminan en crímenes. La gente*

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/memoriaslgbtipy?fref=ts>. Último acesso: 23 de março de 2015.

⁵³ *Mariconería* é um termo proveniente de “maricón”, modo pejorativo de se referir aos homossexuais, geralmente associado ao gestual “feminino”, voz “afeminada” e etc.

*decía que Bernardo era Maricón*⁵⁴. A frase de Perla, ainda que pronunciada décadas depois do acontecimento, soa bastante próximo ao que se divulgava nos anos 50, como veremos.

Bernardo Aranda foi assassinado em 1º de setembro de 1959. Segundo os periódicos da época, na noite do crime, o locutor havia jantado com seus amigos no bar Carioca e, “ligeiramente bêbado”, teria ido ao seu local de trabalho para buscar um disco antes de ir para sua casa que ficava próximo. Pouco depois de uma da manhã os vizinhos ouviram uma terrível explosão seguida de uma grande nuvem de fumaça. Seu corpo foi encontrado de cócoras e completamente carbonizado sobre a cama.

Segundo o testemunho de Almada, que afirma ter encontrado o corpo de Bernardo junto com a proprietária da casa na qual alugava um quarto, e do chefe da Radio Comuneros, na qual trabalhava o locutor, a cena era de um “espetáculo monstruoso”. *“Un fuerte olor a carne quemada reinaba en el lugar”*. Bernardo se encontrava *“de cuclillas, y con un brazo levantado y la boca abierta, en actitud de escapar, pero petrificado”*. Em sua memória, segundo ele, esta cena ficou gravada como *“una fotografía, como si el mundo se hubiera detenido por unos segundos, minutos incluso”*⁵⁵.

O periódico *El País*⁵⁶ publicaria no mesmo dia do assassinato *“Trágico Fin Halló en la Madrugada de hoy El locutor Bernardo Aranda”*⁵⁷. Anexas à notícia duas fotos foram publicadas, registros estes que seriam do local do crime⁵⁸. Na primeira, se vê o quarto desordenado com cartazes e fotos penduradas nas paredes. A segunda, com o corpo carbonizado do locutor sendo averiguado por um policial.

As fotos são sucedidas de uma descrição detalhada do local do crime e do estado que se encontrou o corpo, além dos fatos que aconteceram após a chegada da polícia. Lê-se na página 7 do mesmo jornal que de acordo com as primeiras informações colhidas pelo cronista no lugar do *“triste desenlace”*, informam que à 1:15 da madrugada, Aranda chegou em casa e colocou sua moto no pátio.

⁵⁴ ROCHE. op. cit. p. 41.

⁵⁵ Ibid., p. 170.

⁵⁶ O jornal *El país* foi fundado em 1935 como continuação do *El Orden*, defensor do setor conservador do Partido Liberal. Mesmo sem se declarar partidário do Partido Colorado, possuía uma vertente próxima à ditadura stronista. POZZO, Aníbal. **Periodismo en Paraguay**. Asunción: Editorial Arandurá, 2007. pp 236 – 238.

⁵⁷ TRÁGICO Fin Halló en la Madrugada de hoy El locutor Bernardo Aranda. **El País**. Assunção: [s/n].

^{1º} de setembro de 1959. p.7.

⁵⁸ Id.

Posteriormente foi à Radio Comuneros, localizada ao lado de sua casa, para buscar um disco. Voltando ao seu quarto *“Sintonizó su receptor y puso su disco ‘La Revista del Rock’ Billy Haley y sus cometas - Long Play - que dejó en el tocadiscos así quedo al parecer dormido. Para dormir había cerrado bien la puerta y la ventana de su pieza”*.

Após a breve descrição da chegada de Bernardo ao local do crime, o texto apresenta um subitem específico sobre a detalhada *“DESCRIPCIÓN DE LA TRAGEDIA”*. Informava que tudo o que havia no quarto de Aranda havia sido queimado, a cama, assim como o colchão, se haviam tornado puro carvão e cinzas.

Quanto ao cadáver, segue o testemunho do cronista enviado, *“estaba en cama en posición de boca para arriba, las dos piernas en cuclillas, el brazo izquierdo semi levantado hacia arriba y recostado sobre la cama con un anillo en el dedo”*. Ainda de acordo com a minuciosa descrição, o braço direito estava *“más hacia el tórax u también semi levantado hacia arriba. El fuego quemó íntegramente las ropas de dormir”*.

A minuciosa descrição do local e a preocupação com o detalhamento a respeito do estado do corpo de Bernardo dão informações mais do que suficientes para que o leitor se aproximasse do fato e construísse para si mesmo a imagem do acontecimento. Esta aproximação com a imagem, que será uma aproximação relacional com o caso Bernardo Aranda, fomentou intensas discussões públicas a respeito do caso. Coube aos leitores enviar suas cartas para o periódico, fazendo conjecturas e traçando o perfil do suposto assassino, participando, portanto, das discussões em torno do famoso caso⁵⁹.

⁵⁹ As cartas nas quais os leitores escreviam de forma anônima, denunciando homônimos e fazendo uso de pseudônimos serão analisadas no segundo capítulo.

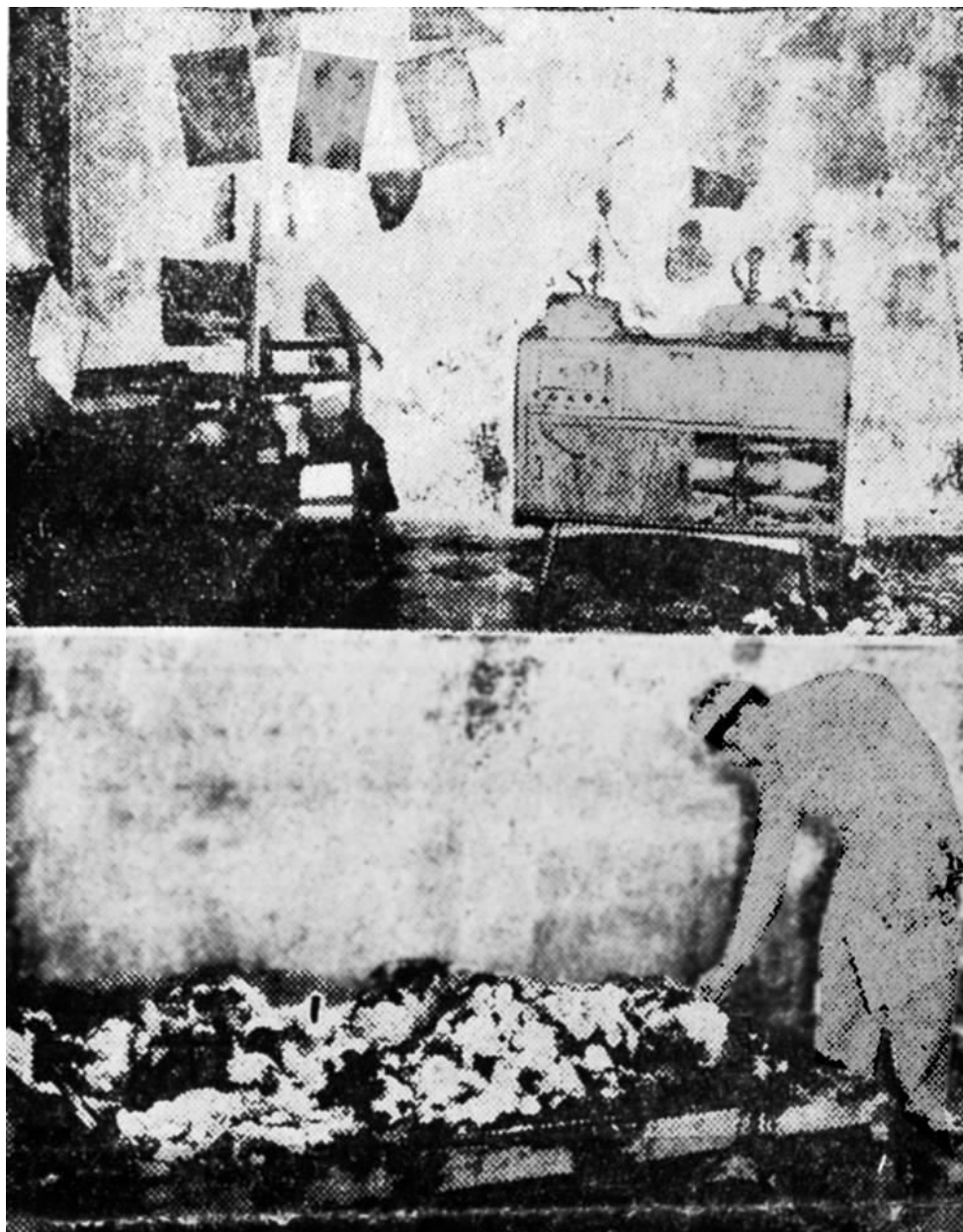
IMAGEM 6

IMAGEM 6 – EL PAÍS: CENA DO CRIME. ASSUNÇÃO. 01 de setembro de 1959. p.7.

A menção de Almada à fotografia como registro de memória e as fotos publicadas no periódico fazem parte de um tipo de “delação fotográfica”, na qual a descrição da cena do quarto passa a se tornar uma denúncia sistemática e pública, alimentando o espanto e o repúdio dos leitores. As fotos do corpo desfigurado de Aranda podem ser descritas no que a autora Nelly Richard chamou de “a primeira

estigmatização da identidade cometida pelo aparato fotográfico”, na qual “o sacrifício do individual é esvaziado à moldura do público”⁶⁰.

O mais íntimo é publicizado de forma seriada pelos periódicos. A desordem individual, o estado do corpo e a rápida presença policial no local são peças que irão compor o imaginário dos leitores, permitindo que pela curiosidade ou pela indignação, pudessem fazer parte também da chamada “delação fotográfica”. É a partir da análise dessas fotos e da leitura do testemunho do cronista *in loco* que o leitor adquiria as ferramentas para, ele próprio, se posicionar sobre os fatos e encontrar o culpado, mesmo que imaginariamente. Mais que isso, o esmero no testemunho da cena e sua publicação dão possibilidades para que o leitor faça parte dos acontecimentos e seja ao mesmo tempo investigador, juiz e justiceiro, “rastreando pegadas técnicas da maquinação visual orquestrada pelo aparato serializador que dita a sentença coletiva”⁶¹.

Neste sentido, Nelly Richard analisa a “*reacentuación dos gêneros*” como degeneração do gênero, tanto discursivo quanto sexual. Em sua tese, o gênero do testemunho – como o dito do que foi visto e sentido – havia questionado as hierarquias da tradição canônica nos gêneros da literatura. Porém, a ênfase na fragmentação dos acontecimentos e das experiências criando novas “macro-unidades de significação” não foi suficiente para a produção de narrativas sobre o passado.

Para a autora, a experiência da ditadura e o horror da violência empurram a pluralidade e fragmentação dos relatos a extremos de criatividade, “*subterfúgios técnicos y artificios ficcionales*” visando dar, com todos os meios da realidade e da fantasia, uma forma eloqüente, cronológica e coerente ao “*inercial, desechable*”.

O cuidado em narrar o acontecimento, com a descrição acurada do produto da violência, relatar o estado do corpo carbonizado, o odor de carne queimada, as duas pernas dobradas, o braço esquerdo “*semi levantado hacia arriba*” e ainda “*recostado sobre la cama con un anillo en el dedo*” são fragmentos não só da cena de um crime, encarado pelas investigações como um crime passional, mas sim,

⁶⁰ RICHARD, Nelly. **La insubordinación de los signos**. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2000. p. 22.

⁶¹ Ibid., p.22-23.

rastros de subjetividade, “*jirón de identidad, resíduo narrativo, desecho lexical, basura tecnológica, errata sexual y falla de géneros*”⁶².

O episódio fomentava cada vez mais perguntas. *Cómo halló la muerte Bernardo Aranda?* No dia 3 de setembro o jornal *El país* publicara as conjecturas e indagações do público que “*apasionadamente sigue el curso de las investigaciones*”. O crime, considerado tema “obrigatório em toda roda de conversas da capital” estava sendo analisado por duas hipóteses, eletrocução ou queimadura por fogo. Os detalhes a respeito do crime se tornavam cada vez mais minuciosos.

A eletrocução, segundo a nota, “*aniquila el funcionamiento de todos los órganos*” porque “*la corriente eléctrica no recorre la superficie del cuerpo*”, mas sim, invade instantaneamente “*todos los órganos vitales del organismo*”. Já a queimadura, “*afecta los tejidos de la piel en su penetración*”, sem ferir os órgãos vitais. As queimaduras, segue a nota, “*anulan las puertas del oxígeno, a través de los tejidos*” e, em última instância, “*paraliza la actividad fisiológica del cuerpo humano*”⁶³.

Ao final duas perguntas são lançadas. Pode um homem ser incendiado estando dormindo ou acordado, sem que tente se defender contra o avanço do fogo? Pode o fogo, sem aditivos de combustíveis especiais, avançar tão rapidamente de forma a impedir a reação da vítima? O jornal termina a nota prometendo publicar, na edição do dia seguinte, outras indagações que o público formula, “tão somente” pelo motivo de tentar contribuir com o “*esclarecimiento de este trágico suceso*”.

Porém, o leitor, participante ativo na construção das hipóteses a respeito do caso, não contava apenas com a descrição da cena do crime, ou com os artifícios de quem a fotografou para poder fundamentar sua investigação pessoal. Para embasar as suposições e leituras a respeito do caso, não bastavam apenas hipóteses leigas. A sentença coletiva, citada por Richard, poderia dispor da mesma paixão pelos fragmentos e restos que possuem outras áreas do conhecimento além da literatura. Para desvendar o mistério, entraram em cena, a medicina legal e o direito.

⁶² Ibid., p.33.

⁶³ CÓMO halló la muerte el locutor Bernardo Aranda. **El País**. Assunção: [s/n] 03 de setembro de 1959. Ano XXIV. nº 6.423. p. 2.

1.2.1 *La más completa investigación judicial, médica y policial*

Médicos, criminalistas e vários tipos de especialistas foram chamados pelos periódicos para darem seu parecer a respeito do crime. Suas suposições e laudos científicos serviriam para embasar e ajudar construir o enredo a respeito do ocorrido, além de alimentar a curiosidade dos leitores por vários dias, os quais se perguntavam, como num enredo romanesco, “Quem matou Bernardo Aranda?”.

O diagnóstico da autópsia foi integralmente publicado pelo jornal *El País* e, não por acaso, é uma das pouquíssimas notas a respeito do caso que aparecem assinadas. Certifica então Hernando Mongelós S., médico forense suplente que inspecionou o cadáver de Bernardo Aranda, “*paraguayo, soltero, de 25 años de edad, locutor radiotelefónico*” o qual, de acordo com o laudo, se encontrava com extensas queimaduras de segundo e terceiro grau, “que abrangem todo o corpo”. Não foi encontrado, durante a autópsia, nenhum sinal de feridas no corpo ou nos órgãos internos, apresentando somente, extensas queimaduras “*a nivel de laringe y traquea que llegan hasta los grande bronquios y cuyo fallecimiento se produjo por ASFIXIA POR SOFOCACIÓN debida a los gases en combustión inhalados*”⁶⁴.

As publicações muito detalhadas não pouparam nem as entranhas de Aranda. A legitimidade médica oferecia também legitimação ao conteúdo dos jornais. Neste período, as publicações de *El Independiente* e *El país* dialogavam e disputavam o furo jornalístico. Quanto mais *verdadero* era considerado o discurso publicado, mais um sentido de verdade era produzido a respeito do periódico. Os detalhes faziam parte, novamente, da constituição de um discurso de verdade.

Esta vontade de verdade do discurso médico e sua utilização como legitimação da verdade também foi estudada por Michel Foucault. Em sua análise sobre o poder em sua escala microfísica, na qual, o autor se baseia em suas pesquisas em clínicas psiquiátricas na França dos anos 50, Foucault afirma que sua principal questão ao analisar o discurso médico, era o “estatuto político das ciências”⁶⁵ que, ainda que pareçam neutras, estão emaranhadas em relações de poder. É nos discursos de poder, como os discursos médico e jurídico, que se

⁶⁴ COPIA del Diagnóstico de la Autopsia Practicada al Locutor B. Aranda. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 05 de setembro de 1959.

⁶⁵ FOUCAULT. Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

encontra uma radicalização da dominação, compreendida por regras formais de enunciação, onde o poder e o saber ditam as normas sobre as práticas dos sujeitos.

Neste sentido, o discurso do direito também funciona a partir de um estatuto de verdade. Em sua aula de 08 de janeiro de 1975 publicada no livro *Os anormais*, Foucault afirma que os discursos de verdade possuem legitimação porque são

discursos de verdade com estatuto científico, ou como discursos formulados, e formulados exclusivamente por pessoas qualificadas, no interior de uma instituição científica. Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos [...] que fazem rir. [...] Esses discursos cotidianos de verdade que matam e que fazem rir estão presentes no próprio âmago de nossa instituição judiciária.⁶⁶

Segundo o jornal *El País*, “*La más completa investigación judicial, médica y policial*”⁶⁷ estava em curso em Assunção. Como “*nunca se ha visto*” na história do país, um grande número de especialistas foram ao local do crime para fazer sua reconstrução. No ato compareceu o Juiz criminalista Juan Pastor Torres Carballo com seus auxiliares técnicos, médicos forenses e policiais especializados em crimes. Equipe que dispunha do meios “*más adecuados de las técnicas de investigación*”.

A nota afirma que a investigação contava também com os “*renomados doctores*” químicos R. Boettner, V. Escobar e M. Barrios que continuaram analisando os “*tubos de análisis*” e seus aparatos de observação com grande “*precisión y seriedad*”. A polícia que colaborava “*con eficacia y justicia*”, pôde garantir através de uma fonte “*segura y entendida en el ramo*” que os mais hábeis especialistas no ramo estão atuando neste caso.

Para finalizar e demonstrar seu compromisso com o público leitor, o jornal comenta que “*la opinión pública no será defraudada*”. Reafirmando o compromisso do periódico com a “*opinión pública nacional*” de que todas as informações a respeito do caso seriam publicadas de modo que o leitor de *El país* poderia se assegurar de que saberia “*todo, hasta el último detalle*”.

Finalmente, após as “*criteriosas*” análises científicas realizadas pelos “*maiores especialistas do país*”, a conclusão médico-policial foi a de que Bernardo Aranda havia sido queimado com algum combustível, provavelmente *nafta* (gasolina) e que pela barbárie e intensidade da violência, o autor do crime só podia ter tido

⁶⁶ Id. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. p.7

⁶⁷ LA MÁS completa investigación judicial, médica y policial. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 04 de setembro de 1959.

uma motivação passional. Porém, ainda que se chegasse à tese de como o crime foi cometido e de sua motivação, faltavam pistas que dessem sinais de quem seria o autor. “*Nos hallamos ante un crimen perfecto?*”.⁶⁸

Para resolver o “*impenetrable misterio*”, os investigadores teriam que ampliar as investigações. Neste sentido, sua ampliação significava aumentar os círculos de busca de modo a multiplicar os seus suspeitos, multiplicando também os interrogatórios. Devido a tal amplitude, de um crime que, segundo as narrativas, exigia o maior especialista, os melhores cuidados e a absoluta atenção, fazia-se necessário envolver outras pessoas, não especialistas, porém, nem por isso menos zelosas em sua elucidação. A sociedade assuncena estava comprometida em colaborar para solucionar o crime e para isso, construiria, junto aos discursos de poder, todas as características do suposto criminoso.

Estas características, como veremos, associadas à homossexualidade eram representadas por trejeitos considerados femininos, como roupas justas e gestual efeminado. O assassinato não escaparia das páginas de humor, que publicaram charges que satirizavam como seria o provável assassino. Estas imagens também fomentaram o imaginário social no sentido de construir um homicida efeminado.

Nesta charge dois homens “efeminados” conversam sobre um provável desengano que seria solucionado com o uso de gasolina, fazendo explicitamente referência ao assassinato e à suposição de crime passional, característica que acompanhará todo o desenrolar do caso, já que da forma como foi encontrado o corpo e a informação de que Aranda frequentava os círculos de “*mariconería*”, só poderia se tratar do fim trágico de um “*desengaño*”, uma relação mal resolvida, um surto passional, entre outras palavras, de um amor maldito.

⁶⁸ EL CASO Bernardo Aranda sigue Cercado de un Impenetrable Misterio. **El Independiente**. Assunção: [s/n]. Ano I. 08 de setembro de 1959. [s/n].

IMAGEM 7



IMAGEM 7 - GUARIPOLÍN: NAFTA. REVISTA ÑANDÉ. ANO I. Nº 11. p. 07.

1.3 AMORALES Y PETITEROS: A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO HOMOSSEXUAL E A AMORALIDADE

Várias notas foram publicadas sobre o assassinato nas primeiras semanas após o ocorrido. O jornal *El Independiente*⁶⁹ publicara no dia 2 de setembro “Bernardo Aranda, un soldado de la radiotelefonía y una esperanza del periodismo nacional desaparece”⁷⁰. Três dias depois comentários são publicados no jornal sobre as hipóteses do que havia acontecido com Bernardo. Crime ou suicídio? Na

⁶⁹ O jornal *El independiente* foi fundado em 1959 e, ao contrário de *El País*, era formado por dissidentes do Partido Colorado, integrantes do *Movimiento Popular Colorado*, MOPOCO. Porém, seu jornalismo “independente” não pôde durar muito e foi encerrado na década de 1960 com a prisão do diretor de redação Víctor Simón, um dos jornalistas detidos pela ditadura stronista.

⁷⁰ BERNARDO Aranda un soldado de radiotelefonía y una esperanza del periodismo nacional desaparece. *El Independiente*. Assunção: [s/n]. Ano I. 2 de setembro de 1959. p. 1.

publicação analisam “*Ciertas Relaciones*” de Aranda. “*Las personas del vecindario lo recuerdan con afecto*”, porém, “*explican que él tenía algunos ‘amigos’ de esos que llaman petiteros con marcada tendencia a la feminilidad. Estos jóvenes sodomaniáticos visitaban con asiduidad la casita donde vivía Aranda*”⁷¹. Foi a primeira vez que a sexualidade e as companhias de Aranda foram mencionadas no jornal, oferecendo novidades para a investigação.

Uma nota policial na primeira página do jornal *El País* já anunciava o suposto “*Auge de la criminalidad*”⁷² percebido pelas autoridades policiais. A nota, publicada na seção editorial “*La voz de la Policía*”, afirma que nos últimos tempos havia-se registrado um alarmante aumento da criminalidade na região. Seus motivos são tantos, segue dizendo, que não poderiam ser explicados em apenas uma nota editorial, porém, ainda assim, se faz importante “*anotar algunas causas primarias que se agitan en el fondo de los turbios acontecimientos*” que consternam a opinião pública.

É verdade que nos dois periódicos, *El País* e *El Independiente*, entre o mês de setembro e outubro de 1959, notícias sobre crimes e o acompanhamento de seus desdobramentos eram bastante comuns. Abaixo desta mesma nota, por exemplo, se lê a chamada para outras notícias a respeito de três assassinatos que haviam ocorrido no período.

Entre as explicações dadas na nota a respeito deste aumento da criminalidade a primeira é de que, como já se havia dito em outras notas editoriais, a sociedade paraguaia estaria passando por uma verdadeira “*crisis de disciplina*” dentro de seus lares. Nesta crise os filhos “*han perdido el respecto a sus padres. Las normas de convivencia hogareña se resquebrajan y demasiado personas en edad juvenil viven de acuerdo a sus instintos desatados y no de acuerdo a las normas consagradas como debe ser*”. Ao redor desta juventude “*desenfreada*” se estaria criando uma sucessão de vícios “*innombrables*”, nos quais, surge uma nova figura que começa a pairar no imaginário asunceno do período, *El Petitero*.

Após nominar a “crise do lar”, a “juventude irresponsável” e seus “instintos desenfreados por diversão”, a nota segue fazendo uma análise dos *Petiteros*,

⁷¹ EL CASO Aranda Sigue Concitando los más Diversos Comentarios: Crimen o suicidio?. **El Independiente**. Assunção: [s/n]. Ano I. pp. 1 - 2.

⁷² AUGE de la criminalidad. Editorial de “La voz de la policía”. **El País**. 10 de setembro de 1959. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. p.1.

sujeitos conhecidos por seu bem vestir e elegância⁷³ que começam a figurar nos periódicos com relativa frequência associados à perversão moral e ao crime, como veremos.

A nota policial afirma que os *petiteros* são jovens que se convertem em ansiosos buscadores de emoção e sensações estranhas. “*Las fiestas desenfrenadas y las depravaciones cuentan cada día con más adeptos*”. Atuando “*desde las sombras*” os sombrios personagens do vício eram considerados os mais perigosos inimigos da juventude e da adolescência no período. Deste modo, o que parecia uma inocente “*diversión de rock’ n roll*”, se converte no primeiro caso em direção à queda “*en el abismo del vicio peor que degrada a los hombres hasta las últimas escalas de la especie inferior*”.

A construção simbólica do *petitero* paraguaio é diferente das descrições argentinas. Enquanto na Argentina o tipo *petitero* surge mais como uma caricatura de um homem elegante e bem vestido, inspirando até a composição de tangos, em Assunção o *petitero* se transforma em figura ameaçadora à ordem moral. Ele é associado diretamente à homossexualidade, o que o torna não apenas um sujeito masculino diferente, de quem se poderia fazer chacotas. Muito menos um criminoso qualquer. O inimigo público em questão é o *petitero* homossexual e isto significa dizer que sua existência está marcada por tudo o que sua subjetividade *anormal* e *amoral* envolve⁷⁴.

⁷³ Os “petiteros” constam nos dicionários de Lunfardo como figuras associadas ao “dandy” inglês. Sujeitos afetados, bem vestidos, intelectuais e frequentadores do Petit Café da avenida Santa Fe, lugar de tradicional reunião do jovens elegantes de Buenos Aires dos anos 40 e 50. A este personagem seria inclusive dedicado um tango, composto pelo portenho Aldo Cammarota. Sua letra é interessante no sentido de que nela, o cantor ironiza o gestual *petitero* e sua situação social, que apesar de bem afeiçãoado e elegante, sabia-se que ele não necessariamente fazia parte da alta classe bonairense. Segue a letra completa: *¡Petitero, con pullover y de saco con tajitos, con zapatos mocasines, y con camisa de orlón! / ¡Petitero, sos el héroe de la moda que acomoda al girar la licuadora el latir del corazón! / ¡Petitero de elegante naricita respingada que reduce a una vidriera la cultura intelectual, cuando vas por la Gran Vía quien te ve nunca diría que viajás siempre en tranvía y no en auto de papá! / ¡Petitero! Es el barrio el que te grita “¿Qué querés con esa pinta y el peinado a lo Marlon?” ¡Petitero! Es a vos a quien pregunto si ese traje tan medido lo ponés con calzador / ¡Petitero! Tu melena ensortijada justo para la cachada es cordial invitación. ¡Vos te crees que yo no sé que vivís lejos del centro, pero andás ancho y contento en Callao y Santa Fe! / ¡Petitero, vos sin duda sos héroe del momento lo demás es puro cuento. ¡Sos campeón del rococó! / ¡Petitero, me hacen gracia tus modales adquiridos, y el inglés desconocido que aprendés con Nat King Col! / ¡Petitero!, al mirarte las mujeres te sonríen, los muchachos se te ríen / no comprenden tu valor! ¡Ellos no están en la onda y se burlan de la moda, mientras vos tomás con soda tu cremita con café!*. Ver PÉRSICO, Eduardo. **Lunfardo en el tango y la poética popular**. Glosario, ensayo de voces y poemas. 1ª.edición. Buenos Aires, Proyecto Editorial 2004 e TERUGGI, Mario E. **Panorama del lunfardo**: génesis y esencia de las hablas coloquiales urbanas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978.

⁷⁴ Isto não significa que não houvesse perseguições contra homossexuais na Argentina. O campo de

Associado aos estereótipos de feminilidade, o *petitero* possui sua própria singularidade, sua forma de estar no mundo. Nesta charge se vê vários detentos da penitenciária *Guardia de Seguridad* localizada entre as ruas Yegros e 24 Proyectada. O assassino de Aranda, um suposto *petitero*, aparece no último quadro em uma pose “efeminada”. Seu número de identificação é o 108, número associado à homossexualidade, como veremos a seguir.

IMAGEM 8



IMAGEM 8 - BOTTI: YEGROS Y 24 PROYECTADA. REVISTA ÑANDÉ. ANO I; N° 14, p. 23.⁷⁵

estudos sobre as perseguições ditatoriais contra sexualidades consideradas dissidentes está em fase de grande ampliação. Sua produção, além da literatura, demonstra que esta era uma prática comum em governos autoritários na América Latina. Ver sobre: Argentina, PELLIZZI, Hector. **Deshonrar las tumbas**. 1ª Edição, Argentina, 2006; Chile, LEMEBEL, Pedro. **Poco hombre**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013; Uruguai, SEMPOL, Diego. **De los baños a la calle**. Montevideo, Editorial Sudamericana Uruguay, 2013; Brasil, GREEN, J., QUINALHA, R. (orgs.) **Ditadura e Homossexualidade**. Repressão, Resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2014.

⁷⁵“Tipologías’ de detenidos destinados a Yegros y 24 proyectadas, sede de la ex Guardia de Seguridad, lugar que sirvió para torturar, encerrar y hasta enterrar a los presos políticos de la dictadura de Alfredo Stroessner”. In: SZOKOL, Erwing. op. cit. p. 35.

Enquanto o jornal *El país* alardeava o auge da criminalidade na capital paraguaia, seu concorrente *El Independiente* publica uma nota intitulada *El Auge de la Inmoralidad*. A publicação afirma que se faz difícil e impraticável a moralidade para os que atuam encurralados pelos mimetizados agentes “*del dolo y de la perversión*”⁷⁶, geralmente hábeis cortesãos de posição privilegiada que, em meio a “*honras, perfumes y licores*”, ferem cada vez que seja oportuno àqueles que, por sua “*corrección, capacidad y honradez*” tratam de impedir que os vícios da “*INMORALIDAD*” se expandam.

A nota publicada vinte dias depois do crime antecipava os rumos que foram tomados pela polícia em sua investigação. A formação do sujeito amoral, do sujeito *sodomaníaco* e a busca pelo criminoso resultaram em um contexto de batalha acirrada pela moralização da sociedade assuncena.

Para seguir adiante com as análises das notas dos jornais faz-se necessário compreender de que forma foi construído o sujeito amoral. Esta tipologia será utilizada como sinônimo de *petitero* ou homossexual, termos que também aparecem de forma alternada por *invertidos* ou *tercer sexo*, como veremos mais adiante.

As investigações sobre os *amorales* seguiam. Ainda nos primeiros 10 dias após o crime a *Seccional 4ª* interrogava ao menos quatro dúzias de suspeitos por “*dudosa conducta moral*”⁷⁷. Dois dias depois este número aumentaria para mais de uma centena e no dia 11 de setembro de 1959 se publica, pela primeira vez, a cifra que se tornaria o grande estigma social, sinônimo de homossexual no país. “*108 personas de dudosa conducta moral están siendo interrogadas. Intensa Acción Policial*”.⁷⁸

A “*Intensa Acción Policial*” anunciada não é publicada de forma gratuita. De acordo com o periódico, a noite anterior havia sido bastante intensa. As freadas bruscas dos veículos que chegavam e os ruídos de arranque dos que saíam da 4ª

⁷⁶ *AUGE de la inmoralidad. El Independiente*. Assunção: [s/n]. Ano I. 21 de setembro de 1959. p. 1

⁷⁷ *DOCENAS de Personas Están Siendo Interrogadas por la Policía. El País*. Assunção: Ano XXIV. nº. 6.428. 9 de setembro de 1959. p. 2. A nota cita a suspeita de que uma mulher, entre as “várias mulheres”, amantes que sofriam ciúmes por Aranda, poderia ser a autora do crime. Indagação esta que aparecerá em algumas notas, porém, não foi levada adiante pela polícia.

⁷⁸ *108 PERSONAS de dudosa conducta moral están siendo interrogadas. Intensa Acción Policial. Esperan Resultados. El País*. Assunção: Ano XXIV. nº 6.430. 11 de setembro de 1959. p. 11.

comisaría dava a impressão de que “*se estaba ante a una dramática pero decidida acción policial*”⁷⁹.

O número provinha do fato de que o redator do jornal, que seguia de perto a movimentação “*policial y judicial*”, pôde calcular um número aproximado de 108 pessoas de “*dudosa conducta moral*” que esperavam para ser interrogadas. A ação policial é clara, está “*removiendo toda una organización de esta hermandad clandestina*”, operação como “*antes nunca se ha hecho de igual envergadura*” para esclarecer o mistério que rondaria a morte do “*famoso locutor y bailarín del Rock’n Roll, Bernardo Aranda*”⁸⁰.

O número de interrogados aumentava a cada dia, pois, os interrogatórios iniciais que se fundamentavam a partir dos círculos mais próximos de Aranda, já considerados *petiteros*, como vimos, foram se expandindo em grandes círculos de denúncias aleatórias. As investigações começaram a ser alimentadas por listas de nomes que circulavam pela cidade. A estas listas cada cidadão poderia adicionar os nomes de quem achasse suspeito. De acordo com o pesquisador Erwing Zsokol

Los mencionados volantes fueron distribuidos en los principales lugares de tránsito de la ciudad, firmados por el “Comité de Padres, por el saneamiento de nuestra sociedad”. Lo único logrado por este “comité” fue agravar aún más la situación de las personas implicadas, puesto que la salida a la luz pública de los nombres de las personas detenidas provocó una fuerte reacción adversa por parte de la sociedad⁸¹.

Não é possível qualificar metodologicamente a ordem e circulação destas listas, o que se sabe é que a lista que se registraria no imaginário social e na memória dos asuncenos “continha” 108 nomes. Esta seleção já ultrapassava a intenção de descobrir o suposto assassino. O principal objetivo das listas passava a ser a identificação de qualquer sujeito homossexual, o que o tornaria um presumido “amoral”, acusado de destruir “os honrados costumes” paraguaios e até de atentar contra o destino da humanidade, como veremos.

⁷⁹ É importante ressaltar que desde sua criação em 1843 a polícia paraguaia é nacional. Ou seja, ela não é dividida por estados ou províncias como em outros países. Outras polícias existiram no período pós-guerra no final do século XIX. Há subdivisões regionais, porém, diferente da configuração por província ou estado, como acontece em países como o Brasil. No caso paraguaio a polícia é tronista.

⁸⁰ 108 PERSONAS de dudosa conducta moral están siendo interrogadas. Intensa Acción Policial. Esperan Resultados. **El País**. Assunção: Ano XXIV. nº 6.430. 11 de setembro de 1959. p. 11.

⁸¹ SZOKOL. op. cit. p. 42.

A direção da *Revista Ñandé*⁸², semanário conhecido por seu tom jocoso, publicaria em seu conteúdo não apenas uma imagem fazendo referência ao crime, mas várias páginas com charges sobre os 108. A primeira delas, assinada pelo cartunista Guaripolín, mostra um desfile de “*amorales*” passando pela inspeção da polícia. A imagem⁸³, “*dentro de la memoria histórica y en varios discurso de activistas por los derechos del colectivo LGTBI*”, é considerada como “*lugar primogenio desde donde se populariza la expresión “108 y un quemado.”*”⁸⁴

IMAGEM 9



IMAGEM 9 - GUARIPOLÍN: 108 Y UN QUEMADO. REVISTA ÑANDÉ ANO I. N° 12. p. 29.

Esta charge emblemática no caso do assassinato de Aranda será a primeira a construir a alegoria de 108 e associá-la à ideia/imagem de amoralidade. A partir desta construção do sujeito amoral, um novo apelido para o homossexual paraguaio começou a surgir nos periódicos, assim como a reconfiguração do que seria o “Caso Bernardo Aranda” para o “*Caso 108 y un quemado*”⁸⁵.

A marca 108 satirizada diversas vezes pela revista, certamente fez com que alguns leitores se incomodassem. Incômodo que foi satirizado novamente na

⁸² Fundada em 1959 a quinzenal *Revista Ñandé* publicava humor gráfico alinhado à ditadura stronista. Como veremos, a revista contou com espaços de propaganda no jornal oficial do Partido Colorado. Comisión de Verdad y Justicia; “Informe Final – Anive haguá oiko”. Tomo VII. , Asunción, 2008. Disponível em: <http://www.verdadyjusticia-dp.gov.py/documentos.html>. p. 110.

⁸³ REVISTA ÑANDÉ. Ano 1; N° 12, pág 29.

⁸⁴ Ibid. p. 47

⁸⁵ O número 108 se constituirá como um sinônimo de homossexual até os dias de hoje em Assunção, memória que será analisada no capítulo 3.

promoção de novos números da revista. No jornal *Patria*⁸⁶, diário oficial do governo, uma propaganda da revista *Ñandé* é encontrada. Nela, dois homens bastante efeminados estão em uma moto vespa, com cílios compridos, olhos pequenos e sobrancelhas finas gritando contrariados “Ay... pero que odiosos son esos de Ñandé...”

A queixa é um convite para a edição de 15 de outubro. Não por acaso, maior que as anteriores, a edição contaria com 40 páginas. O convite, com dois *petiteros* na moto com a chapa 108 sintetiza o que as novas formas de masculinidade representavam para os editores da *Revista Ñandé*.

IMAGEM 10



IMAGEM 10- MOREL: PUBLICIDADE REVISTA ÑANDÉ. DIARIO PATRIA. 24 de setembro de 1959. p.3.

⁸⁶O *Diario Patria*, fundado em 1917, foi criado para ser o diário oficial do Partido Colorado. Em suas publicações constavam tanto notícias gerais como notas oficiais do governo. Sendo órgão de difusão da doutrina colorada até 1997, o periódico fazia questão de tentar legitimar o caráter “democrático” do regime stronista. “El diario es vocero del partido gobernante que siendo dictadura no admite serlo, por lo que crea una imagen de gobierno democrático, desarrollista, económico, progresista, dentro del marco de paz, seguridad y tranquilidad para el pueblo paraguayo. El diario hace lo posible por presentar al régimen como el ejemplo de democracia y gobierno a seguir en América”. DELIGDISCH, Adriana. *El stronismo desde la óptica del diario Patria 1954-1989*. Assunção: Universidad Nuestra Señora de la Asunción. 1999. p. 39.

1.3.1 108: Os anormais e o dispositivo da sexualidade

Para analisar de que forma a subjetividade homossexual é construída pelas publicações que se lançaram sobre o crime, faz-se necessário pensar, primeiramente, sobre o que de fato constitui esta subjetividade. Deste modo compreendemos, a partir dos estudos foucaultianos e de gênero, como se constrói o “monstro” homossexual, o sujeito amoral, suas implicações e suas produções de sentido.

Para tal é necessário compreender o que implica a “amoralidade” já que há uma diferença entre “imoral” e “amoral”. Se o imoral é aquele que escolhe subverter a moral vigente, mas o faz ainda dentro ou a partir de uma moralidade que ele reconhece como hegemônica, o amoral é o sem moral e, por isso, potencialmente mais perigoso – entre outras coisas, porque sua condição amoral pode ter origens inclusive patológicas. Neste sentido o *amoral* é um personagem que aqui localizaremos dentro do que Foucault chamou de “grande família indefinida e confusa dos anormais”⁸⁷.

Nas aulas publicadas no livro *Os Anormais*, Foucault afirma que a ideia de anormalidade no século XX está atrelada à noção liminar de monstruosidade que constituía o domínio da anormalidade no século XIX. O sujeito monstruoso era compreendido até o século XVIII a partir de uma noção jurídico-biológica. Sua existência atentava não somente contra as “leis da sociedade”, mas também, contra as próprias “leis da natureza” e é justamente essa transgressão da lei “natural” que justificava ou “gerava” a violência contra ele. Daí também a intensidade do suplício.

Já no século XVIII, o suplício é superado pelas normas esquadrihadoras que já não buscam intensificar o sofrimento com a finalidade de anular a monstruosidade, mas sim, acentuar os efeitos de poder, de domínio, sobre o “monstro”, visando a sua correção ou isolamento. A punição se dá por vigilância e controle pelo viés do campo jurídico e psiquiátrico. É a partir destes discursos que o se constrói a figura moderna do criminoso.

É no nascimento da psiquiatria, explica Foucault, que essa “economia do poder de punição” irá formular novas teorias a respeito do crime e do criminoso, sua

⁸⁷ O termo se refere ao anormal do século XIX, porém, localizamos o *amoral* dentro da cartografia da anormalidade do século XX já que constitui um monstro moral nos moldes jurídicos e psiquiátricos. FOUCAULT. Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.p.285.

constituição e natureza, de forma que os escritos, a partir de então predominantemente médicos, irão construir, a partir deste campo de saber, o sujeito anormal, infrator e doente, do qual a sociedade deveria ser protegida.

Por isso as pesquisas jurídicas a respeito do crime começarão a andar de mãos dadas com os discursos médicos, já que o poder judiciário teria a colaboração dos discursos psiquiátricos para legitimar ainda mais o seu saber, conhecendo a “natureza” do crime e as motivações “naturais” que levaram o criminoso a praticá-lo.

O criminoso comum, este monstro moral, reprovável socialmente, passa a constituir uma figura estabelecida e é com o discurso da moralidade que as fronteiras entre o normal e o anormal são formadas socialmente. É como se a partir do discurso moral do certo e errado fosse possível prever os prováveis criminosos. Como analisa Foucault, “o indivíduo já se parecia com seu crime antes de cometê-lo”⁸⁸.

As provas contra a figura do anormal, este monstro cotidiano, “um monstro banalizado”, poderiam estar no mais improvável detalhe, já que “ninguém é suspeito impunemente. O mais ínfimo elemento de demonstração ou, em todo caso, certo elemento de demonstração, bastará para acarretar certo elemento de pena”⁸⁹.

A moral, portanto, recorre a esta série de “provas de amoralidade” para definir o que seja um amoral. Um defeito moral que não é patologicamente uma doença constituída e nem uma infração ilegal propriamente dita, mas que passeia por estas “ambigüidades infraliminares”⁹⁰ e que ora é tratada como patologia, ora como crime.

As menores demonstrações que justificam a pena do sujeito amoral conforme descrito por Foucault são também as mesmas demonstrações ínfimas que justificarão o controle do sujeito homossexual. O homossexual do século XIX, de acordo com o autor, se torna “um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida”, assim como “uma morfologia, uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa”⁹¹.

Deste modo, o personagem homossexual é criado a partir dos discursos que o narram. É a partir destes discursos, não apenas sobre o sujeito homossexual, mas

⁸⁸ FOUCAULT. op. cit. p. 23.

⁸⁹ FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**. Vol I. A vontade de saber. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1985. p. 8.

⁹⁰ FOUCAULT. Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.p. 18.

⁹¹ FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**. Vol I. A vontade de saber. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1985.p.43.

sobre o sexo, que se configura a concepção de sexualidade como dispositivo, ou seja, é nesse “dispositivo histórico” que a figura do homossexual aparece construída como um corpo anormal, amoral ou, ainda, como nomearão autoras dos estudos de gênero em outros contextos, anos depois de Foucault, corpos abjetos⁹².

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder⁹³.

Neste sentido interessa-nos pensar, a partir destes discursos sobre a sexualidade, na heterossexualidade como regime biopolítico, afinal é o imperativo heterossexual que vai criar seus outros, os anormais sexuais. A ideia de heterossexualidade como biopolítica, no sentido de que é a heterossexualidade compulsória que maneja, controla, produz e normatiza corpos também *indóceis*, é fundamental na escrita desta dissertação, já que as notas publicadas a respeito do caso Bernardo Aranda vão dar lugar a diversas publicações a respeito da construção do amoral homossexual, dentro da lógica da heterossexualidade como normal e natural.

A obra que inaugura essa concepção política de heterossexualidade como um regime é *O pensamento heterossexual* de Monique Wittig. Wittig defende a existência de um funcionamento universalizante da heterossexualidade, social, histórica e culturalmente, de modo a tratar tudo o que não se enquadra neste universal como anormal ou patológico. Para a autora

En efecto, la sociedad heterosexual está fundada sobre la necesidad del otro/diferente en todos los niveles. No puede funcionar sin este concepto ni económica, ni simbólica, ni lingüística, ni políticamente. Esta necesidad del otro/diferente es una necesidad ontológica para todo el conglomerado de ciencias y de disciplinas que yo llamo el pensamiento heterosexual⁹⁴.

Desta maneira, pode-se compreender o apagamento histórico de produções realizadas por corpos que são considerados abjetos pela matriz heterossexual.

⁹² BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Lopes Guacira (org). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

⁹³ Foucault. Op. Cit. p.100.

⁹⁴ WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006.p.44.

Assim como ocorreu com a escrita de mulheres que durante séculos teve sua existência pouco registrada ou, quando registrada, sempre normatizada a partir da escrita masculina, sendo seus vestígios apagados, os rastros de autores e autoras que narraram literária e poeticamente a própria homossexualidade ainda são marcados pela raridade até no tempo presente. No caso desta pesquisa, por exemplo, sabemos dos corpos dos homossexuais paraguaios a partir dos discursos de poder sobre eles, mas nos faltam vestígios históricos feitos por eles sobre eles mesmos.

A heterossexualidade enquanto biopolítica também foi um conceito trabalhado por Judith Butler, que vai estender a discussão da heterossexualidade compulsória a partir de suas margens. Os corpos que não entram nesta lógica, serão considerados não apenas anormais no sentido normativo, mas também, em um sentido político-social menos detentores de direitos, menos importantes, menos respeitáveis, menos sujeitos e, até mesmo, menos humanos.

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja Circunscrito⁹⁵.

Segundo Michel Foucault, há três figuras que configuraram até o século XVIII o domínio da anormalidade: o monstro humano; o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. Destas, as duas primeiras nos interessam, pois a formação da abjeção *108* incide em uma relação entre monstrosidade, patologia e criminalidade. Porém, há uma recorrente diferença de tratamento entre uma anormalidade e outra pelas notas periodísticas.

O monstro humano, personagem interliminar, representa o estágio de duas esferas que, de acordo com Foucault, predominou até o século XVIII, entre elas a esfera de sexos, “quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro”⁹⁶. Já o “indivíduo a ser corrigido”, ainda que incorrigível, tem sobre si as técnicas de

⁹⁵ BUTLER. op. cit. p. 155.

⁹⁶ FOUCAULT. Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.p. 54.

reeducação e correção que buscam alterar seu comportamento para “readequá-lo” às normas vigentes.

Se o *108* representa explicitamente o amoral homossexual, figura anormalizada que se parece com o que Foucault chamou de “monstro humano”, uma figura que atenta não apenas contra leis morais mas também contra “leis naturais”, associada a uma monstruosidade animalizada, - o polvo, como veremos – e a uma periculosidade ímpar, figurando no campo jurídico-biológico, há também o homossexual que é o “indivíduo a corrigir”. Isto é, nesta categoria estão as vítimas dos chamados *amorales* que, ainda que não menos homossexuais, poderiam passar por um processo de transformação ou *liberación* deste modo de vida desviante, como veremos.

Estas figuras, longe de serem fixas, se entrecruzam diversas vezes na formação do sujeito anormal e, no caso paraguaio, amoral. Porém, é importante analisá-las de modo a compreender porque as interferências mudam em relação a cada tipo de anormalidade. Como vimos, a própria nomenclatura do caso “*108 y un quemado*” configura essa diferenciação. Enquanto o *108* figura o monstro amoral propriamente dito, Bernardo Aranda é a vítima que poderia ter sido salva da grande “*organización de amorales*”.

Na Assunção dos anos 50, os discursos a respeito dos *108*, *petiteros*, *homosexuales*, *amorales*, possuem tanto um caráter de dispositivo da sexualidade, quanto de monstruosidade. O sujeito homossexual se confunde com o criminoso e sua existência abjeta atentaria contra vários outros discursos embasados na heterossexualidade, sendo tratado não apenas como um dissidente sexual, mas sim como um perverso desviante que atentava diretamente contra a família, a virilidade e a nação.

1.3.2 Los amorales e a pátria, a família e a heterossexualidade

Enquanto as ruas de Assunção seguiam agitadas com construções de edifícios e intenso comércio *callejero*, se intensificava também a circulação de listas de supostos homossexuais. Deste modo, o que se nota é que com o passar das semanas, os diários se pautavam cada vez menos no assassinato de Bernardo Aranda e cada vez mais na construção pública dos chamados “degenerados”, além

de convocar a sociedade para que esta se mobilizasse no “saneamento moral” que a cidade asuncena deveria passar. O eixo das indagações se deslocava de “*Quem matou Bernardo Aranda*” para “*Quienes son los amorales?*”, de modo que os jornais, além de criarem hipóteses sobre a formação deste “terrível” anormal, abriam cada vez mais espaço para publicações de leitores a respeito.

Deste modo, os periódicos não só publicavam notícias a respeito do caso, mas também serviram como espaço para a delação e como fonte de escândalo para um público que buscava dar forma à sua imaginação e participar da construção deste inimigo público número um. Nesta narrativa, diversos termos foram utilizados para retratar estes que deveriam ser contidos e penalizados em nome da “família e dos bons costumes”, “abominação”, “amoral”, “doentes”, “pervertidos”, “invertidos”, enfim, inúmeros termos que faziam questão de sublinhar a monstrosidade daquela existência patológica e que ainda poderia “desnaturalizar o destino da humanidade”, como veremos mais adiante.

As cartas de leitores, em sua grande maioria, se preocupavam em explicar dentro da perspectiva moral heterossexual, como identificar um “amoral” e de que forma os “anormais” agiam nas sombras da moralidade. Neste ponto, narrados como violentos e perversos, os *amorales* são considerados, acima de tudo, perigosos.

Em carta publicada anonimamente no jornal *El País* um leitor comenta que “*El depravado somete a su víctima a una constante tortura moral de manera de tenerlo siempre aferrado a sus vicios*”, algo que poderia ter acontecido com Bernardo Aranda.

Quando la víctima intenta rebelarse por la repugnancia ante tanta inmoralidad, es tratado con brutalidad, pues el “enamorado” se convierte en un verdadero monstruo que no abandona a su víctima por dos razones: 1) por evitar ser descubierto y 2) por no perder a la persona sobre la que siente una atracción realmente poderosa⁹⁷.

A violência das paixões aparece de forma recorrente, ora para justificar a violência contra a vítima, ora para dar uma conotação “feminina” aos chamados *amorales*. Outro leitor também se indagava de forma retórica “*¿Quiénes son los amorales?*”, pergunta à qual ele mesmo respondia, dizendo que este monstro banal não estava somente nos lares humildes do povo, estes “*vesánicos conculcadores de*

⁹⁷ QUIENES son los amorales? *El País*. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 07 de setembro de 1959. p.9.

nuestras costumbres virtuosas” e fatores morais negativos que atentam contra “*las viriles tradiciones paraguayas*”. Mas se encontram também nos antros em que se ocultam para meditar a baixeza de suas manobras. Estes “pervertidos” estendem, de acordo com o leitor, suas redes a base de dinheiro e de incitações que “*obran sobre la mente de los niños y de los jóvenes*”. “¿Quiénes son los amoraes? ¿Dónde están?” de acordo com ele, a opinião pública os conhece e muitas vezes os aponta com o dedo. “*Muchos son artistas, abogados, arquitectos, hombres de campanillas*”⁹⁸.

A ideia da banalidade deste “monstro” iria multiplicar ainda mais as detenções e arbitrariedades da Polícia Nacional. Assim como os discursos médicos e jurídicos alimentaram a idéia de criminoso, as cartas dos jornais formaram, também no imaginário da polícia, as características para se reconhecer os *amoraes*. Mas, afinal, como se parecia um 108?

Ainda que, pelas palavras das cartas os “amoraes” pudessem se esconder em antros e organizações secretas, o 108, assim como o homossexual descrito por Foucault, não se esquia de sua própria subjetividade, ou seja, pelas múltiplas intersubjetividades que perpassam seu corpo considerado abjeto, é impossível fugir dos olhos do poder.

Sobre o homossexual, Foucault afirma que

Nada do que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre⁹⁹.

Este emaranhado de delações de subjetividade registrados nos jornais na busca pelos 108 afetaria também os critérios policiais. As detenções passaram a ser executadas a qualquer pessoa que fisicamente fosse associada à amoralidade/homossexualidade. Deste modo, assim como ocorreu com a Antropologia criminal no século XIX¹⁰⁰, que se alimentava de obras de ficção para

⁹⁸ LOS AMORALES. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 09 de setembro de 1959. p. 9.

⁹⁹ FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**. Vol I. A vontade de saber. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1985. p.43.

¹⁰⁰ Assim como leitores de ficção se alimentaram da antropologia criminal para construir seus personagens, o que aparece de forma recorrente nos romances de Emile Zola, por exemplo, “o criminologista italiano Enrico Ferri estudou ‘inúmeras metamorfoses do crime e do espírito criminoso na sociedade’ e como elas foram representadas na literatura, reconhecendo que ‘só a arte procurou durante muito tempo, a figuração material ou a análise psicológica do delinquente’” FERRI, Enrico. **Os criminosos na arte e na literatura**. Pôrto: Imprensa Portuguesa, 1936, pp. 13-14 e 149-150.

escrever teses sobre o criminoso, a polícia se encarregava de identificar os *petiteros* pelas ruas a partir de critérios forjados pela imaginação.

Em seu livro *El Paraguay de Drácula*, Armando Almada relata o seu caso dizendo que, certa vez, andando pelas ruas do centro de Assunção ouviu um policial gritando “*Aquí encontré un 108 de barbita*”, e em seguida vários policiais o rodearam enquanto “*Uno de ellos sacó su yatagán y, mientras otros dos me sujetaban, me cortó los cabellos y afeitó la barba en seco, ante la mirada atónita de la gente.*” Sobre o fato, Almada se perguntava de que adiantaria protestar humilhado, dolorido e triste¹⁰¹.

Preocupados com o ocorrido, os precavidos familiares de Almada diziam para que ele retirasse seu cavanhaque, assim, parecendo menos com o que a polícia consideraria um *108* ele correria menos riscos de ser detido. Esse conselho o irritava profundamente ao qual respondia contrariado “*¡Qué régimen, ni qué policía! ¡Yo soy un artista!*”¹⁰².

Junto à polícia, a família aparece como ameaçada e comprometida também no combate à amoralidade. O grupo auto-intitulado “*Comité de padres por el saneamiento de nuestra sociedad*”¹⁰³ foi criado para combater os “anormais” de forma direta, de modo a fomentar cada vez mais listas de “*amoraes*” além de incentivar à população a somar às listas nomes de supostos homossexuais.

Segundo Szokol “*Existen igualmente versiones de que era común añadir a las distintas listas que se fueron sumando, nombres de otras personas ajenas a las involucradas con estas causas tras el afán de generar intriga y sospecha*”¹⁰⁴.

O nome do comitê é bastante significativo. Em uma batalha travada contra a “patologia” homossexual, a urbanização em marcha, assim como a moralização

Apud: GRUNER. Clóvis. **Paixões torpes, ambições sórdidas**: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

¹⁰¹ ROCHE, Armando. *El Paraguay de Drácula*. Assunção: El pez del pez, 2010. p. 32.

¹⁰² No livro, o autor comenta que havia deixado seu cavanhaque como o do cantor de rock’n roll argentino, famoso na época, Billy Cafaro, de quem era fã. Mas que sempre foi alertado por seus familiares para que tirasse esse cavanhaque, pois a polícia poderia prendê-lo a qualquer momento por considerá-lo efeminado.

¹⁰³ Infelizmente faltam-nos informações sobre a formação deste comitê. O que sabemos é que se trata de um grupo de pessoas civis que se empenharam em fazer listas de supostos homossexuais. Contudo, em conversas com outros pesquisadores a respeito notamos a possibilidade de ser uma iniciativa do próprio Partido Colorado que criou este comitê para intimar a população a fazer uso da delação anônima sistematizada pelo bem da “sociedade” e da “nação”. Porém, até o momento são apenas conjecturas.

¹⁰⁴ SZOKOL. *op. cit.*p.42.

exigem um aparato de controle incisivo contra as doenças transmissíveis, mas também morais, pois o saneamento urbano deveria ser completo.

A charge de Lito Pómez a seguir é representativa deste anseio. Um médico atende um paciente “efeminado”, sem pêlos, rosto e cintura afinados, usando pulseira e calças justas. Ao fazer o exame dos pulmões por meio das vibrações sonoras, com a palma da mão no tórax do paciente, em vez de pedir que o mesmo diga “*treinta y tres*” solicita que diga “*ciento ocho*”.

IMAGEM 11

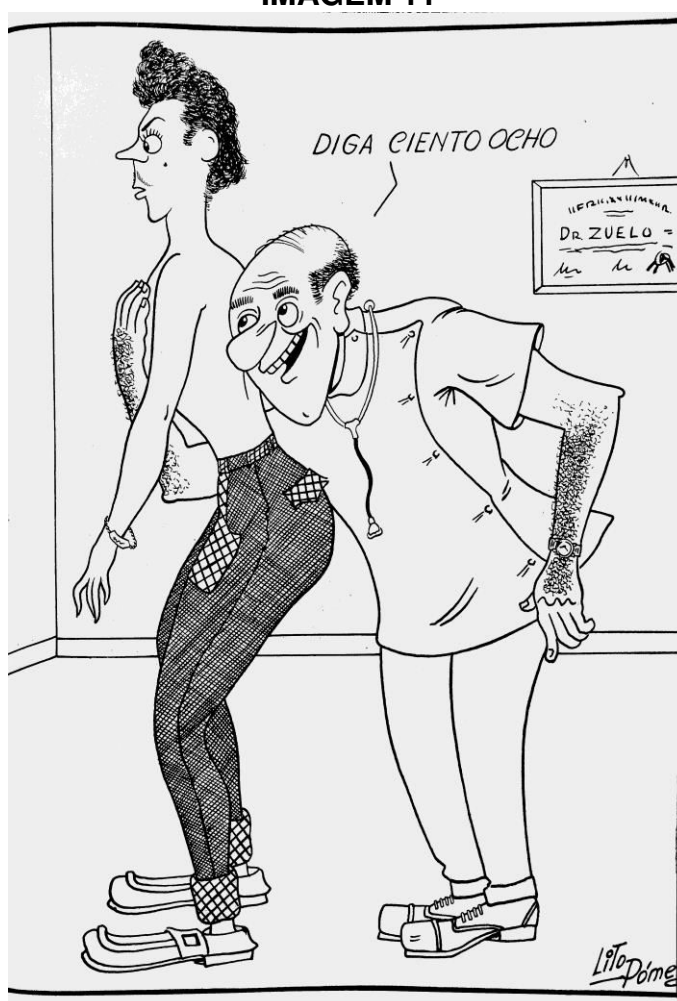


IMAGEM 11- LITO PÓMEZ: DIGA CIENTO OCHO. REVISTA ÑANDÉ ANO I. Nº 13. p. 37.

As cartas enviadas ao diretor de *El País* anunciavam que cada cidadão deveria se comprometer para a “limpeza moral” da sociedade. Após uma longa tese sobre sua versão do assassinato de Aranda, o leitor, que assina como Amadeo Carvallo Z, finaliza sua nota com um pedido ao diretor do jornal *El País*. Sua

solicitação era que fosse iniciada uma campanha tenaz contra os *amorales*, trabalhando com toda energia para “*extirpar este mal que aqueja a la sociedad*”. Quem pede a campanha, segundo ele, não é apenas o escritor da demanda, mas sim “*El pueblo paraguayo cuyo timbre de orgullo ha sido siempre de que sus valores se sientan hombres en cualquier terreno*”¹⁰⁵.

O discurso da hombridade e da família, como referências fundamentais da sociedade contra os “*Jóvenes Existencialistas Petiteros*” aparece com frequência. A crise familiar, anunciada pela carta *Auge de la criminalidad*, ainda é contemplada nas notas em todo o mês de setembro.

O periódico chega a publicar uma carta de procuradores sobre “a delinquência juvenil” e “os rebeldes sem causa”. “*Consecuencias del materialismo que destierra concepciones morales y espirituales*”. De acordo com a nota de Carlos Alvear Acevedo a família sofria a consequência do industrialismo que tornou trabalhadores o pai e a mãe. Além disso, a sociedade agora executava a insidiosa prática de procurar o divórcio “*y los matrimonios ligeros, frívolos, sucesivos e inestables*”, encontrando assim “*su destrucción interna*”¹⁰⁶.

O caos em que agonizava a família paraguaia, contava ainda com o novo hábito dos estudos escolares, pois, agora “*la educación de los padres es cosa del Estado*”, assim como acontece nos países comunistas, nos quais, a destruição da família é tamanha que o filho é “*solamente el producto biológico de la familia*”, colhido somente para uso exclusivo do estado ou da “*Revolución*”¹⁰⁷.

Contra a decadência familiar que, além de produzir homossexuais poderia correr o risco de produzir comunistas, somente uma grande mobilização social moralizadora poderia funcionar. Afinal uma nova e “perversa” organização surgia para corromper a família nacional.

A expressão “*organización de los amorales*” é bastante utilizada para se referir ao grupo dos *amorales*. Segundo as publicações da segunda quinzena de

¹⁰⁵ EL LECTOR hace su propia hipótesis sobre Cómo Habría Hallado La Muerte el Locutor Bernardo Aranda. **EL País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n]. 18 de setembro de 1959. p.3.

¹⁰⁶ LA FAMILIA, base de la sociedad y crisol de buenos ciudadanos. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n]. 21 de setembro de 1959. [s/n]

¹⁰⁷ Segundo Aníbal Miranda, em seu livro *Documentos de Fuentes Norteamericanas*. Asunción: Imprenta Salesiana, 1987, no período stronista, o círculo musical era considerado pela Polícia um dos setores mais “comunizantes” no Paraguai do período. Ainda que a referência ao comunismo não apareça de forma recorrente nas publicações, pensar que o círculo artístico era visto como potencial foco de comunistas além de possuir conhecidos homossexuais nos faz refletir que, de alguma forma estas duas subjetividades dialogam em relação ao contato com o poder do estado e da família no Paraguai em 1959.

setembro a amoralidade havia criado “*raíces en nuestra tierra*”. E com toda segurança, “*Será reprimida hasta su extirpación*”. A nota afirma que os policiais devem continuar com afinco as detenções já que esta “organização de amorais” infesta o ambiente e recruta suas vítimas entre os menores que serão mais tarde outros “*maestros de la depravación*”¹⁰⁸.

Na nota se lê o relato da mãe de Aranda, ainda abalada com o ocorrido afirmando que “*De nuestro hogar ha salido hombre correcto y bien nacido, y bien educado, y ellos lo corrompieron*”. “*Ellos lo corrompieron*” (sic) repete a nota várias vezes. “*Ellos lo corrompieron*” disseram a mãe, os irmãos, e “*todos hombres sanos, morales y bien educados, trabajadores, honestos y dignos hijos de sus honrados padres*”¹⁰⁹.

Outra nota também faz questão de afirmar que Bernardo Aranda foi obrigado a manter relações com *los amorales*, de modo que sua associação com essas pessoas não era por simples e espontânea vontade. Em repetidas ocasiões, segundo a nota, Aranda permitiu que o raptassem para “*ver si escapaba de la organizaión. Tampoco lo consiguió*”¹¹⁰.

Para responder a tamanha violência moral que representavam os 108, a repressão das autoridades seria solicitada novamente, já que as denúncias e depoimentos seriam mais do que suficientes para tê-los sob vigilância, porém, esperava-se que “*con la colaboración de la sociedad asuncena*” e suas listas e denúncias fosse assim “*extirpada de raíz esta lacra*”¹¹¹.

Como vimos, a subjetividade 108 está atravessada por vários discursos de poder. Era como se sua potência de subversão fosse destruir vários paradigmas: destruidor da família; um maníaco que poderá desvirtuar a juventude; um enfermo que se propaga e infecta e, em última instância, um assassino que poderia tirar a vida de seus amores malditos.

¹⁰⁸ LA AMORALIDAD que llegó a echar raíces en nuestra tierra será reprimida hasta su extirpación. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 19 de setembro de 1959. p.2.

¹⁰⁹ Talvez, seja justamente por este deslocamento em relação a Aranda, que ele não tenha sido tratado como um homossexual, mas sim como um “corrompido por pervertidos”, que diferencia a conotação da homossexualidade dos 108 e de Aranda. Bernardo não seria mais uma cifra de pervertidos “patológicos”, mas sim uma vítima, un *quemado*.

¹¹⁰ SIGUE desentrañándose la Perversa Organización de los Amorales. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 21 de setembro de 1959. p.2.

¹¹¹ Várias notas serão publicadas com este teor, intimando a sociedade civil a agir e denunciar qualquer suspeita de amoralidade/homossexualidade. Ver LOS AMORALES peligran por derrumbar la Moral y Las Buenas Costumbres”. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 13 de outubro de 1959. p.2 e LA CUESTIÓN es Cómo Combatir el Mal. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 09 de outubro de 1959.

O cidadão comum preocupado com o avanço da amoralidade é, antes de mais nada, um cidadão paraguaio. A reivindicação de sua honra viril, seus modos cristãos e sua luta frente à “degeneração sexual” estão direcionados principalmente à idéia de nação paraguaia. Sobre a relação entre sexualidade e nação, a autora dominicana Ochy Curiel analisa de que maneira o conceito de nação e heterossexualidade estão imbricados.

Para a autora o ideal de família está diretamente ligado ao conceito de nação, pois sua existência é pensada dentro de uma “lei natural”. Ainda que histórica e contingente, os discursos sobre a nação e o nacionalismos também são naturalizados, assim como a família, ao ponto de ser possível pensar em “morrer por ela”¹¹². De acordo com a autora

es decir de la nación, lo que está ligado al hecho que la pertenencia a una nación está atravesada por los lazos de parentesco dentro del núcleo familiar, asumidos como naturales y universales. Se deriva entonces que se piense que el parentesco heterosexual es un hecho natural ligado a la nación¹¹³.

Para exemplificar a relação heterossexualidade/família/nação, a antropóloga utiliza a casa (símbolo da família). A nação, assim como a casa, é uma propriedade patrimonial (para aqueles que podem aceder à propriedade) que se transmite como uma herança simbólica e que é legitimada, de geração a geração, através de mecanismos ideologicamente marcados pela família heterossexual. É neste sentido que a família é utilizada pelos discursos nacionalistas como um elemento pré-contratual da nação, enquanto os valores morais permanecem os mesmos, como ideais de virtude para a nação.

Existe, segundo Curiel, uma espécie de linhagem imaginária que afirma que diferentes grupos formam parte de uma grande família nacional. Este critério é o território. A autora, citando Anthony Smith, afirma: *“Ello se concreta en el territorio, al que se le adjudica una cualidad mítica y subjetiva, lo cual coloca la afirmación: ‘es de allí de donde somos.’”*

O “somos” para a nação é marcado por seu oposto, por aquilo que não se é: o estrangeiro, o imigrante, o diferente. O mesmo vale para a heterossexualidade

¹¹² CURIEL. Ochy. **El régimen heterosexual y la nación**. Universidad Nacional de Colombia Facultad de Ciencias Humanas Departamento de Antropología. Bogotá, 2010. p. 39.

¹¹³ CURIEL. op. cit. p. 39-40.

biopolítica. Nesta lógica, os corpos não-heterossexuais devem ser combatidos para preservar a normalidade da sociedade, da cidade e, em última instância, da nação.

A família, assim como a nação, são “ficções políticas” utilizadas para gerar legitimidade socialmente. Nestas ficções a heterossexualidade aparece novamente como dispositivo naturalizante que, possuindo um caráter ficcional, cria seus corpos abjetos e sanciona a violência contra eles.

Para combater o “mal” homossexual, que ao mesmo tempo atenta contra a limpeza da cidade, a família e a virilidade da pátria-família, o periódico *El País* se posiciona dizendo que “*EL PAÍS, fiel a las tradiciones viriles de nuestro pueblo, y en homenaje a los hogares cristianos de nuestra patria, continuará su prédica y su combate, seguro de que algún saneamiento en esta materia ha de producirse a su conjuro*”¹¹⁴.

Aos que buscavam “desnaturalizar o destino da humanidade”¹¹⁵ só restava a má sorte das detenções ou o fim trágico de seus desamores. Porém, a curiosidade não se esgotava nas detenções. O amoral deveria ser antes de mais nada compreendido em seus hábitos e, para isto, voltam à cena os especialistas e suas conclusões.

O uso do “*vaso indebido*” termo jurídico que se referia ao ânus é o grande vício que deveria ser combatido pela família paraguaia comprometida com as “*viriles tradiciones*”. Neste sentido, sexo anal está associado a um tipo de afronta contra a própria pátria, afronta esta que será debatida nos jornais no mês de outubro.

Na charge abaixo novamente uma sátira à subjetividade 108 em que se vê um ônibus onde se entra *por atrás*. Os últimos a subirem figuram com as nádegas para fora do coletivo na mesma altura da escrita que indica a via de entrada, fazendo clara referência ao sexo anal.

¹¹⁴ LA CUESTIÓN es Cómo Combatir el Mal. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 09 de outubro de 1959. [s/n]

¹¹⁵ EL CINISMO ante la ley. **El País**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 30 de setembro de 1959. p.2.

IMAGEM 12

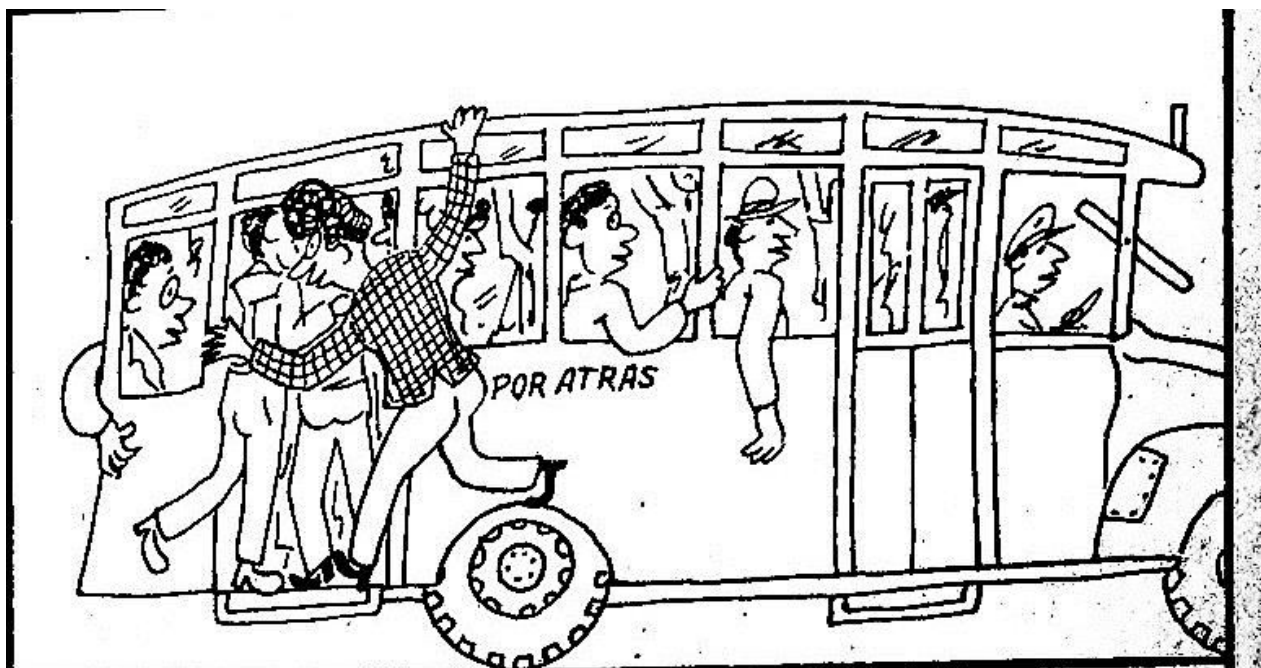


IMAGEM 12 - GUARIPOLÍN: POR ATRÁS. REVISTA ÑANDÉ ANO I. Nº 12. p. 29.

1.3.3 Patologia sexual: *el baile de los invertidos*

Com o inimigo público bem definido, pôde-se dar como declarada então a “Guerra a los petiteros”¹¹⁶ na qual estariam ainda os pais de família firmes na vigilância e controle sobre seus filhos, amigos e vizinhos.

A preocupação em “*estirpar los amoraes de la sociedad*” passava por reconhecer algo além de seus trejeitos, o interesse estava em analisar sua natureza. Uma carta anônima de um leitor de *El País*, que emitia sua opinião sobre o “*terrible flagelo de la sodomia*”, sugere uma verdadeira “Guerra a los sodomitas”, pois o mesmo percebe que os amoraes vão se apropriando dos mais “*elevados cargos, tanto civiles, como políticos, militares, eclesiásticos, deportivos y hasta policiales*”.

Na praça *Independencia*, que segundo o leitor, era um dos lugares mais tranquilos da cidade, é onde já se verificava o resultados da “nefasta ação” dos 108. “*Hoy es casi imposible cruzarla sin tropezar con grupos de muchachos que hablan*

¹¹⁶ GUERRA a los petiteros! **El Independiente**. Assunção: Ano I [s/n]. 26 de setembro de 1959. pp. 1 e 6.

con voz afeminada e incluso se toman la libertad de piropear¹¹⁷ a los hombres que pasan cerca de ellos”.

Além do mal-estar em ter que conviver em uma praça pública com os “sodomitas”, o leitor relata uma análise psicológica a respeito dos “*amoraes*”. Segundo ele, “psicologicamente falando” são iguais às mulheres. “*Así como ellas*”, podem chegar a sentir ciúmes, muitas vezes tão intensos que “*no dudarían en provocar, horriblemente, la muerte de quien los traiciona*”.

Em estudos alemães, segue a nota, se produziu um filme chamado “*El tercer sexo*”¹¹⁸ que tratava de “forma valente” a questão. “*Recomendamos a nuestras autoridades que adopten igual conducta si alguna vez se la exhibe aquí*”. Com esta recomendação o leitor quer dizer que seria possível, como mostrado no filme, que os homossexuais passassem por algum tipo de reversão para a heterossexualidade. Um realinhamento sexual e, portanto, de gênero.

Deste modo, a cura, ou seja, a redefinição da sexualidade à matriz heterossexual faria com que estes “degenerados” pudessem se tornar pessoas com as quais se pudesse conviver e, quem sabe, até frequentar a mesma praça sem *piropos* homossexuais.

É a primeira vez nas notas que se propõe um caráter correccional aos corpos *amoraes*. Apesar de declarar guerra em nome da “*hombría del paraguay*” e defender a detenção destes corpos para que “*Asunción no se convierta en una Sodoma*”, a demanda de usar meios científicos para “corrigir” as subjetividades desviantes aparece como possibilidade de enquadrar estes corpos, agora normalizados, de volta à sociedade. Porém, esta “readequação” deveria ocorrer a partir de um olhar novamente científico e para lançar este olhar que levasse os

¹¹⁷ *Piropear*: verbo infinitivo referente a *piropo* que significa cantada, flerte.

¹¹⁸ O filme recomendado pelo leitor se chama *Anders als du und ich* ou *Diferentes de você e de mim*. Dirigido por Veit Harlano, a película se referia às discussões a respeito do artigo 175, do código penal alemão, que penalizava as relações homossexuais desde o Segundo Reich no século XIX. Filmado em 1957, conta a história de um jovem que, após ter contatos com amigos homossexuais sofre intervenções da mãe que pensava que ele poderia ser “transformado”. Para conter o caminho à homossexualidade de Klaus, a mãe o motiva e se relacionar com mulheres. Assim, ele conhece Gerda, é seduzido por ela e sofre uma “inversão” sexual, como se voltasse à sua heterossexualidade “natural”. O interessante do filme é que a reversão não passa apenas pelo âmbito da sexualidade, sua mudança chega a alterar suas preferências, inclusive musicais. Depois de “curado” o protagonista para de ouvir *Elektronische Musik* e só ouve música clássica. A impressão é que a cultura da juventude em voga na década de 50 causava receios porque poderia causar sérios desvios morais. É importante frisar também que o Paraguai possui uma vasta influência da colonização alemã, a ponto de haver anúncios na década em questão publicados totalmente em alemão. Daí a possível proximidade cultural com o lançamento do filme.

corpos novamente à “normalidade”, haveria a necessidade de conhecê-los nos detalhes de suas baixezas.

Esta interpretação a respeito dos *petiteros* mostra um deslocamento da ideia de criminoso já que, como no filme alemão, a proposta é tratar o homossexual como doente e não mais como um delinquente. Sua subjetividade se afastava cada vez mais do crime de Aranda para ser um *amoral per se*.

A próxima nota que analisamos a respeito dos *amorales*, cita um trecho de uma obra que fazia parte de um volume recém publicado na época pela *Biblioteca Científica*, do *Editorial Claridad*, de Buenos Aires. A publicação intitulada “*Patología Sexual*” serviria de alerta para os pais que deveriam cuidar para que seus filhos não se encontrassem “*caídos como víctimas de los maestros de la depravación*”.¹¹⁹

O escrito “*Baile de los Invertidos*” é parte da obra do psiquiatra suíço Auguste Forel. Publicado por *El País*, a obra trata de compreender de fato o que são os *invertidos*, como se comportam e como se organizariam efetivamente. Forel integra o que os estudos de sexologia chamarão de “primeira geração”, que compreende a primeira fase da sexologia, na passagem do séc. XIX ao séc. XX. Suas pesquisas eram voltadas à compreensão da sexualidade fora da família, ou seja, periférica à vida íntima da casa e dos casais, produzindo discursos científicos a respeito das sexualidades “invertidas”, como eram chamadas¹²⁰.

Os invertidos, como vimos, são o oposto, ou a inversão daquilo que se consideraria a masculinidade, o viril, a hombridade. Sua expressão de gênero, em um sentido butleriano, não estão alinhadas àquilo que se espera de uma performatividade masculina heterossexual. Neste sentido

a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma

¹¹⁹ PATOLOGIA Sexual: El baile de los invertidos. **El país**. Assunção: Ano XXIV. [s/n] 02 de outubro de 1959. p.2.

¹²⁰ Forel fez parte da chamada Liga Mundial para a Reforma Sexual. Criada em 1928, o grupo buscava, a partir dos conhecimentos médicos, contribuir para a descriminalização da homossexualidade e a igualdade de gênero entre homens e mulheres. Porém, pregava o eugenismo no sentido de reproduzir os corpos considerados sãos e esterilizar os corpos “patológicos” que maculavam a raça. Para maiores informações ver LANTÉRI, G. **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 e RUSSO, Jane. O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual. In: **Diálogo Latinoamericano sobre Sexualidade e Geopolítica**. Observatorio de sexualidad y política, Rio de Janeiro, agosto de 2009.

“generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural”¹²¹.

Um 108 figurativamente rompe com esta performatividade masculina. Na charge a seguir, dois homens alinhados à esta performatividade olham surpresos a uma figura “amoral”, com lábios grossos e bem definidos, cílios compridos e quadris largos. Incomodado, o 108 responde de forma efeminada *“Ay pero que tanto mirar! ¿Nunca vieron un hombre?”*.

IMAGEM 13



IMAGEM 13 - GUARIPOLÍN: QUÉ TANTO MIRAR!. REVISTA ÑANDÉ. ANO I. Nº 12. p. 29.

¹²¹ PELÚCIO, Larissa. MISKOLCI, Richard. Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, 2007. p. 258.

Em sua pesquisa acerca da homossexualidade, diz a nota, Forel visitou hospitais, manicômios e presídios, porém, nesta nota, especificamente, ele adentra um *“baile de invertidos”* a fim de fazer uma etnografia deste grupo e conhecer seus hábitos.

Em sua imersão relatada em *A Questão Sexual*, Forel afirma que, chegando ao baile à meia noite, encontrou a festa em seu apogeu, acompanhada dos acordes de uma afinada orquestra. Ao seu lado uma dama vestida de rosa que *“acaba de hacer piruetas entre nosotros”*, leva na boca, um charuto e um pouco de barba branca escondida pela maquiagem. A outra figura falando como *“un ángel”* também fuma dando grandes baforadas. A conversa entre os dois, segundo o psiquiatra, é masculina, *“Este maldito tabaco que mal arde!”*. As vozes e o tema da conversa levam o especialista a uma espantosa conclusão, *“No cabe duda, son dos hombres vestidos de mujer!”*.

Perto dali, um *clown* abraça uma bailarina, rodeando com seus braços sua fina cintura. O brincos brilhantes e um colar de medalhão, seus belos ombros e seus braços torneados, de acordo com Forel, *“prueban bien su sexo”*, porém, tirando o braço que a oprimia e se separando do corpo do *clown* a bailarina diz *“Hay Emilio, que pesadito estás hoy!”*. O comentário basta para que o investigador tenha outra surpresa e afirme *“La bailarina es también un hombre!”*.

Dominados já pela desconfiança, segue o relato, *“continuamos nuestro examen, empezando a creer que aqui se juega el mundo al revés”*. Após várias surpresas, avista um homem, *“pero que no puede ser un hombre”*, já que as pulseiras e o gracioso leque que leva não são *“atributos de hombre”*. A forma como dança, ri e salta o levam a pensar que se trata de outro gênero, entretanto, *“la pródiga naturaleza ha creado a esta muñeca en forma de hombre!”*.

Porém, a surpresa maior ainda estava por vir. Se o inimigo público amoral paraguaio poderia ser qualquer um, estando nos lares humildes ou nos mais altos cargos civis, o invertido analisado por Forel na Europa da primeira metade do século XX, se mostrava mais próximo ainda do seu sujeito curioso. *“Examinando con más atención a las personas presentes”*, finaliza

Descubro con asombro a varios conocidos: mi Zapatero de quien lo hubiese creído todo menos que fuera invertido. Aparece hoy de trovador, con espada, sombrero de plumas y su “Leonor” [...] Veo también, quién lo

hubiese creído, a mi proveedor de corbatas y pañuelos, se pasea en traje de Baco, un tanto escabroso...¹²²

Apesar da publicação original do exame “científico” de Forel datar mais de 50 anos antes do *Caso 108 y un quemado*, suas palavras ainda suscitavam interesse para um público que, envolvido na questão das sexualidades, pudesse adentrar o “*submundo*” dos chamados “*amorales*”, sem que precisasse de fato entrar em contato com eles. O constante movimento entre a curiosidade e a repulsa, a distância e a proximidade pode ser comparada com o dia e a noite. Como publicado no relato, estes notívagos praticantes da “amoralidade” poderiam ser, pela manhã, qualquer cidadão comum.

Deste modo, a formação do *108* não começa somente com o assassinato de Bernardo Aranda. O *108* como um personagem no imaginário social já estava sendo formado anteriormente de modo que o “*Caso 108 y un quemado*” foi a trama que possibilitou condensar as subjetividades e medos que começavam a vir à tona na Assunção dos anos 1950. É como se a marca *108* fosse finalmente o adjetivo que se esperava para nomear o personagem que já causava curiosidade e medo.

Na próxima charge, publicada em julho de 1959, portanto, antes do caso Bernardo Aranda, novamente vemos um personagem com trejeitos efeminados. O desenho do corpo merece atenção. A cintura acentuada, a mão mexendo nos cabelos, os cílios compridos e uma pose que visa dar sentido ao chiste: “Eis um homem”¹²³.

No fim de setembro, o caráter ficcional dos *108* estava apenas na metade. Enquanto no plano simbólico a construção do sujeito homossexual banal continuava a ser registrada nos jornais, outro tipo de publicação começa a emergir.

Juntamente com a larga configuração do homossexual e suas intersubjetividades, as listas de *amorales* continuavam a circular por Assunção, de forma que a utilização irresponsável e em massa da delação anônima gerava caóticos casos de homônimos que seriam publicizados novamente pelos periódicos. Nesta confusão de nomes e anônimos ainda haveria leitores que publicavam cartas utilizando pseudônimos com famosos sobrenomes baseados nos romances policiais.

¹²² O relato completo da experiência de Forel foi publicado em seus tomos intitulados “A questão sexual”. Versão original em alemão foi publicada em 1905 e em 1952 a versão espanhola chegaria à Buenos Aires. A publicação do periódico se baseia nesta última.

¹²³ Frases Celebres. **Revista Nandé**. 07 de Julho de 1959. p. 6.

É com estes casos de extrema ficcionalização e dos usos do anonimato que inauguraremos o capítulo II.

IMAGEM 14



IMAGEM 14 - GUARIPOLÍN: HE AQUÍ UN HOMBRE. REVISTA ÑANDÉ. 07 DE JULHO DE 1959. p. 6.

2. ANÔNIMOS, HOMÔNIMOS E PSEUDÔNIMOS: A ESCRITA COMO VIOLÊNCIA

O caco vem da terra como fruto
 a me aguardar, segredo
 que morta cozinheira ali depôs
 para que um dia eu desvendasse.
 Lavrar, lavrar com mãos impacientes
 um ouro desprezado
 por todos da família. Bichos pequeninos
 fogem de revólvido lar subterrâneo.
 Vidros agressivos
 ferem os dedos, preço
 de descobrimento:
 a coleção e seu sinal de sangue;
 a coleção e seu risco de tétano;
 a coleção que nenhum outro imita.
 Escondo-a de José, por que não ria
 nem jogue fora esse museu de sonho.
 Coleção de cacos – Carlos Drummond de Andrade

¡Qué país! Me habían llevado preso sin decirme por qué.
 Me atribuían un affaire con una desconocida. ¿Quiénes?
 ¡Nunca lo sabría! En París la policía estaba en todas partes,
 pero no intervenía en las cuestiones de alcoba como en
 Asunción, donde un noviazgo o un juego de naipes podían
 ser causa de un proceso criminal. En Asunción se vivía bajo
 la mirada de los demás, las suposiciones de los demás,
 la malquerencia de los demás. Comenzaba a sentir nostalgia
 de la odiosa policía parisina, menos temible que la asuncena
 porque no recibía la colaboración de los vecinos.
 El peluquero francés - Guido Rodríguez Alcalá

Este capítulo pretende problematizar as relações do uso do anonimato nas delações durante a ditadura paraguaia. Devido à quantidade de denúncias com nomes associados aos 108, no final de setembro e no início de outubro “*Cartas Abiertas*” começam a ser publicadas nos periódicos afirmando “*no soy un 108*” ou “*no estoy detenido*”, de modo a tentar resolver casos de homônimos.

A questão central a ser problematizada é a questão dos sentimentos nas cartas publicadas, de forma a compreender em quais tipos de cartas se encontram registros de repulsa, medo ou vergonha além da necessidade de registrar a cada nota um tipo específico de assinatura, ora anônima, ora nomeada.

Deixaremos um pouco em suspenso as discussões a respeito do gênero para aprofundarmos a questão do anonimato e dos sentimentos. Apesar disso, a questão das sexualidades estará sempre presente, mesmo que não seja um conceito utilizado no momento, afinal é a homossexualidade que vai suscitar sentimentos nos missivistas preocupados em ser identificados a partir de um sentimento de recusa, um registro *daquilo que não sou*.

Sobre os referenciais teóricos, Artieres nos auxiliará a compreender a escrita anônima em sua violência e Ginzburg nos ajudará a compreender de que forma a semiologia médica irá perpassar as cartas dos “detetives” anônimos, leitores que acompanhavam o desenrolar do caso diariamente. Além disso, com Hannah Arendt pensamos a moralidade como um campo comum no discurso tanto policial quanto leigo, de modo a fazer com que estes discursos se cruzem e concordem em sua subjetividade moral, ou seja, em suas narrativas sobre moralidade.

Para analisarmos o uso da delação anônima na ditadura, utilizaremos o conceito de “*outredad negativa*” do sociólogo Daniel Feierstein, pois o contexto de intensa vigilância e desconfiança irá fomentar a delação anônima que se manterá a partir da construção do “outro” que deveria ser normalizado, detido ou aniquilado. Junto a isto o poder “concentracionario” do autoritarismo stronista também será analisado a partir da leitura da cientista política Pilar Calveiro sobre a ditadura argentina.

Em um diálogo com Pierre Ansart, Nelly Richard e Beatriz Sarlo pretendemos analisar de que forma a história dos sentimentos e dos ressentimentos pode contribuir para construir e explorar rastros históricos mais plurivocais a respeito da ditadura e, ao mesmo tempo, explicitar a tensão entre intersubjetividades diversas.

Pensar nos sentimentos como conceito para o estudo da história não é tarefa fácil. Ao analisarmos contextos políticos, sociais ou econômicos corremos o enorme risco de generalizarmos sensibilidades de grupos e até mesmo de multidões. Porém, é inegável que os desejos de vingança, os rancores, ódios e as invejas fazem parte da ação e da história humana e, portanto, podem abrir outras dimensões de histórias

mais sensíveis às especificidades, para além das histórias objetivistas que anulam, ou pretendem anular, a produção de histórias mais plurais.

Recorrer aos sentimentos na problematização histórica é desafiador porque coloca em questão a própria vontade de objetividade da história, já que os sentimentos foram recalcados durante muito tempo como algo exclusivo das ciências psicológicas. Autores como Pierre Ansart ajudam-nos a compreender a relevância sociopolítica dos sentimentos, ao explicitar que eles formam peça fundamental na construção das memórias.

A hipótese que seguirá a nossa leitura será a de que os sentimentos foram fundamentais na motivação da escrita das cartas que repudiavam a homossexualidade no Paraguai daquele período. Entre estes sentimentos destacamos o ressentimento porque está presente não só nas ações do estado autoritário stronista, mas também na raiz dos movimentos de resistência, dos movimentos populares e até dos nacionalismos. No caso desta pesquisa o ressentimento está presente na recusa, estigmatização e perseguição contra a subjetividade homossexual, ou conforme as palavras de Ansart, “na origem da decadência das sociedades ocidentais”¹²⁴.

A “amoralidade” daqueles corpos foi construída a partir de um ressentimento moral. Portanto, definimos como ressentimento a predominância do ódio e de emoções atreladas às experiências com o poder, as experiências políticas, onde o poder “cruza estas vidas” e num sentido macro-histórico, permeia as paixões políticas¹²⁵.

Deste modo, após a estimulação à delação pública por meio de listas anônimas que circulavam pela cidade de Assunção, um debate começou a surgir: como contribuir para a eliminação da “amoralidade” sem caluniar um cidadão de bem? A discussão sobre a responsabilidade moral individual e coletiva se formou no sentido de que a amoralidade 108, “abominável”, afetou indiscriminadamente a vida das próprias pessoas que os condenavam. Em um contexto no qual se cria um inimigo público “que poderia ser qualquer um” aliado a um dispositivo de delação e sensacionalismo, os casos de homônimos e a discussão sobre o anonimato nos

¹²⁴ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos In: **Memória e (res)sentimento Indagações sobre uma questão sensível**. BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia (orgs). Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.17

¹²⁵ ANSART. op. cit. p.18.

jornais demonstra a amplitude desta perseguição, quando ela começa a afetar diretamente as próprias pessoas que temiam os tais 108.

A construção dos corpos abjetos *amorales* continuou, porém, neste capítulo analisamos especificamente de que forma as notícias começaram a abranger a responsabilidade sobre o anonimato, além do caráter ficcional dos investigadores anônimos, reafirmando a necessidade da perseguição contra os “amorais”. A partir daquele momento, as emoções deveriam dar lugar à razão e a perseguição deveria seguir, porém, “com cautela”.

2.1 ANÔNIMOS: AS LISTAS DO CASO 108

O envolvimento social com o caso, como vimos, era bastante intenso. Enquanto a construção subjetiva do homossexual era registrada nos jornais por várias cartas enviadas anonimamente ao diretor do periódico, as listas com nomes de supostos 108 seguiam circulando pelas ruas da cidade.

O anonimato destas cartas deve ser contextualizado. Este tipo de escrita anônima é diferente daquela dos sujeitos anônimos que passam por nós em nossa produção historiográfica cotidianamente. Enquanto os registros históricos produzem seus anônimos, pessoas que não deixaram seus nomes nos relatórios oficiais, registros, relatos ou fotografias, a carta anônima é voluntária, ou seja, em sua produção pretendeu-se utilizar justamente do recurso do anonimato como forma de não ser descoberto em relação à denúncia.

Logo, é preciso aclarar que seu uso é proposital e diferentemente do uso do anonimato como “uma arte de vida não fascista”, como nos casos das cartas de ameaça anarquistas¹²⁶, seu uso configura uma contribuição à sociedade de controle, àquela que pretende normalizar corpos e controlá-los em seu mais íntimo. Esta prática será recorrente em todo o período da ditadura e passará por um processo de grande refinamento, acúmulo e intercâmbio de informações dos suspeitos com grande contribuição dos chamados *pyragues*¹²⁷ nas décadas de 1970 e 1980.

Tal uso do anonimato, de acordo com o historiador Philippe Artières, se encontra no âmbito da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de

¹²⁶ ARTIERES, Philippe. Tornar-se anônimo. Escrever anonimamente. In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 313-314.

¹²⁷ Em guarani significa “pés de veludo”, era o termo dado aos informantes na ditadura.

controle. Utilizando as palavras de Foucault em seu prólogo *Por uma vida não fascista*, tornar-se anônimo, neste sentido, seria “isso que está em todos nós, que martela nossos espíritos e condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa própria coisa que nos domina, nos explora.”¹²⁸

Logo, em um contexto ditatorial como do Paraguai, é preciso levar em conta que o plano que se formava era de um extenso terror e vigilância constante contra um inimigo público nacional, este “amoral” que atentava, por sua simples existência, como vimos, contra a própria nação. Trata-se, portanto, de indivíduos que tentaram neutralizar suas identidades, ocultando-se, através do anonimato e agindo diretamente contra subjetividades dissidentes.

Sua prática está em consonância com o dispositivo de controle governamental, assim como seus interesses. A linguagem recorrente de proteção da família, do cidadão de bem, da pátria e dos bons costumes, aparecem nestas cartas, confundindo-se com o ideal nacional de família, defendido pelo estado, como vimos no capítulo anterior.

Nas cartas analisadas por Artiéres, estas palavras aparecem também de forma constante na França no fim do século XIX e início do século XX. As petições públicas, por exemplo, que não apareciam assinadas nominalmente são registradas em nome de “pessoas pacíficas e trabalhadoras”, “pais de família muito honrados”, “filhos e famílias”.

O caráter moral das listas anônimas também merece atenção. Como vimos no capítulo 1, as cartas enviadas aos jornais, geralmente anônimas, continham um forte teor moralizante, bem como o grupo que iniciou a circulação de listas com nomes de *amoraes*, o *Comité de Padres por el Saneamiento de nuestra Sociedad*. A ausência de assinatura não significa total penumbra ou incógnita. Na denúncia anônima faz-se necessário construir uma impressão de legitimidade por parte de quem enuncia. Artiéres traça três fases desta produção de “assinatura anônima”:

Num primeiro momento, até o final da década de 1880, o uso da carta desprovida de assinatura é mínimo, depois, vem um período no qual o anonimato tende a se desenvolver, acompanhado de um discurso de justificação de modo a diferenciá-lo da carta anarquista contemporânea; a partir de 1900 aparece como moda privilegiada de comunicação com os poderes públicos. Em cinco décadas, uma prática ilícita, pequena no início, é progressivamente adotada para ser, finalmente, aceita pela polícia e até

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não fascista. In: Prefácio de **Anti-Édipo, Capitalismo e esquizofrenia**. DELEUZE, Gilles., GUATARRI, Félix. São Paulo: Editora 34.

mesmo, considerada como um meio de informação eficaz e pouco oneroso¹²⁹.

Logo, a relação do anonimato com o poder público deve ser destacada em nossa análise, tendo em vista que a partir das várias listas que circulavam a polícia paraguaia interrogou e deteve os suspeitos. Deste modo, a assinatura coletiva “cidadãos de bem”, “comitê de pais pelo saneamento de nossa sociedade”, não identifica os indivíduos em sua singularidade, mas sim, “um grupo localizável ou socialmente autoconstituído”, cujo papel social moral, de *hombre de campanillas* preocupado com “*o auge de la criminalidad*” ou da “*inmoralidad*”, justifica a prática do anonimato.

Assim como ocorre com as cartas estudadas por Artiéres, os denunciante paraguaios preferem adotar uma prática ilícita ou socialmente reprovável, “ao invés de manchar sua reputação social associando seu nome às práticas que eles julgam ainda mais imorais. Nesse caso, a defesa de sua honradez está no centro da prática”¹³⁰.

Deste modo, a carta é certamente anônima, porém, sua forma deve provar a lealdade e o compromisso do delator com os bons costumes, ou ainda, com a sociedade de controle. Sua respeitabilidade e honestidade devem ser explícitas na carta, de modo a permitir que ela seja utilizada pelas autoridades como “prova”.

As “*listas de 108*” iniciadas pelo “*Comité de Padres por el saneamiento de nuestra sociedad*” demonstram exatamente de que modo este dispositivo de respeitabilidade foi usado. Assim como as cartas enviadas aos jornais, seu uso possui um tom perlocutório, as missivas para os jornais buscavam fomentar uma grande perseguição contra os homossexuais, campanha esta que devia ser levada por todo “cidadão de bem” comprometido com as “causas da família”.

Já as listas possuem um caráter de singularidade. Ao colocar um nome específico, o delator coloca explicitamente a vida de uma pessoa em risco, sendo um personagem potencialmente perigoso que a polícia deveria investigar. É onde se estabelece a violência de sua escrita.

Deste modo, concordamos com Artiéres quanto ao caráter “microfascista” das delações. Este clima persecutório, sustentado e alimentado pelas microintervenções

¹²⁹ ARTIERES. op. cit. p.315-316.

¹³⁰ Ibid., p. 317.

anônimas, fazia parte de uma prática maior de controle e vigilância em vigor no período. Com isto não queremos dizer que o governo stronista era fascista, porém, apontar que, é justamente pelo compromisso ativo de vários cidadãos com a delação é que se guarda seu caráter microfascista, em consonância com o emprego do terror ditatorial.

O regime autoritário stronista¹³¹, no período analisado nesta dissertação, ainda não havia criado o seu sistema único de informações em consonância com a Doutrina de Segurança Nacional¹³² que seria formada anos depois.

Porém, para que os poderes oficiais pudessem cumprir sua função, ou seja, resolver o crime de Bernardo Aranda fazia-se necessário contar com a cumplicidade de civis que, conjugando com os valores do discurso ideológico de seus governantes, recorriam à delação.

Como vimos nas cartas, a referência à comunidade afetiva era comum nos discursos que visavam eliminar os *108* da vida pública paraguaia. O misto de defesa e violência envolvia a relação entre relato anônimo e relatório de polícia, pois, para legitimar a perseguição torna-se essencial a própria justificativa da violência pelo poder, afinal *“no se puede ejercer ninguna violencia, sin una cierta medida de consentimiento y apoyo, es decir, de poder.”*¹³³

A delação anônima, ferramenta constitutiva no regulamento das expressões sexuais e de gênero, foi prática constante durante todo o período da ditadura. Contra o comunismo ou práticas sexuais “aberrantes” a delação fomentou a perseguição de centenas de pessoas que, de acordo com as normas dominantes “não deveriam existir”.

Neste sentido interessa-nos pensar a ditadura stronista nos termos de uma “prática social genocida”¹³⁴. Não nos moldes das primeiras definições genocidas

¹³¹ O governo de Stroessner recebeu vários nazistas após a Segunda Guerra. Sobre a influência do nazi-fascismo no governo stronista ver SEIFERHELD, Alfredo. *Nazismo e Fascismo en el Paraguay. Los años de la guerra 1936-1945*. Asunción: Servilibro. 2012.

¹³² Ver SANNEMANN, Gladys. **Paraguay y La Operación Cóndor en los Archivos del terror**. Assunção: [s/n]. 1994.

¹³³ HEUER, Wolfgang. **Poder, Violencia, Terror: la República Imperfecta y sus peligros**. In: André Duarte e.a. (ed.): *A Banalização da Violência*, Rio de Janeiro 2004. p. 79.

¹³⁴ Com este conceito não tratamos a perseguição contra homossexuais como um “genocídio”, mas como uma “prática genocida”. Como veremos pela análise de Feierstein, trata-se de uma ação de invisibilização, constante terror e vigilância, que pretendeu reorganizar a vida social e construir um inimigo público, isto é, dentro deste conceito, entre os vários grupos de vítimas da ditadura stronista, podemos considerar também os homossexuais, deste modo, sua existência também esteve à mercê de uma “prática genocida” de reorganização social, que buscava o fim da homossexualidade no país.

exclusivistas em que havia um projeto de aniquilação de um ou vários grupo de pessoas, porém, como uma “prática social genocida” utilizada na ditadura, termo alcunhado pelo sociólogo argentino Feierstein¹³⁵ que analisou as práticas de perseguição e aniquilação física e subjetiva levadas a cabo pelo governo ditatorial argentino.

Para Feierstein as práticas genocidas se referem a modalidades de destruição e reorganização de relações sociais. O autor cita quatro tipos de práticas genocidas: genocídio constituinte, como aniquilação de uma população com motivo de formar um estado-nação; genocídio colonialista, como aniquilação de uma população originária a fim de usar seus recursos naturais e como estratégia de subordinação; genocídio pós-colonial, contra lutas de liberação nacional e, por último, o genocídio reorganizador que busca transformar as relações sociais dentro de um estado nação mediante a eliminação de parte desta população. No caso paraguaio interessa-nos pensar neste último conceito, pois

el genocidio en Paraguay debe pensarse no sólo como la aniquilación de una fuerza social, sino como la destrucción de relaciones sociales en el conjunto de la sociedad a la cual fue dirigida. La dictadura iniciada en 1954 se propuso aniquilar una cantidad de gente que, como comprobaremos a continuación, excedió largamente a los miembros de las organizaciones armadas de izquierda¹³⁶.

Neste sentido é necessário pensar que as práticas genocidas de reorganização social, sob o terror e a constante vigilância fomentada pelo governo que formava seus inimigos internos, como os comunistas e os homossexuais, não se refere a uma simples prática irracional de aniquilamento de um grupo específico, mas sim de um conjunto de práticas reguladoras, normatizadas por um governo que se intitulava “democrático”. Como vimos no primeiro capítulo, as perseguições contra subjetividades consideradas perigosas para a nação como a homossexualidade e o comunismo, ocorreram sob o discurso da democracia, no caso stronista, uma “democracia sem comunismo”¹³⁷.

¹³⁵ FEIERSTEIN, Daniel. **El genocidio como práctica social**. Entre el nazismo y la experiencia argentina. Buenos Aires: FCE, 2007.

¹³⁶ PARDO, Alejandro Nicolás. **Análisis de las Prácticas Sociales Genocidas**: Caso Paraguay. Facultad de Ciencias Sociales. Buenos Aires: UBA. 2009. Disponível em http://www.catedras.fsoc.uba.ar/feierstein/escritosalumnos/CasoParaguay_Pardo.pdf.

¹³⁷ É sob este argumento que o governo legitimará suas condutas eleitorais, pois as eleições ocorriam normalmente durante todo o período stronista, porém, com restrições de participação partidária, ou

Deste modo, propomos pensar que as chamadas “práticas genocidas” são tecidas em meio a um processo de modernização das instituições políticas que implicam, entre outras coisas, a afirmação de um governo democrático e que aspirava, portanto, a legitimidade.

A primeira etapa na constituição desta prática genocida é, segundo Feierstein, a construção de um “outro negativo”, etapa fundacional e indispensável para que a supressão de um determinado grupo indisciplinado ou não-normalizado seja possível. Neste sentido se constrói no plano simbólico uma “*otredad negativa*”, em que o outro é diferente, considerado anormal e perigoso para a nação. Neste plano, a heterossexualidade compulsória deveria se impor anulando outras identidades sexuais. É esta construção simbólica que legitima a violência contra estes corpos.

(...) Entender a las víctimas como un grupo discriminado por los perpetradores, elegido no aleatoria sino causalmente para que su desaparición generara una serie de transformaciones en el propio grupo de la nación, la destrucción parcial del propio grupo nacional, es en verdad comprender el sentido de las propias ideas de Lemkin, cuando planteaba que el genocidio se propone “la imposición de la identidad del opresor”¹³⁸.

Soma-se a esta construção subjetiva o contexto de estado de sítio em vigor no Paraguai desde 1955. Sob este estado, medidas “preventivas” eram legitimadas para perseguir, sem precisar de maiores explicações, indivíduos sem provas de culpabilidade, como aconteceu com os homossexuais “suspeitos” inicialmente de haver cometido o crime contra Bernardo Aranda.

Esta construção do “outro negativo” na ditadura, como etapa inicial do das “práticas sociais genocidas” já foi analisada em outros contextos latino-americanos de autoritarismo, como no Chile, nos trabalhos da historiadora Silvana Veto¹³⁹ e na Argentina, pela cientista política Pilar Calveiro.

Pelo mesmo viés, o sociólogo Nicolás Pardo, analisa o caso paraguaio associando o estado de sítio à vontade de vigilância e delação permanentes. Para

seja, partidos considerados subversivos ou comunistas eram impedidos de participar das eleições, pois eram considerados “totalitários” e “anti-democráticos” o que conferia quase sempre uma disputa eleitoral de partido único, o Partido Colorado, sempre com a vitória fraudada do mesmo. Ver SOLER, Lorena. **La larga invención del golpe**. Arandurã Editorial. Asunción, 2014.

¹³⁸ FEIERSTEIN, Daniel. Guerra, Genocidio, violencia política y sistema concentracionario en América Latina. In: **Terrorismo de Estado y Genocidio en América Latina**. Buenos Aires: Eduntref, 2009. p. 23-24.

¹³⁹ VETO, Silvana. **Prácticas Genocidas en la Dictadura Chilena**. Revista Lecturas. Santiago: [s/n] , 2011.

ele “*el estado de sitio estableció que todos los habitantes podían caer en prisión indefinida por actos o asociaciones que se consideraran peligrosos o potencialmente nocivos, o simplemente intolerables*”¹⁴⁰.

Porém, ao contrário do que houve na Argentina em que houve uma predominância das Forças Armadas na cultura do terror cotidiano, esta função era quase exclusiva da Polícia Nacional no Paraguai, já que aos militares ficava a responsabilidade da inteligência e da coordenação de forças e treinamento¹⁴¹. Além disso, as violações contra os Direitos Humanos ocorriam não em centros clandestinos, mas sim, nas dependências públicas do estado¹⁴².

Nesta “arquitetura” do terror, é importante ressaltar que a vigilância estava permeada no contexto social, colocando em prática um sistema panóptico eficiente, onde além de haver um imenso aparato burocrático que controlava todas as ações dos supostos subversivos ou anormais pelos meios legais da polícia, criava o ambiente de constante vigia, à medida que se difundia no corpo social, onde “quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder, fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo [...], tornasse o princípio da própria sujeição.”¹⁴³

Os informantes “espontâneos” foram chave fundamental para o funcionamento da ditadura, tanto no controle da “subversão” comunista quanto das normas sexuais e de gênero. A construção do “outro negativo” era a mesma. Para a manutenção do estado e da nação, o cidadão comum deveria se converter em um ativo delator. Como vimos no primeiro capítulo a Polícia Nacional fazia questão de convocar os cidadãos para esta missão.

¹⁴⁰ PARDO. op. cit.p.8.

¹⁴¹ Id. p.10.

¹⁴² Assim como ocorreu em outros países, o Paraguai contaria com um Campo de Concentração, o *Campo de Concentración de Emboscada* implantado na região de Minas-Cué, no Interior do país, onde havia uma aldeia fundada na época de Gaspar Francia, a fim de conter os ataques dos índios guaicurus. Durante o governo de Carlos Antônio López foi iniciada a construção de uma fortaleza no local, sendo concluída somente no final da Guerra do Chaco. Lá eram alojados os prisioneiros bolivianos, porém, com o fim da guerra a fortaleza serviu como centro de detenção de menores. Nos anos 70 receberia os detidos políticos da ditadura. Outros países controlados pela Operação Condor também usaram este tipo espaços como *El Campito*, na Argentina, e o *Campo de Prisioneros de Chacabuco*, no Chile. Ver Comisión de Verdad y Justicia; “Informe Final – Anive haguá oiko”, Asunción, 2008. Disponível em: <http://www.verdadyjusticia-dp.gov.py/documentos.html>. Último acesso: 20 de dezembro de 2014.

¹⁴³ FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 168.

Nicolás Pardo afirma que o medo foi um dos sentimentos fundamentais para esta manutenção do autoritarismo stronista. Um “*miedo sistémico*”, construído a partir de histórias de amigos e familiares, boatos e relatos de prisões e torturas¹⁴⁴, um “*miedo que desestructuraba los lazos de solidaridad social y condicionaba las respuestas colectivas ante un régimen que ostentaba prepotencia*”¹⁴⁵.

Uma sociedade que delata e suspeita, enfraquecendo as relações internas de solidariedade, cumplicidade e confiança, requer constantemente que o indivíduo possa ser localizado do lado do “inimigo”, ou seja, que o risco de fazer parte do “outro negativo” seja sempre presente. Para o delator, todo o “outro” pode delatar também.

Muchas veces acertado, otras veces erróneo, el señalamiento del estigmatizado constituía un modo de construcción de una nueva relación social que, amparada en las necesidades de supervivencia, generaba un quiebre con la propia identidad y clausuraba definitivamente cualquier posibilidad de cooperación con un par, dado que el delator comprende con cabal claridad, desde la asunción de la propia condición de delación, que todo “otro” es, en definitiva, un potencial delator.¹⁴⁶

As transformações micropolíticas que faziam parte de um projeto macro político nacional, masculino e heterossexual, foram permeadas por sentimentos de constante desconfiança e angústia, um terror que desde os corpos considerados anormais atravessou também aqueles que não compartilhavam da subjetividade homossexual. Como veremos, os casos constantes de homônimos dão sinais de que a delação praticada sem medidas estava em consonância com a prática política de constante vigilância e delação do próprio governo stronista.

Forçar o isolamento ou o desaparecimento da subjetividade homossexual na sociedade paraguaia é uma prática que, além de fazer parte da matriz nacional como vimos com Ochy Curiel, fazia parte do que a cientista política argentina Pilar

¹⁴⁴ Ainda não foi possível pesquisar documentos oficiais que pudessem evidenciar as torturas contra os detidos do *Caso 108 y un quemado*, porém, entre as histórias narradas informalmente está a constante tortura física e psicológica como humilhações, agressões físicas, corte forçado de cabelo e barba, entre outras. Vários relatos apontam para um desfile que teria ocorrido em 1959 com os detidos do caso, a princípio todos teriam desfilados nus e acorrentados pela *calle* Palma. Ainda que carecido de fontes, já que não consta registro do tal desfile nos periódicos, a constância deste acontecimento na memória coletiva é bastante peculiar e merece maior investigação. Sobre a questão do desfile ler SZOKOL. op. cit., p. 45 - 46.

¹⁴⁵ PARDO., op. cit.p.11.

¹⁴⁶ FEIERSTEIN, Daniel. **El genocidio como práctica social**. Entre el nazismo y la experiencia argentina. Buenos Aires, 2007. p. 131.

Calveiro chamou de “*poder concentracionario*”¹⁴⁷. Em sua análise este poder continuaria por agir material ou subjetivamente nas ditaduras, ao interagir com tecnologias orientadas a reconfiguração das relações sociais, na base do medo ou da delação constantes, como um tipo de autoritarismo arraigado no tecido social. Esta desapareição não será apenas material e física, mas também subjetiva. Os vazios históricos que se formaram a partir do silenciamento constante fazem parte desta tecnologia de poder cotidiano de “desaparecimento”. Para a autora

é precisamente nos períodos de “exceção”, esses momentos infelizes e desagradáveis que as sociedades pretendem esquecer e colocar entre parênteses que aparecem, sem mediações nem atenuantes, os segredos e as vergonhas do poder cotidiano. A análise do campo de concentração como modalidade repressiva pode ser uma das chaves para compreender as características de um poder que circulou em todo o tecido social e que não pode ter desaparecido¹⁴⁸.

Se havia uma medida de consentimento ativo, no sentido de que vários cidadãos faziam questão de contribuir para as listas de 108, como forma de gozação ou de causar dano efetivo, a discussão sobre a moral recorria contra a amoralidade em si, fazendo dos “*amorales*” um inimigo comum.

Porém, ainda que a discussão ética não recaísse em uma auto-crítica do delator causando uma reflexão sobre o problema do uso do anonimato como ferramenta para a manutenção dos bons costumes, ao contrário dos “cidadãos de bem” franceses, em Assunção, pela extensão das denúncias anônimas e de ter havido casos de homônimos, alguns “*hombres de campanillas*” se sentiram obrigados a saírem de suas confortáveis penumbras para dizer publicamente o que não eram.

2.1.1 A carta de um amoral arrependido

O jornal *Patria*, periódico oficial do governo, publica uma carta intitulada *Carta de un amoral arrepentido*. A carta, supostamente enviada à polícia, seria de um amoral que escrevia agradecendo à polícia pela investigação e detenção dos homossexuais.

¹⁴⁷ CALVEIRO, Pilar. **Poder e Desaparecimento**. Os campos de concentração na Argentina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

¹⁴⁸ Id.

Segundo o jornal *“En la seccional 4ª de la policía de la capital se ha recibido últimamente una carta firmada por un amoral quien narra ‘la historia triste, cruda pero indudablemente real sobre la manera tan repugnante de vivir’*”¹⁴⁹.

Publicada na seção *Policiales* a longa carta dividida em 2 páginas busca narrar para a sociedade paraguaia a “triste” e “abominável” vida de um amoral, vida que seria a consequência drástica de uma família em crise.

A carta descreve a forma como os *amorales* “*cazan a los incautos juvenzuelos y la posterior tiranía de los supuestos ‘protectores’*. *El celo de los ‘enamorados’ y la cobardía de las víctimas, consecuencia probable del desinterés de los padres y el excesivo amor de las madres*”¹⁵⁰.

O testemunho do *amoral arrepentido* que agora “*ha vuelto al sendero del bien*” chama a atenção para o “*depravado vicio que se cierne amenazante sobre nuestra hasta ayer tranquila ciudad capital*”.

Em um tom de suspense e em uma narrativa que mais parece um conto de terror, a carta inicia agradecendo a polícia por sua “*invalorable actividad desplegada por esa Comisaría*”. Desta forma o autor, anônimo, escreve à polícia “*con el objeto de hacerle llegar un relato sobre una historia triste, cruda, pero indudablemente real sobre la manera tan repugnante de vivir que tiene cierta y determinada persona ‘homosexual’*”¹⁵¹.

Servindo de aviso para os jovens que poderiam se desviar a qualquer momento para este modo de vida, o autor afirma que Bernardo Aranda pode ter sido mais uma vítima dos *amorales* tendo o destino trágico de cair nas mãos de “*personas inescrupulosas (enfermos mentales)*”. Estas pessoas, segundo a nota, teriam o dom “*único en esta clase de personas*” de saber “*atrapar de forma increíble a sus VÍCTIMAS*”, que cairiam “*atraídas por el entusiasmo del primer momento*”, momento este que, ao passar, a vítima sente “*repulsión y arrepentimiento*” sem imaginar o quão seria difícil afastar-se de seu “*protector*” depravado.

Quando se dá conta do “*asqueante*” ato que realizou, a vítima tenta se desligar do depravado mas “*NO! El desligarse de ellos es un imposible*” já que estas pessoas, segundo a carta, possuem armas “*poderosísimas para mantener la*

¹⁴⁹ CARTA DE un amoral arrepentido. **Diario Patria**. Assunção: [s/n] 28 de setembro de 1959. p. 5 – 8.

¹⁵⁰ Id. p. 5.

¹⁵¹ Ibid.

amistad” e as vítimas “*débil de carácter, generalmente muchachos de 14 a 18 años, colmado de promesas de protección, de bienestar, colmado de palabras bonitas*” não conseguem escapar. Cada “*promesa escuchada*” faz com que a vítima dê mais um passo em direção ao “*abismo tan profundo y tan negro que es el de perder la cabeza*”.

Após uma vasta descrição sobre a situação de baixa, terror e repulsa em que se encontraria a tal vítima, o autor anônimo afirma que é neste momento que se inicia o desespero. Esta nova etapa no caminho das profundezas amorais da homossexualidade se daria porque a vítima se encontraria diante da “*indiferencia de los amigos*” pois nesta fase se encontra “*irremediablemente solo*” pois, ao pertencer ao grupo dos mais tenebrosos amorais “*todos se apartan, lo hacen a un lado, evitan su compañía*” e ao se dar conta que gostaria de “*bailar, jugar, formar parte del corrillo*” percebe que “*ya nadie lo acepta*”.

Frente a esta triste situação, a próxima fase da queda, após o entusiasmo, a repulsa e o desespero, seria o medo. Não o medo de se afastar dos lisonjeios, promessas e palavras bonitas, “*NO, algo mucho más terrible, algo mucho más cruel, porque entra en juego el MIEDO A LA MUERTE*”.

É quando, segundo a carta, o homossexual, este ser “*abominable*”, completa a sua forma monstruosa como um verdadeiro *pulpo*¹⁵² que ao ver que sua vítima tenta resistir “*cierne sobre él, como tenazas de acero, apretando más y más, sus terribles tentáculos*”, até chegar ao ponto de atormentar sua vítima ao limite e “*casi enloquecerlo con su despiadada amenaza de muerte*”.

Após uma longa descrição sobre a relação violenta do *amoral*, tomado por ciúmes e com temor de perder sua “*presa*”, o autor afirma que a vítima tenta, sem sucesso, se desvencilhar de seu agressor pela “*sencilla razón de que es un cobarde*” pois, pela sua debilidade, se tornou apenas um “*guiñapo humano*” e volta a cair na amoralidade várias vezes.

O risco de suicídio também figura na carta, pois talvez seja esta a única saída para escapar de tamanha monstruosidade.

A última fase desta fênix da moralidade seria a “*liberación*”. Ao contrário do que pudesse parecer ao leitor, haveria esperança para a vítima da amoralidade, pois “*el Todopoderoso no abandona a sus siervos*”. Nesta “*maravillosa liberación*” a

¹⁵² Polvo.

vítima “*recupera la fe*” mas, com “*profundo pesar*”, pois sabe que há outros jovens que viverão e “*sofrerán las más horrendas pesadillas*”.

Deste modo, a polícia estaria realizando um grande benefício moral ao listar e perseguir estes 108, pois se não houvesse cura para eles, somente o “*correspondiente castigo para estos seres sin remedio*”, haveria salvação, ao menos, para as vítimas, “*gracias a la Bondad Divina*”.

Ruego al Todopoderoso ayude en esta campaña tan extraordinaria iniciada por Uds. Para poder así hacer que alcancen esta “*liberación tan maravillosa*” [...] Al hacer Uds. ésto alcanzarán la bendición divina.. y se sentirán orgullosos de no Haber hecho más que el mayor y mejor de los bienes a la Sociedad y sobre todo a estos pobres jóvenes que se inician en el largo camino de la vida¹⁵³.

A longa carta que descreve a vida de uma vítima dos *amoraes* é também um elogio à perseguição contra os homossexuais no período. Sustentando a ideia de que a polícia fazia um benefício à sociedade ao deter os 108, quais os interesses do jornal oficial do governo ao publicar esta carta anônima? Se ela é de fato a Carta de um *amoral* arrependido, por que ela não está em primeira pessoa?

Dias antes o mesmo periódico publicou uma nota aclarando as “*Verdades y mentiras sobre el caso Bernardo Aranda*”. Nesta nota, o jornal oficial do governo afirma que a “*fértil imaginación ciudadana, abonada lógicamente con las ediciones baratas de libros policiales, ha creado en torno al llamado caso ‘Aranda’ las más inverosímiles versiones*”¹⁵⁴.

A única “*verdad innegable*” segundo a nota, seria o fato de que “*Caso similar a las circunstancias que rodean la muerte del malogrado locutor no se ha registrado en el largo historial de crímenes que registra la policía paraguaya*”. O único agravante nesta investigação seria que “*los muchos detenidos para averiguaciones resultaron ser amoraes*”.

Por este motivo seria, de acordo com a nota oficial, uma inverdade que a polícia estaria empenhada “*en la captura de los llamados del ‘tercer sexo’*”. Seu trabalho estaria somente em “*proceder al ‘fichamiento’ de los mismos, completando de esta forma la lista de los extraviados sexuales*”.

¹⁵³ Id.

¹⁵⁴ VERDADES y Mentiras en torno al Caso Aranda. **Diario Patria**. Assunção: [s/n]. 17 de setembro de 1959. p.5.

Se o periódico oficial do governo se prestou a dar esclarecimentos a respeito do caso, admitindo estar, ao menos, fichando os *amorales*, dias depois uma suposta carta anônima de um amoral “arrependido” é publicada no mesmo periódico, reafirmando a necessidade da perseguição.

Ora, se o intuito é acalmar a população e desmentir os boatos de que estaria em percurso na cidade uma captura de homossexuais, por que o jornal oficial publicaria uma carta anônima reafirmando a necessidade de persegui-los?

Estas publicações contribuem para a formação da amoralidade homosexual sobre a qual discutimos no capítulo anterior, porém, utilizando uma ferramenta que seria usada amplamente neste contexto que é o uso do anonimato pelo próprio governo stronista.

Se a nota sobre o caso Bernardo Aranda criticava a fértil imaginação nutrida pelos romances policiais mais ordinários, na carta que buscava alertar a família sobre os “tentáculos” dos homossexuais que buscavam destruir a moralidade, sua imaginação não se mostrou menos fértil.

Nas palavras do suposto amoral arrependido, o “*enamorado convertido en bestia*” toma uma forma monstruosa novamente. Um monstro letal que poderia levar à morte ou à loucura sua presa na teia de seus amores malditos.

2.2 HOMÔNIMOS: *YO NO SOY UN 108...*

As sucessivas publicações posteriores sobre o caso 108 eram compostas por dossiês de investigação e cartas de leitores anônimos, porém, como vimos, um tipo de publicação que começou a aparecer com as divulgações das listas era aquela produzida por pessoas que alegavam sofrer os efeitos dos casos de homônimo. Deste modo, as cartas anônimas dão lugar a notas que buscavam solucionar publicamente mal-entendidos e esclarecer os casos de homônimos.

As solicitadas *Cartas Abiertas* eram usadas para escrever publicamente que tudo não passava de um mal entendido ou de vil calúnia e que, apesar do homônimo, tais pessoas não pertenciam ao grupo dos “amorais”, dos 108.

Um leitor de nome Aníbal Gadea escreve ao jornal *El País* incomodado ao saber que seu nome aparece em uma das listas publicadas pelo “*Comité de padres por El saneamiento moral de nuestra Sociedad*”. Nas palavras do leitor, somente um

covarde “escudado em um anônimo irresponsável” poderia ter colocado seu nome na lista. Na *SOLICITADA - CARTA ABIERTA* se lê “*Me enteré de un pasquín que trae como leyenda ‘Comité de padres para el saneamiento de nuestra Sociedad’, se incluye mi nombre, Aníbal Gadea, Farmacia Paraguaya, en la lista de los amorales*”. Esta infamia, segundo Aníbal “*urdida seguramente con fines canalleros por algún cobarde que solo anima a escudarse en un anónimo irresponsable*”, certamente não “*profesional y de hombre de hogar*”, não deveria afetá-lo “*en lo más íntimo en mi reputación de profesional y de hombre de hogar*”, porém, o que o obrigou a escrever a carta foi o fato de que “*llegado el pasquín a manos de personas que no me conocen pudiera suscitar dudas respecto a mi honorabilidad*”.

Segundo Aníbal o fato de quem colocou seu nome na lista usar de um meio semelhante (o anonimato) para “*lanzar a la circulación tal vil calúmnia*” só provava o “*bajo y el ruin del mismo que no cabe ningún procedimiento para desenmascarar al villano*”. Com esta carta aberta publicada no periódico o caluniado pretendia

dejar expresa constancia ante los ojos de Dios y ante la opinión de mis amigos que estoy con la conciencia tranquila y que no me anima otro sentimiento que el de compasión por la persona que pretendiendo hacerme mal lanza su veneno sin herirme, y se esconde en la maleza como la peor de las serpientes.¹⁵⁵

Na calúnia denunciada por Aníbal podemos encontrar uma narrativa que, até o momento, anônima, se nomeia pelo sentimento de repúdio por ser associado à “infâmia”. A repulsa ao encontrar seu nome associado à “*lista de los amorales*” o obriga a publicar e assinar como “cidadão de bem” que precisa manter sua honra e respeitabilidade para a opinião pública, mas também “*ante los ojos de Dios*”.

Pelo mesmo viés encontramos a primeira publicação de um colunista da revista *Ñandé* que em sua apresentação na estreia de sua coluna no semanário inicia a seção afirmando que não é um 108: “*Uno cualquiera del millón 499.892 habitantes normales de la República, suma que extraigo al restar del millón y medio de habitantes que se le otorga al Paraguay, la suma de moda: 108*”¹⁵⁶.

Logo, as publicações que buscavam solucionar os casos de homônimos, num contexto onde todos são suspeitos, assim como as listas, continuavam a aumentar devido à ação ativa de pessoas comuns que colocavam, à sua maneira, os nomes

¹⁵⁵ SOLICITADA Carta Abierta. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV.13 de outubro de 1959. p.2.

¹⁵⁶ PSICOLOGÍA de un viaje en omnibus. **Revista Ñandé**, Ano I, Nº 13 de 1959. p. 12.

que lhes convinham. Neste contexto, afirmar que não se pertencia a “*suma de la moda*” parecia fundamental para manter ilibada a moral individual.

Por este mesmo viés, outra *carta abierta* é solicitada. Alberto Lezcano, solicitava que fosse publicado que “*Ha llegado a mis manos un folleto que enseña en su inicio un grito de Alerta al pueblo paraguayo y expone con responsabilísima ‘firma’ una leyenda que reza ‘Comité de Padres por El saneamiento de nuestra sociedad’*”. O folheto, segundo ele, é um “*valiente anónimo*” que continha uma “*lista de amorales*” na qual, constava seu nome, “*Alberto Amarilla que trabaja en Shell*”.

A delação de seu nome, assim como ocorreu com Aníbal Gadea, o obriga a aclarar o homônimo publicamente, ainda que o folheto seja escrito por algum “*anónimo payasesco*” poderia suscitar desconcerto em seu bairro, pois seu nome estava na lista de amorais.

Alberto Lezcano afirma que nem se dará ao trabalho de buscar baixeiras para se referir ao mencionado folheto por sua “*carencia absoluta de responsabilidad y de sentido moralizador que, si pretendió tenerlo, quedó aniquilado al buscar el cauce del anónimo, para convertirse ipso facto en un cobarde chisme impreso de comadres ponzoñosas*”¹⁵⁷.

O ato de incluir seu nome na lista só poderia vir de um “*anónimo pusilánime y ruin*” que, em um momento, lacerou quase “*fatalmente el alma de mi familia y sigue desbordando indignación en el número de mis amistades*” de modo que estes “*señores moralizadores*” desconheciam o tremendo dano que causavam à sua pessoa “*honorable*” tais acusações gratuitas.

O uso do anonimato visto como forma vil de fazer calúnias vazias contra o “cidadão de bem”, passa a ser questionado e repreendido, afinal, por mais que o anônimo leve consigo sua “*nulidad*”, segue a carta, “*la artera pedrada ha sido arrojada y no importa que los puritanos de la conducta escondan la mano y estallen de risa*”. Portanto, “*considerando la ausencia total de varonilidad en las comadronas autoras de tan cobarde inmundicia*” a vítima de tal “vil calúnia” utiliza “*la alta voz de la Prensa Nacional para DESAFIAR a los viles sin conciencia que tengan parte en esta ‘cruzada moralizadora’ a sostener su acusación CONTRA MI PERSONA con pruebas*”.

¹⁵⁷ SOLICITADA Carta Abierta. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV.13 de outubro de 1959. p.2.

As calúnias, tidas como ato de “*comadronas*”, de “mulheres fofoqueiras” que não pensam na responsabilidade de seus atos, para Lezcano, só seriam resolvidas se seus delatores tivessem a “*hombridad*” de dizer seus nomes. Esta é uma contraposição de gênero interessante que segue enviesando as *cartas abiertas*.

Enquanto a ética é associada à masculinidade, a fofoca, os boatos e as calúnias são associadas à feminilidade. Um homem “*viril*” deveria dizer seu nome e não se esconder em anônimos boatos de “*comadronas*”. Esta relação já foi encontrada nas cartas analisadas no primeiro capítulo em que a “*maleza*” do assassino só poderia vir de um homossexual que é visto como “*casi una mujer*”, tomado pelos sentimentos de fúria, ciúmes ou possessividade. Neste sentido, a dicotomia entre emoção e baixeza ligadas ao feminino e razão e honestidade ligadas ao masculino é o que justificava a tese de crime passional. Se não foi uma mulher que matou Aranda, só poderia ter sido “*un amoral homosexual*”. Esta dicotomia segue na carta indignada de Lezcano. Para ele, quem adjudica um sujeito de

intachable dignidad el mote monstruoso de “homosexual” sin responsabilidad su afirmación es tan miserable, tan castrado y tan alejado del sexo fuerte como el más vil de los invertidos. A estos señores YO ACUSO, con la voz del hombre responsable que expone su firma, de ser los representantes de lo más bajo y repugnante que existe en la tierra, y los DESAFIO a aquilatar nuestra personal virilidad en cualquier campo donde las armas sean la responsabilidad y la hombría y no la bajeza prostituta de los cobardes.

ALBERTO RAMON AMARILLA LEZCANO¹⁵⁸.

A moral agora acusava os “moralizadores”, tão vis e femininos quanto os homossexuais. As listas que se pretendiam moralizadoras passam a ser vistas como fontes de constantes calúnias e difamações, atitudes que nas cartas se assemelham à baixeza das mulheres, que obrigam ao “cidadão de bem” a utilizar da voz pública para aclarar sua hombridade, virilidade e heterossexualidade, pois tornando pública a vil calúnia que sofreu o homônimo demonstra que não pertence aos “*tan alejado del sexo fuerte*”. Uma vez afirmada publicamente a sua virilidade, se coloca distante da feminilidade e da homossexualidade, ou do “*más vil de los invertidos*”.

Como as pessoas que constavam nas listas eram interrogadas e detidas pela polícia¹⁵⁹, muitas foram as cartas que buscavam esclarecer que apesar de alguns

¹⁵⁸ Id.

nomes aparecerem em algumas listas ou em solicitações de *habeas corpus* publicadas nos jornais, estas pessoas não estavam detidas. Isto significa mais uma vez, demonstrar, nas palavras de Artiéres, a violência como escrita, já que estes nomes colocados de modo aleatório pelos auto-intitulados “cidadãos de bem”, levavam efetivamente a detenções por parte da polícia.

Os nomes delatados não só suscitavam boatos ou alvoroços, mas detenções contra pessoas marcadas como sujeitos que deveriam ser excluídos da vida pública, no caso os supostos homossexuais, ou por alguma motivação pessoal, denunciados como tal, de modo que o dispositivo da criminalidade se funde ao dispositivo da sexualidade. Deste modo, a prática recorrente do anonimato criminalizou tanto os sujeitos homossexuais denunciados pelas cartas que analisamos no primeiro capítulo, quanto outros cidadãos que, vítimas de alguma motivação pessoal, vingança, dívida ou inimizade, também sofreram o contexto persecutório.

“*No estoy detenido*” afirma Aníbal Ferraro Pozzi em solicitada Carta Aberta. Motivado pela publicação de uma declaração da polícia na qual consta seu nome como detido no sumario instruído pela morte “*del señor BERNARDO ARANDA*”, Aníbal se dirige ao “*señor director*” do jornal *El País*, para aclarar que “*no estoy detenido*” e, além disso, “*la declaración para la cual he sido llamado a la Policía ha sido solo a título informativo, para proporcionar información sobre circunstancia de la que he tenido conocimiento hace once meses*” de modo que não se encontraria de nenhuma maneira relacionado com o ato delituoso em questão¹⁶⁰.

Outra carta aclara que Arsenio Villalba, gráfico da empresa Colmena S.A, foi até a redação do jornal *El Independiente* para afirmar que não estava detido e, portanto, não possuía nenhuma relação com o Recurso de *Habeas Corpus* solicitado “*por um señor de su mismo nombre y aparecido en El Independiente en fecha 19 de los corrientes*”¹⁶¹.

¹⁵⁹ Além da detenção, a punição, levada a cabo pela *Comisaría 4ª*, para os 108 foi o trabalho forçado na extração de pedras na pedreira de Tacumbú na qual eram obrigados a retirar basalto sob forte sol e calor fazendo com que suas mãos e braços fossem queimados. Várias destas pedras estão pelas ruas de Assunção, o que nos evidencia novamente a relação direta entre o castigo contra os homossexuais e o processo de modernização do período. Ver <http://ea.com.py/v2/memorias-del-subsuelo-es-lo-que-se-dice-puto-asi-te-voy-a-decir-yo/>. Último acesso: 30 de janeiro de 2015.

¹⁶⁰ NO ESTOY detenido. **El país**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 05 de outubro de 1959. p.2.

¹⁶¹ ACLARACIÓN. **El independiente**. Assunção: [s/n] Ano I. 19 de outubro de 1959. p.6.

As solicitações de *Habeas Corpus* eram publicadas pelos periódicos de modo que qualquer um facilmente poderia alimentar ainda mais sua curiosidade a partir destes nomes. De acordo com o pesquisador Erwing Szokol

Los nombres de las personas que solicitaron el habeas corpus fue publicado en el Diario El País, medio escrito que antes que abogar por la pronta libertad de este gran número de personas lo publicaba a modo de “comunicar” quiénes eran las personas bajo arresto por motivo de la investigación del asesinato de Aranda. Así, se tiene que en la publicación no se profundizaba sobre la correspondencia o no del otorgamiento de esta garantía constitucional, ni hacía mención alguna a los derechos de estas personas¹⁶².

Deste modo, com a publicação destes nomes os boatos seriam ainda mais fomentados, aumentando o clima de vigilância e controle moral, porém, além dos casos de homônimo, outro tipo de nomeação surge nas páginas dos jornais, ficcionalizando ainda mais o Caso Bernardo Aranda e, ao mesmo tempo, provocando efeitos reais já que as listas seguiam por tentar submeter os corpos pela violência.

2.2.1 Uma *carta abierta* policial

Na segunda quinzena de setembro uma nota questionando a veracidade dos fatos passados pela polícia à imprensa já havia sido publicada. Uma nota no jornal *El País* acusava seu concorrente *El Independiente* de haver dado a entender em uma nota que houvesse uma série de subornos para “*tapar manejos turbios*” que a polícia estaria recebendo.

Tal calúnia, novamente, colocando em jogo a moral da corporação, foi respondida com uma “*Carta Abierta a El Independiente*” no mesmo formato das cartas abertas analisadas anteriormente. A carta, endereçada ao diretor do jornal concorrente, critica a frase que pareceu ofensiva para “*nuestra calidad de funcionarios policiales*”, pois, a irresponsável insinuação sobre os subornos registrados no curso de tais investigações, ou melhor, dita “*acusación de corrupción*” já havia sido investigada pela polícia para “*defender nuestra integridad moral y profesional*” e nada foi encontrado.

Como “*hombres equilibrados*” frente a esta acusação periodística, segundo a nota policial, a única conclusão a qual chegaram foi a de que o jornalista que

¹⁶² SZOKOL. op. cit. p.34

escreveu a dita insinuação seria o “*menos llamado a reclamar moralidad*” por ter sido sancionado por “*la Asociación de la [ilegível]*” por furtos, fraudes e calotes.

Estas informações publicadas na dita nota, segundo a polícia, não saem à luz do dia “*por espíritu vengativo*”, mas sim para “*otorgar a la colectividad la oportunidad de saber que no en todos los casos quienes asumen la calidad de portavoces de la honradez y de la decencia, tienen ni remotamente los títulos morales para hacerlo*”¹⁶³.

Como forma de lançar uma recomendação a respeito do publicado, segundo a nota, “*por hombría de bien*” o nome de dito jornalista não foi anunciado, porém, a polícia solicita a colaboração de *El Independiente* e pede “*un poco más de control sobre la imaginación desatada de algun redactor*” e sobretudo mais cuidado ao investigar “*la intimidad de la casa ajena antes de haber pasado la escoba por la suya*”¹⁶⁴.

A “imaginação” do jornalista levaria a polícia a solicitar para o jornal concorrente um espaço editorial para publicar sua própria *carta abierta*. A publicação evidencia a concorrência entre os jornais, que cada vez mais, assim como os investigadores, disputavam por maior veracidade ou detalhes em suas notas¹⁶⁵.

A linguagem, baseada no compromisso com a “*hombridad*” e a “*honra*”, se assemelha às cartas analisadas anteriormente, o que nos faz pensar novamente de que modo o campo subjetivo da masculinidade enquanto hombridade e virilidade está associado ao discurso moral, tanto da imprensa quanto do próprio estado. É justamente este campo subjetivo comum que fará com que a moralidade social e a moralidade da lei se confundam, campo que analisaremos mais adiante no capítulo III.

2.3 PSEUDÔNIMOS: SPENCER HOLMES X CHARLES CHAN

Como vimos no primeiro capítulo, o caráter ficcional na construção do inimigo público homossexual era evidente. O envolvimento sentimental com o caso cada vez

¹⁶³ CARTA ABIERTA a El Independiente. **El País**. Assunção: [s/n] Ano XXIV. 21 de setiembre de 1959. p.2

¹⁶⁴ Id.

¹⁶⁵ Um dado interessante a esse respeito é que *El independiente* circulava pelas manhãs enquanto *El País* circulava à tarde. Esta diferença daria a cada periódico suas oportunidades para fazer um furo jornalístico com antecedência de um dia ou ainda, horas.

mais “*apasionante*” levou muitos leitores a enviarem cartas aos periódicos contando de forma anônima ou nominada a sua versão sobre o assassinato.

A ficcionalização do crime, que transformava a todos em especialistas, juízes e investigadores, seria ainda mais extrema, ao ponto de dois leitores, de nomes desconhecidos, utilizarem pseudônimos inspirados na literatura policial.

Em uma carta publicada em 12 de setembro um leitor narra seu ponto de vista a respeito de como poderia ter ocorrido o assassinato de Bernardo Aranda. Após descartar, com grande riqueza de detalhes, a tese de suicídio, o leitor defende a possibilidade de assassinato em que o ataque, motivado por descontrole nervoso, histerismo ou loucura demonstraria premeditação por parte do criminoso.

Após fazer várias interrogações a respeito das hipóteses de que uma mulher estaria envolvida no crime - O que fazia a mesma a esta hora da noite na casa da vítima? Que tipo de relação os unia? Poderia em certo caso provocar ciúmes a terceiros a amizade que a dita suspeita mantinha com a vítima? Existe verdadeiramente “*la chica*”? Ou seria ainda uma segunda vítima por ter sido encontrada ali? – o leitor encerra a nota fazendo sua “*Síntesis Deductiva*” na qual afirma que somente um golpe anterior, que teria deixado Aranda inconsciente, poderia ter feito com que ele tomasse o líquido inflamável que o levou à morte. A carta “nominada” publicada no jornal era firmada pelo pseudônimo de Spencer Holmes¹⁶⁶.

O pseudônimo escolhido para assinar a nota não poderia ser mais simbólico. O investigador anônimo, ancorado pelo personagem policial Spencer Holmes, narra sua versão do acontecido. Porém, não apenas como “um leitor”, mas, sim, como um investigador anônimo capaz de resolver o crime a seu modo, com a legitimidade ficcional dos grandes detetives da literatura policial¹⁶⁷.

Nesta prática Spencer Holmes não seria o único. Sua carta motivará a resposta de outro detetive anônimo que acompanhava de perto as notícias a respeito do caso Aranda. Inspirado em outro detetive agora com ascendência asiática o investigador anônimo escreve “*Quisiera que pueda aparecer en su*

¹⁶⁶ PUNTOS DE vista sobre el caso Aranda. **El independiente**. Assunção: [s/n]. Ano I. 12 de setembro de 1959. p.6.

¹⁶⁷ O pseudônimo, provavelmente inspirado nas histórias de Sherlock Holmes, personagem do final do século XIX das obras de Arthur Conan Doyle, demonstra uma aproximação com os romances policiais que faziam bastante sucesso no começo do século XX. O uso de um pseudônimo baseado em um detetive respeitado e admirado publicamente também dá legitimidade às hipóteses de “Spencer Holmes”.

periódico esta pequeña aclaración para el colega Holmes". Seguindo com várias provocações ele pergunta, "*será posible que los años te hayan hecho perder tus facultades, tan sagaces y acertadas?*" Ou ainda, "*Acaso no tenemos hoy satélites y rutas interplanetarias cuyas metas son Marte, Júpiter y... la Luna?*" Mas, segue a carta, "*pensándolo bien son cosas atrasadas, pues tu, caro amigo y colega, ya hace tiempo que vives en la luna*".

De forma irônica, ordena que Spencer Holmes desça do mundo da lua e olhe ao redor. "*Y verás lo atrasado que estás; además – y esto me extraña – es tu apresuramiento en llegar*". Para ele, Spencer não poderia estar mais equivocado em suas deduções, já que se baseavam em informações antigas que já haviam sido elucidadas pela polícia. A demora em suas atualizações o espanta de modo que se indaga "*no puedo creer que tu, UN INVESTIGADOR POR CUYAS VENAS FLUYEN LA INNATA SANGRE INGLESA PROVERBIAL POR SU NO APRESURAMIENTO*".

Como poderia um investigador inglês estar tão atrasado em suas investigações? Porém, o contestador se compromete "como amigo" em tirá-lo desta enrascada. "*Y como que me llamo? Charles Chan, así lo vé*".¹⁶⁸

Após a apresentação, narra sua versão dos fatos, onde vislumbra uma chantagem imposta por uma terceira pessoa, o que justificaria o silêncio de tal moça presente na cena do crime. Pois bem, após sua irônica descrição dos fatos, termina a nota dizendo "*Por hoy basta. Ya veré más tarde a qué atenerme pues estoy estudiando una pequeña pista encontrada a última hora. Sígueme, caro Holmes, y te plasmarás al final. Tu amigo y colega: CHARLES CHAN*".

O jogo de investigações anônimas, como vemos, ultrapassa a resolução do acontecimento. O jogo também se refere a qual investigador está mais adiante em suas pistas. O tom irônico ao tratar o assunto, a vontade de estar sempre à frente são emoções que se envolvem na prática do que Ginzburg chamou de Paradigma Indiciário que, de acordo com o autor, entrou em vigor nas ciências humanas no final do século XIX. Em seu ensaio *Sinais: raíces de um paradigma indiciário* Ginzburg trata de um novo método que visava a atenção máxima aos mínimos detalhes e que começou a surgir nas ciências humanas.

A partir das análises sobre as obras de Morelli, Freud e Sherlock Holmes, o autor visa problematizar como os sinais ínfimos, resíduos e dados marginais podem

¹⁶⁸ CON RELACIÓN al caso Aranda nos escribe un investigador anónimo. **El independiente**. Assunção: nº 116. Ano I. 24 de setembro de 1959. p.1.

trazer à luz uma conclusão em relação a um acontecimento mais complexo. No caso de Freud eram os sintomas, de Morelli, os signos pictóricos e de Holmes os indícios, as pistas.

O modelo comum a estes três tipos de saberes indiciários seria a semiologia médica na qual todos os indícios são importantes para conhecer a autoria de uma obra, as enfermidades mentais ou ainda a resolução de um crime.

O passado médico em comum dos três autores analisados por Ginzburg explicaria a semiótica, porém, “não se trata simplesmente de coincidências biográficas. O final do século XIX – mais precisamente, na década de 1870-80 – começou a se firmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. Mas as suas raízes eram muito antigas”¹⁶⁹.

Segundo Ginzburg, suas origens remontam às práticas humanas que foram sendo reproduzidas desde a antiguidade, contudo, tanto no jogo da investigação, quanto no processo indiciário, entrariam também elementos impoderáveis

todas as situações em que a unicidade e o caráter insubstituível dos dados são, aos olhos das pessoas envolvidas, decisivos. Em situações como essas, o rigor flexível do paradigma indiciário mostra-se inelimitável. Trata-se de formas de saber tendencialmente mudas - no sentido de que suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a por em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.¹⁷⁰

A intuição, este “termo minado”, é o que diferencia os avanços de nossos detetives anônimos, pois será item fundamental na escrita das várias investigações. Atrelada a cada singularidade, a intuição própria levará, a partir dos pequenos rastros e indícios, que uma hipótese se diferencie da outra.

Para Ginzburg, a intuição como algo racional está atrelada à “baixa intuição”, a qual o autor cita a fisionomia árabe baseada na fírasa, “noção complexa, que designava em geral a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios”. O termo, segundo ele, extraído do vocabulário dos sufi, era utilizado para designar, além das capacidades místicas, também formas de discernimento e sagacidade, itens fundamentais para um anônimo que se quer investigador.

¹⁶⁹ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.150-151.

¹⁷⁰ Id. p. 177.

Essa ‘intuição baixa’ está arraigada nos sentidos (mesmo superando-os) – e enquanto tal não tem nada a ver com a intuição supra-sensível dos vários irracionalismos dos séculos XIX e XX. É difundida no mundo todo, sem limites geográficos, históricos, étnicos, sexuais ou de classe – e está, portanto, muito distante de qualquer forma de conhecimento superior, privilégio de poucos eleitos. É patrimônio dos bengaleses, expropriados do seu saber por sir Willian Herschel, dos caçadores, dos marinheiros, das mulheres¹⁷¹.

A banalidade da crença em uma “intuição” permitiu com que o cidadão comum se tornasse também um árduo investigador dos acontecimentos. Trabalhando paralelamente com os indícios que levam à luz a polícia e a medicina legal, seu trabalho minucioso baseado em seu “faro”, também é intrínseco ao campo subjetivo da intuição. Com ela, a escrita se legitima com o uso do pseudônimo histórico, baseado nos romances policiais, como Spencer Holmes e Charles Chan.

Ainda que personagens ficcionais, seus nomes dão legitimidade e poder aos discursos, afinal, com o uso destes nomes se usa toda uma configuração subjetiva já compreendida publicamente e baseada nas investigações dos crimes ficcionais do final do século XIX e início do século XX. Holmes e Chan não se querem apenas como mais dois anônimos traçando narrativas a respeito do caso *108 y un quemado*. Seus pseudônimos trazem consigo a respeitabilidade de personagens literários conhecidos por sua sagacidade e intuição.

Porém, a extensão das denúncias e o envolvimento pessoal dos cidadãos que se colocavam como verdadeiros investigadores do caso Aranda acabou por criar um debate moral tanto entre os delatores/delatados quanto entre os jornais *El País* e *El Independiente*.

A forma como as listas foram escritas e circularam obrigou o cidadão comum, vítima de homônimos, a sair de sua confortável penumbra moral. Como os periódicos tinham publicações diárias a respeito do caso a “culpa” a respeito das informações prestadas e transmitidas também incorreu sobre eles. O que também os fez se posicionarem a respeito das listas de *108*.

2.4 MORALIDADE E RESPONSABILIDADE NO ANONIMATO

¹⁷¹ Ibid.p. 179.

Antes de prosseguir nos estudos das notas, cabe algumas considerações teóricas a respeito da ideia de moralidade e responsabilidade. Para tal, utilizaremos as problematizações de Hannah Arendt a respeito. A grande questão em se pensar a moral coletiva é que individualmente cada cidadão pode ter o seu conceito de moralidade.

Nas cartas, como vimos, a “*moralidad*” está atrelada a um tipo de moral específica, cristã, heterossexual, conservadora, que se quer coletiva. É para proteger esta “moral” que se constrói um discurso de amoralidade, além de pregar a direta perseguição contra os seus “adeptos”.

A moralidade que se constrói e que se utiliza nos discursos que ditam que a homossexualidade é amoral, se confunde com a lei. Isto não significa que a homossexualidade foi considerada crime no país, o que não é o caso, ironia esta que trabalharemos mais detalhadamente no capítulo III.

Porém, este dispositivo de criminalização da homossexualidade não precisou constar nas letras da lei para efetivar uma condenação moral e jurídica, pois, a partir do discurso da solução de um caso de assassinato se construiu um inimigo público que era, efetivamente, um inimigo moral.

Para Arendt, as questões legais e morais não são idênticas, mas, possuem certa afinidade, porque “ambas pressupõem o poder de julgamento”.¹⁷² Neste sentido a moralidade coletiva estará imbricada na escrita das leis, porém, será possível falar de moral coletiva?

Ao lado da carta aberta de Aníbal Gadea se lê uma nota intitulada “*Alerta: Cuidado con los anónimos!*” afirmando que sempre causou reprovável impressão toda ação anônima e é natural, de acordo com a nota, que assim seja, “*por cuanto la calumnia, la infamia y toda la gama de la perversidad caben en la impunidad del que ataca desde la sombra*”¹⁷³

A aparição das listas de *amoraes*, por conter nomes de pessoas “*honrables*” alheias totalmente a prática do execrável vício “*tan en la actualidad del rumor callejero*” é, segue a nota, um risco demasiadamente perigoso já que pode ser manipulado por “*irresponsables que gozan en publicar nombres que, si pueden*

¹⁷² ARENDT. Hannah. **Responsabilidade e Julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.84.

¹⁷³ ALERTA: cuidado con los anónimos!. **El País**. Assunção: [s/n] 13 de outubro de 1959. p.2

individualizar a genuinos homosexuales, también pueden involucrar a homónimos y a terceros inocentes que son pastos de la malevolencia humana”.

A nova campanha a ser lançada seria “*Cuidado con los anónimos!*” já que “*es demasiado baja la práctica de um vicio que horroriza a la sociedad*”, mas é ainda mais baixa “*la calumnia que descargamos sobre conciencias dignas del mayor respecto y tan temerosas como los que criticamos las desviaciones sexuales*”¹⁷⁴.

Deste modo se defendia o “saneamento” da sociedade no seu propósito de “*extirpar el mal*”, porém, sem “*los cobardes anônimos*” somente os órgãos “*rectores de la sociedad que cumplen una noble misión humana*” deveriam agir diretamente, e enquanto isso o cidadão deveria continuar preservando os valores morais e intervindo “*de inmediato al foco de penetración morbosa, para preservar al organismo de su avance y aislarlo de inmediato en el lugar mismo de su aparición*”.

A analogia entre amoralidade e doença é bastante representativa. Assim como um *enfermo*, o homossexual devia ser contido em seu lugar, com o fim de que sua “doença” não infectasse os demais. Neste sentido, o maior medo registrado nas notas era que a juventude fosse infectada por esse terrível “monstro moral”.

A mudança no tom da campanha demonstra que o alvo continua claro, ou seja, conter a homossexualidade, porém, o que se pretendia era inibir que novos casos de delações afetassem o tão aclamado “cidadão de bem”¹⁷⁵. O delator anônimo, pelas palavras da campanha, deveria pensar que sua ação não incidia somente contra os *amorales*, mas que poderia afetar negativamente a família tradicional paraguaia.

Desta forma, o que antes era visto como uma atitude patriótica de defender a nação contra o vício da “*amoralidad*” se tornou um ato de irresponsabilidade, dignos das baixezas dos boatos *callejeros*¹⁷⁶.

A adesão do cidadão comum em seu ato de colocar nomes nas listas dos 108 se refere a uma convenção social, como um “costume” que estava em voga. Assim, podemos dizer que havia o cidadão que delatava nomes a partir de uma ideia de

¹⁷⁴ Id.

¹⁷⁵ Em busca da origem das listas de 108, *El Independiente* se posiciona buscando afastar sua responsabilidade das delações. “*Irresponsabilidad*”, iniciaria a nota, “*Quien es el valiente y quien es el responsable? Cual la imprenta a cual se prestó para lanzar el primer panfleto?*” **IRRESPONSABILIDAD**. *El independiente*. Assunção: n° 129. 13 de outubro de 1959. p.1.

¹⁷⁶ En nota de 28 de setembro *El independiente* publica que só aceitariam as cartas assinadas, já que o jornal havia começado a receber muitos telefonemas e cartas anônimas com denúncias sem fundamento. ANÓNIMOS a *El Independiente*. **El Independiente**. Assunção: n° 118. 28 de setembro de 1959. p. 1.

moralidade que deveria ser “protegida”; e aquele que denunciava pelo simples fato de que gostaria de utilizar o dispositivo da criminalidade em curso para causar dano a alguém.

De acordo com uma carta publicada em 14 de outubro todas as listas se diferenciavam em seu conteúdo, porém, o que tinham em comum era o anonimato, pois ninguém se *“atreveria a presentarse responsable de semejante publicidad que constituye la configuración precisa del delito de difamación”*¹⁷⁷.

Neste sentido o anonimato coletivo das cartas protegia os delatores, pois a culpa moral, como afirma Arendt, “não é de ninguém individualmente, mas do conceito de culpa coletiva”¹⁷⁸.

Ainda que Arendt tome o contexto da Alemanha nazista e os usos da moralidade após a queda daquele regime, a admissão da culpa coletiva em um contexto de constante vigilância no qual havia um comprometimento público com as delações, no caso paraguaio também serviu como “uma caiação”¹⁷⁹ muito eficaz embora involuntária, daqueles que tinham feito alguma coisa: como já vimos, “quando todos são culpados ninguém o é”.¹⁸⁰

A justificação moral em relação às listas não decorre somente do fato de que como as denúncias eram anônimas, a culpa seria “coletiva”, mas o fundamento de que a motivação foi o “saneamento moral” da sociedade já era o suficiente para aceitar as delações, voltando a condenação aos delatores *canallescos*, que visavam difamar ou ainda, tratar do “problema” central da sociedade paraguaia que continuava a emergir nas cartas: a contenção da homossexualidade.

Nos discursos analisados a questão homossexual no Paraguai deveria ser uma questão “*médica*”. Sobre a “questão médica”, Arendt cita a frase proferida pelo advogado de Eichmann, “que nunca participou do partido nazista”, mas, que afirmou que o que “acontecera em Auschwitz e nos outros campos de extermínio foi uma ‘questão médica’”. Neste sentido

era como se a moralidade, no exato momento de seu total colapso dentro de uma nação antiga e altamente civilizada, se revelasse no significado original da palavra, como um conjunto de costumes, de usos e maneiras,

¹⁷⁷ UN GRAVE riesgo. **El Independiente**. Assunção: nº 130. Ano I. 14 de outubro de 1959.

¹⁷⁸ ARENDT. op. cit. p.83.

¹⁷⁹ Como uma maquiagem, um “branqueamento”.

¹⁸⁰ ARENDT. op. cit. p.90.

que poderia ser trocado por outro conjunto sem dificuldade maior do que a enfrentada para mudar as maneiras à mesa de todo um povo¹⁸¹.

Certamente a aversão à homossexualidade antecede o stronismo na história paraguaia, porém, era a primeira vez que um aparato policial tivera o trabalho de perseguir, rastrear e vigiar estes sujeitos de forma tão sistemática, a ponto de contribuir com as pessoas em suas denúncias e utilizar das delações para exercer uma perseguição de grandes proporções.

O contexto no qual se desenvolveu a perseguição aos homossexuais foi uma ditadura, que segundo as palavras de um autor anônimo,

el ambiente político que vive la República, en que supuestos o legítimos agravios abren en la sociedad abismos de separación que concluyen en verdaderas enemistades[...] o el amigo ausente, o simplemente por maldad, o por motivos políticos.¹⁸²

Ou seja, em uma cidade como Assunção, a má fama poderia chegar nos mais distantes círculos de Aranda já que se sabia que *“En Francia como en nuestro país hay antecedentes sangrientos cuando se mezcló indebidamente la vida privada en la contradicción política”*. A infâmia, a calúnia e a maledicência pareciam tão vis, perigosas e contagiosas quanto a homossexualidade. Indagava-se o leitor:

Y cuando las “Listas” se sucedan en una disputa vertiginosa, por ser la más infame, la más falsa, y cuando ya no quede en la sociedad un nombre que no haya sido enlodado por la sucia difamación irresponsable; cuando ya no puedan mirarse, los unos a los otros, con la limpia tranquilidad de las vidas limpias, cuando todo que hundido en el lodazal hediondo qué es lo que quedará, que he es lo que se habrá conseguido?¹⁸³

Outro missivista, *padre de familia*, se diz muito preocupado, pois até as meninas de alguns colégios se *“dedican a escribir listas ensuciando de condiscipulos varones”*. Outros, por sua vez, listam *“a las niñas, señoras, señoritas en clasificaciones innombrables”*. Seu apelo ao diretor do jornal *El Independiente* é *“que su diario sea la voz serena que clame porque todos entremos en razón. No destruyamos a la sociedad paraguaya. ROBERTO S. ALMIRON”*¹⁸⁴.

¹⁸¹ Ibid., p.106.

¹⁸² UN GRAVE riesgo. **El Independiente**. Assunção: nº 130. Ano I. 14 de outubro de 1959.

¹⁸³ Id.

¹⁸⁴ UN LECTOR opina sobre la Explotación de Panfletos y Revistas que tratan de la Inmoralidad. **El independiente**. Assunção: nº 142. 28 de outubro de 1959.p.1.

Os sentimentos revestem estas narrativas afetando a vida tanto dos delatores quanto dos delatados. O medo de ser confundido, a vontade de delatar, a brincadeira em anotar os nomes na escola, a satisfação em contribuir ao divulgar e acrescentar nomes às listas, dão lugar a um pânico que busca continuar o “saneamento moral da sociedade” porém, por vias menos folhetinescas que garantissem o bem-estar da família paraguaia.

Na tentativa de ler as micro-sensibilidades que eram publicadas nos jornais e que ao mesmo tempo construíram publicamente uma subjetividade abjeta, há que buscar as razões transcendentais por trás das experiências e dos vestígios. Certamente, as emoções possuem um papel fundamental nestas motivações.

Como vimos, a liberdade do anonimato só foi ferida a partir do momento em que casos de homônimos começaram a aparecer nas listas. Deste modo, cabia ao leitor das margens do passado buscar os incômodos e sentimentos que motivaram as perseguições, delações contra os corpos considerados anormais, incompatíveis, pervertidos e amorais, corpos que, nas palavras de Nelly Richard “infectaram a memória”

El cuerpo extraño que debemos mantener flotante como recuerdo híbrido es aquel compuesto por “jirones de diarios, fragmentos de exterminio, sílabas de muerte, pausas de mentira, frases comerciales, nombres de “difuntos” que nos hablan todos ellos –mezcladamente- de la “infección de la memoria” que nos contagió a través de “una honda crisis del lenguaje, una desarticulación de todas las ideologías”. Es la impureza de ese recuerdo la que merece ser productivizada a favor de un ejercicio de la memoria no linealmente reconstitutivo de una historia única, puesto que todo lo historiable ha sido irremediabilmente contaminado por la sospecha que pesa sobre cada acto de representar una totalidad de sentido¹⁸⁵.

2.5 ANONIMATO, MEMÓRIA E SENTIMENTO

As supostas paixões homossexuais de Aranda foram utilizadas como mote para as paixões justiceiras da população. A aversão ao estigma 108, o sentimento de repúdio ao número associado à subjetividade homossexual não se limitaram ao ano de 1959, tendo em vista que ainda hoje permeia o imaginário social paraguaio como sinônimo de homossexual.

A última fonte à qual recorreremos é uma reportagem de 2001 que trata das votações internas da *Integración Colorada de Caaguazú*, na qual o grupo reivindica o

¹⁸⁵ RICHARD, Nelly. **La insubordinación de los signos**. Cambio político, transformaciones culturales y poéticas de las crisis. Santiago: Editorial Cuarto propio. 2000. p. 19.

direito de mudar o número de sua candidatura, pois no sorteio tiveram a “má sorte” de serem alcunhados pelo número 108. O título da reportagem não poderia ser mais categórico:

Nadie quiere ser 108 en Colo'o

El 108 es conocido por ser un numerito de “muñeca torcida” y algo vacilón por lo que nadie quiere ser señalado con este símbolo por su vinculación a la tendencia afeminada, poco varonil, o sea, ku¹⁸⁶ otro. El partido Colorado no escapa a este, ya que un movimiento interno denominado Fuerza de Integración Colorada Caaguaceña solicitó a grito pelado que se le cambie la asignación numérica que le tocó¹⁸⁷.

A repulsa e curiosidade que permeiam as fontes analisadas fazem-nos pensar na memória escrita a partir dos próprios ressentimentos públicos. A denúncia pública, a delação fotográfica, são formas públicas de demonstrar sentimentos, repulsas, medos e juízos. A experiência, conceito também utilizado por Ansart, é o que nos permite, a partir de uma epistemologia dos sentimentos, traçar sensibilidades que constroem e modificam também as memórias.

Os sentimentos revestem as escritas tanto dos delatores quanto dos delatados. A satisfação de fazer parte da delação coletiva, ao contribuir divulgando e acrescentando nomes às listas, permeia tanto as emoções individuais, como no caso de Aníbal Gadea, quanto das instituições políticas, como no caso do Partido Colorado e sua preocupação com o número sorteado nas votações internas.

Para Beatriz Sarlo o passado se faz presente no tempo próprio da lembrança, da memória. Ainda que a história oficial ignore a lembrança dos 108 registrada pelos jornais, o silêncio não elimina o passado. Por isso falamos em passados, no plural. O enfraquecimento do império do passado único, diante do instante, dos lugares-comuns sobre o presente e suas operações de apagamento na escrita da história, podem no presente, repicar o luto ou celebrar a dissolução do passado¹⁸⁸.

No presente, o neo-historicismo, após o contato com a antropologia e os estudos culturais, indica como as operações com a história entraram também no

¹⁸⁶ *Ku otro* significa “aquele outro” em Yopará, língua que seria uma mescla de castelhano com guarani. Pode significar várias coisas, porém, neste contexto uma forma indireta de se referir à homossexualidade.

¹⁸⁷ NADIE quiere ser 108 en Colo'o. **El País**. Assunção: [s/n]. 15 de maio de 2001.p. 8.

¹⁸⁸ SARLO, Beatriz. Tempo passado. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p.10-11.

mercado simbólico do capitalismo tardio, deslocando os estudos para as margens¹⁸⁹ e modificando a noção de sujeito, o que Sarlo definirá como a “guinada subjetiva”. Guinada que se dá pelas vias de um olhar mais atento para o cotidiano, para os vestígios e para as oposições à normalização e as subjetividades que se distinguem por alguma diferença ou anomalia, no caso desta pesquisa, o estigma 108.

A história oficial, ao ignorar as múltiplas sensibilidades como o acontecimento referente aos 108 constrói uma narrativa preocupada com a virilidade, com a formação da noção de pátria e dos chamados grandes acontecimentos, utilizando como um princípio organizador desta história uma tentativa de história única que exerce soberania sobre as descontinuidades, oferecendo uma linha do tempo contínua e buscando construir um sentido comum em relação à história nacional¹⁹⁰.

Contra esta pretensão de história única é que aparece a guinada subjetiva, um campo analítico no qual operam os novos sujeitos, embasados em princípios de mudanças, rebeldia e a preservação ou positivação das identidades, os novos corpos e suas condições ideológicas plurais que os sustentam, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, e por que não sentimental, nas escritas da história.

Sarlo cita Susan Sontag ao problematizar os registros do passado da ditadura com os conflitos de memória no presente democrático, pois recordar não é suficiente se não houver um uso da compreensão, “é mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar”¹⁹¹.

Ansart e Richard também citam a democracia no que tange a manutenção e os usos da memória, já que um dos objetivos deste regime seria o de substituir a violência pela tolerância, o enfrentamento dos ódios pelo confronto de opiniões, construir espaços de diálogos e de reflexão, tendo como efeito liberar as expressões e superar os ódios através do reconhecimento das pessoas e seus direitos, sendo o sufrágio universal constituído pela ideologia liberal representativo de um tipo de “técnica de desapaixonar”¹⁹².

Porém, para Pierre Ansart, ainda que as intenções liberais sejam de fragmentar e enfraquecer os ressentimentos, na prática, funciona como uma gestão

¹⁸⁹ Os três autores analisados trabalham a questão das margens, margens tanto epistemológicas como os sentimentos quanto as de objeto de estudo como as mulheres, os assassinados políticos e a sociopolítica, em Nelly Richard, Beatriz Sarlo e Pierre Ansart respectivamente.

¹⁹⁰ SARLO. op. cit. p.14

¹⁹¹ SONTAG, Susan. apud. SARLO, Beatriz. _____.Op.Cit.p. 22.

¹⁹² ANSART. op. cit. p. 27.

democrática dos ressentimentos, tolerando manifestações de hostilidade, outorgando em alguma medida algum direito de expressão.

Enquanto a intimidade de Bernardo Aranda foi esmiuçada pelas manchetes dos jornais, as dezenas de leitores que se sentiam envolvidos com o caso, como responsáveis ou com poder de interferência, montavam não só a sua versão pessoal sobre o crime, mas viam também sua subjetividade envolta ao que foi o acréscimo e divulgação das listas de 108.

O caso continua sendo um desafio para a democracia paraguaia, que lida com a instabilidade governamental e com a recente abertura da historiografia para estas novas sensibilidades. A guinada subjetiva é recente na historiografia paraguaia e ainda que sejam necessárias traçar estas novas possibilidades de história, faz-se necessário cuidar para não sucumbir ao esquecimento dos sentimentos passados, porque *“la consigna democrática de mirar hacia adelante (de apartar la mirada de los conflictos del pasado) hace nuevamente desaparecer las imágenes de los desaparecidos en la tumba de la inactualidad”*¹⁹³.

As vidas que “infectam” a memória só aparecem a partir de uma análise preocupada com os acontecimentos, com os eventos e experiências. Com estes rastros de vozes e silêncios, de denúncia e repúdio podem surgir novas construções do passado pela historiografia, sem ocultar o presente que as forjam.

No próximo capítulo analisaremos esta “atualidade” do termo, pois, o número 108 foi ressignificado pela comunidade LGBTI no país que organizou passeatas afirmando *“Somos mucho más que 108”* além de mudar a data da Parada da Diversidade para o dia 30 de setembro, dia em que foi publicada a única carta conhecida de um *amoral*, publicação que também será analisada no seguinte capítulo. Como veremos, o estigma ultrapassa limites metodológicos e temporalidades políticas, colocando em evidência a complexidade de trabalhar a construção da memória dentro de categorias como ditadura e democracia.

¹⁹³ RICHARD.op.cit. p.23.

3. DESNATURALIZANDO O DESTINO DA HUMANIDADE: TERROR ANAL, MEMÓRIA E MICROPOLÍTICA

Cierra el ano y serás propietario, tendrás mujer,
hijos, objetos, tendrás pátria.
Terror Anal - Beatriz Preciado

[...]
No soy un marica disfrazado de poeta
No necesito disfraz
Aquí está mi cara
Hablo por mi diferencia
Defiendo lo que soy
Y no soy tan raro
Me apesta la injusticia
Y sospecho de esta cueca democrática
Pero no me hable del proletariado
Porque ser pobre y maricón es peor
Hay que ser ácido para soportarlo
Es darle un rodeo a los machitos de la esquina
Es un padre que te odia
Porque al hijo se le dobla la patita
Es tener una madre de manos tajeadas por el cloro
Envejecidas de limpieza
Acunándote de enfermo
Por malas costumbres
Por mala suerte
Como la dictadura
Peor que la dictadura
Porque la dictadura pasa
Y viene la democracia
Y detrasito el socialismo
¿Y entonces?
[...]
¿Tiene miedo que se homosexualice la vida?
Hablo por mi diferencia - Pedro Lemebel

Neste capítulo buscamos problematizar a questão 108 e seus usos históricos de confronto e ressignificação. Se ainda em 1959 um 108 tomara a iniciativa de

escrever para um dos periódicos afirmando que os homossexuais teriam o “direito de existir”, confrontando a perseguição ditatorial contra sua forma de ser, hoje grupos pelos direitos dos homossexuais usam o número e o *Caso 108 y un quemado* para configurar seus modos de estar no mundo e fazer política.

O capítulo está dividido em duas partes, a primeira especificamente tratando das publicações dos periódicos em 1959, com análises sobre a *Carta de un amoral* e as tentativas do jornal e de alguns leitores de procurar um respaldo legal para a perseguição, ainda que a homossexualidade não constasse como delito no Código Penal.

Na segunda parte tratamos dos usos da memória e da história nas configurações atuais de dois grupos LGBTs existentes na capital. Neste sentido não pretendemos fazer uma genealogia dos movimentos LGBTs no país, contudo, buscamos analisar os usos do estigma *108* e suas referências históricas em dois grupos que militam atualmente, problematizando a constituição de uma política LGBT paraguaia, ora nacionalista e patriótica, ora autocrítica e interseccional. Estes grupos foram escolhidos primeiramente por oferecem perspectivas diferentes na forma de lidar com o estigma. Se por um lado, o grupo *SomosGay* pretende entoar a partir de sua consciência histórica “*108 nunca más*”, o grupo *Mansión 108* pretende ressignificar o estigma, criando o lema “*Somos más que 108*” e utilizando o estigma em sua própria referência de memória histórica.

Para finalizar pretendemos pensar o *108* como um modo abjeto de estar no mundo, buscando demonstrar que o estigma pode oferecer aos estudos *queer* novas formas de analisar as subjetividades abjetas da sexualidade, no sentido de pensar a questão transversalmente à sua constituição histórica e sua relação com o poder, no caso paraguaio, com a ditadura, o nacionalismo e com o poder do anonimato.

3.1 O CINISMO FRENTE À LEI

Se os homossexuais, como vimos, eram acusados de desviar os costumes e a juventude, seriam também acusados de cínicos. Uma nota intitulada *El cinismo*

ante la ley publicada no fim de setembro buscava denunciar os homossexuais que “*se manifiestan con un cinismo extraordinario ante la ley*”¹⁹⁴.

O “cinismo” se referia à questão legal da perseguição contra os chamados 108. Segundo a reportagem, os *amorales* burlavam a lei porque simplesmente “*su delincuencia no existe como tal, o con esa calificación, en el Código Penal*”¹⁹⁵.

A nota se deve ao fato de que a penalização da homossexualidade não constava nas leis e esta ausência gerou nos jornais um debate jurídico a respeito da legalidade de toda a perseguição. O “*hombre de campanillas*” que publicava nos jornais e dizia proteger a família, a pátria e os bons costumes não podia passar ao largo da questão da ilegalidade das detenções, já que, de acordo com o raciocínio desenvolvido nas cartas de leitores, a homossexualidade atentava contra a “moral” e a amoralidade constituía coletiva e simbolicamente um delito. Deste modo, ainda que não tipificado no Código Penal, a homossexualidade deveria ser combatida.

Neste sentido, o caráter moralizador do combate à homossexualidade não estava restrito aos paraguaios. Segundo Guy Hocquenghem esta “paranóia anti-homosexual” estaria na base de nossa sociedade ocidental, pois nossa sociedade “*es, de este punto de vista paranoica: sufre de un delirio de interpretación que le lleva en captar en todas las partes indicios de una conspiración homosexual contra su buen funcionamiento*”¹⁹⁶.

Como vimos, de acordo com os discursos publicados por leitores nos jornais, estaria em andamento uma conspiração homossexual exercida em “*organizaciones de amorales*”, festas secretas de “invertidos” e na infiltração de vários setores da sociedade. Neste sentido é interessante pensar no homossexual como categoria subjetiva de criminalidade, pois ainda que não constituído no código penal, sua prática era vista como um delito.

A primeira menção à *Carta de un Amoral* apareceu em 30 de setembro, porém, a carta foi publicada integralmente somente uma semana depois, sem deixar de ser acompanhada de uma nota bastante extensa sobre o “*Aspecto legal del problema de los amorales*”. Se em outras circunstâncias especialistas da área médica, psiquiátrica e policial haviam sido intimados a escrever sobre o *Caso 108*, a autoridade agora seria legal.

¹⁹⁴ EL CINISMO ante la ley. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 30 de setembro de 1959. p.2.

¹⁹⁵ Id.

¹⁹⁶ HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009. p.27.

Escreveu o doutor Eusebio Baez Mongelós que, na busca pela resolução do crime que chocou a sociedade asuncena a polícia descobriu uma “*vasta organización o logia de pervertidos sexuales que venía operando en esta ciudad víctima de la cual había sido el infortunado locutor*”¹⁹⁷. Segundo o especialista em leis, seria uma inverdade que a homossexualidade não figurasse no Código Penal, pois em 23 de maio de 1940 foi promulgado o Decreto-Lei nº 1429 “*QUE REPRIME LA VAGANCIA, LA MENDICIDAD Y ESTADOS AFINES DE PELIGROSIDAD SOCIAL SIN DELITO*”¹⁹⁸.

Desta forma, cita um artigo em que defende a penalização de crimes que não figuram como delito, isto é, sobre os indivíduos cuja “*situación legal es ambigua*”, fazendo com que a “*convivencia social se resienta y la moral se quebrante*”. A vagabundagem, a mendicância e a prostituição seriam tipos de delitos que, mesmo que não figurassem no Código Penal, “*ANTES QUE EL MAL SE AGRAVE, EL ESTADO TIENE LA OBLIGACIÓN DE ACUDIR CON SUS MEDIOS Y A EXTIRPAR SUS FOCOS Y RAÍCES*”.

Referindo-se aos sujeitos que poderiam ser classificados como em “*estado peligroso*”, ainda segundo a nota o “*imperfecto procedimiento judicial*” permitiria que as atividades destes “*elementos nocivos para el orden público se hagan cada vez más abiertas y extensas*”, por isso, ainda que não figurassem como tais no Código Penal “*podrán ser declarados en estado peligroso y deberán ser sometidos a las medidas de seguridad que se establecen en esta ley:... los que dediquen A LA PERVERSIÓN DE MENORES...*”

Utilizando o artigo contra a corrupção de menores para penalizar a homossexualidade, o advogado não hesita em afirmar que

“*estos corruptores son, en el caso que nos ocupa, los pervertidos sexuales, sobre los cuales debe recaer la acción implacable de la justicia so pena de que en caso contrario todo el orden moral sobre el cual se asienta nuestra sociedad, habrá de desaparecer, con las gravísimas consecuencias imaginables*”.

O especialista dita várias sanções que sofreriam os criminosos colocados em “*estado peligroso*”, sanções estas que constavam no artigo referente às “*Medidas de*

¹⁹⁷ ASPECTO Legal del Problema de los Amoraes. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 07 de outubro de 1959. p.2.

¹⁹⁸ Id.

Seguridad”, como trabalho obrigatório em colônias agrícolas ou internamento em hospícios “*hasta que se haya producido la curación*”. A larga nota termina afirmando que não faltam instrumentos legais eficazes para que as autoridades combatam “*tanta amoralidad*”. Deste modo, a execução de sanções previstas em lei, segundo o especialista, resultaria em um “*positivo beneficio de toda la sociedad y de la pátria misma*”¹⁹⁹.

Se para o advogado a homossexualidade poderia ser penalizada, sendo considerada sinônimo de “corrupção de menores”, dois dias depois outra nota publicada no mesmo jornal evidenciava novamente a forma como a perseguição estaria prevista pelo Código Penal, porém, fazendo uso de outra categoria criminal, o estupro.

3.1.2 O uso do *vaso indebido*

Segundo um leitor, estava clara a legalidade da perseguição pelo próprio Código Penal, pois em um determinado artigo constava a questão homossexual.

Na carta assinada por P.Nomar – uma das poucas assinadas a respeito do caso – o leitor afirma que, ao contrário das publicações anteriores, ele não escrevia para buscar “*la mano que había tirado la cerilla encendida*”²⁰⁰ sobre a vítima, ou seja, buscar o assassino de Aranda, pois a vítima poderia ter sido devorada pelo “*vértigo de sodoma*”. Seu intuito era, segundo ele, buscar os dispositivos legais que penalizassem diretamente a homossexualidade.

A corrupção de menores novamente entraria “*dentro de la esfera a la actividad sodomita*” já que as organizações de *amoraes* levavam “*jóvenes 15, 16, 17 o 18 años a su esfera, engañándoles con ofertas de toda clase hasta convertirlos en instrumentos dóciles a sus fines lascivas y lúbricos*”²⁰¹.

O leitor cita o Artigo 316 do Código Penal que, referente às penas que constavam no Artigo 315²⁰², sobre o estupro, figurava que “*Las penas del artículo*

¹⁹⁹ Id.

²⁰⁰ SOBRE LOS Delitos Perseguibles de Ofício por la Policía. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 09 de outubro de 1959. p. 2.

²⁰¹ Id.

²⁰² Segundo o Artigo 315 o estupro seria castigado: “1º con penitenciaría de ocho a doce años si se verifica en una menor de 11 años; 2º con penitenciaría de seis a diez años si se comete a una menor que haya cumplido 11 años y no pasa de diez y seis; 3º con penitenciaría de cuatro a ocho años si se verifica en mujer casada; 4º con penitenciaría de tres a seis años si verifica en una mujer honesta o de buena fama; 5º con penitenciaría de uno a tres años si se comete en mujer soltera que ya ha tenido acceso carnal, pero que no es prostituta; 6º con penitenciaría de tres meses a un año si se

*precedente son aplicables aún cuando el ayuntamiento carnal tenga lugar entre personas del mismo sexo o en vaso indebido*²⁰³.

Para ele, a breve citação de “uso del vaso indebido” na lei já acusava a ilegalidade da homossexualidade. Sua interpretação afirma que “*Si el ayuntamiento, coito, com cúbito, se procede entre los del mismo sexa (sic), lo cual equivale a VASO INDEBIDO, quedaria consumada la infracción prevista en la norma transcripta*”²⁰⁴.

Segundo a carta, dois homens que realizassem atos sexuais entre si fatalmente “*el falo del uno estaria utilizando un VASO INDEBIDO; la ley no hace distingo, será vaso indebido todo elemento que no sea aquel que la naturaleza o Dios ha designado*”.

Ignorando o fato de que o artigo citado se remete ao crime de estupro, Nomar afirma ainda que no caso de sexo entre dois homens, a pena deveria incorrer sobre ambos “*por el principio de la complicidad; si uno es llevado al acto fuera de su voluntad, lo apreciará el Juez*”.

Se a constância legal do uso do vaso indevido não fosse suficiente para a penalização, o leitor cita ainda o Artigo 318 da mesma lei que dispõe que “*EL QUE CON ACTOS DE BRUTAL OBSCENIDAD OFENDE LAS BUENAS COSTUMBRES, CON GRAVE ESCÁNDALO, SUFRIRÁ PENITENCIARÍA DE SEIS A DOCE MESES*”²⁰⁵.

“*Las buenas costumbres*”, ainda que “*la cultura y la civilización*” variassem a “*forma de vivir en sociedad*”, seriam, segundo o mesmo “*En el lenguaje del derecho, se entiende por buenas costumbres, el cumplimiento de los deberes impuestos al hombre por las leyes divinas y humanas; el ultraje a las buenas costumbres constituye delito, según nuestro Código Penal*”.

comete en prostituta cualquiera que fuere su edad”. Código Penal de la República del Paraguay. Edición Oficial. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1914. p.69. Merece atenção a escala de alteração no teor das penas no sentido de que são várias as categorias de vítimas, pois, a punição variava de acordo ao modo de vida da mulher. A pena maior é contra o estuprador de uma mulher casada, porém, menor se for violador de uma mulher “honesta ou de boa fama”, menor ainda se a vítima fosse solteira, “mas não virgem”, porém, muito menor seria a pena se o estupro ocorresse contra uma vítima prostituta “independente de sua idade”. Se o combate à “sodomia” buscava nos rastros das pequenas letras legais sua legitimação, o julgamento contra as mulheres, ainda que vítimas, principalmente as que faziam uso de sua sexualidade, era gritante no Código Penal.

²⁰³ PARAGUAI. Código Penal de la República del Paraguay. Edición Oficial. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1914. p.70.

²⁰⁴ SOBRE LOS Delitos Perseguibles de Ofício por la Policía. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 09 de outubro de 1959. p. 2. .

²⁰⁵ Id.

Sua conclusão é de que o Código Penal “*prevé y castiga los actos sexuales de hombres entre si; que los actos obscenos, con grave escándalo, o sea, los desenfrenos, desvergüenzas*” estão previstas no Código Penal e deste modo não haveria hiato nenhum nas leis a respeito da criminalização da homossexualidade.

Em ambas as defesas, tanto na de Mongelós como na do leitor que teve a iniciativa de dar sua contribuição na defesa da perseguição dos 108, há uma interpretação conveniente da lei. Em nenhum momento o Código Penal criminaliza o ato homossexual em si, mas sim o atentado contra “os bons costumes” e o estupro, tanto se entre “*personas del mismo sexo*” ou ainda em “*uso del vaso indevido*”. Ou seja, pela lei, o estupro seria um delito mesmo que com sexo anal tanto heterossexual quanto homossexual.

Porém, o que baseia o foco do argumento no uso do vaso indevido, ou seja, o sexo anal, é a tentativa de criminalizar uma prática homossexual, isto é, em nenhum momento os que defenderam o uso do Artigo 316 citaram o sexo anal heterossexual, mas sim, convenientemente, o sexo anal como analogia à homossexualidade em si. Em tal construção discursiva a homossexualidade seria definida *in totum* pela analidade. Deste modo, se o sexo anal homossexual - que na interpretação do leitor é o mesmo que fazer uso de um lugar indevido - é criminalizado, a prática homossexual também o é.

Segundo Hocquenghem, a fabricação do indivíduo homossexual é parecida com a produção do proletário na sociedade capitalista. Ambos são constantemente levados ao seu limite ao serem combatidos pela mesma normalidade que os criou. Nesta luta contínua “*en contra de la homosexualidad, la sociedad constata sin cesar que su condena parece reproducir la misma plaga que pretende eliminar*”²⁰⁶.

O terror de ser contaminado, de existir um *amoral* infiltrado na comunidade, no bairro, nas famílias, é um terror formado pela própria normalidade e as margens criadas pelos discursos normalizadores da psiquiatria, do direito e da polícia dão forma a este sujeito. A família nuclear, assim como a família patriótica, precisa de bases discursivas legitimadoras.

Deste modo é fundamental, para constituir a figura da sociedade normalizada, da família nuclear e da pátria viril comprometida com o progresso, a formação deste

²⁰⁶ HOCQUENGHEM. op.cit. p.23.

terror anal²⁰⁷, do perigo intrínseco que todo homossexual levaria consigo, a capacidade de perverter a juventude, de destruir a família, a pátria e, conseqüentemente, “desnaturalizar o destino da humanidade” como veremos a seguir.

Chamaremos, portanto, de paranoia anti-homossexual²⁰⁸, utilizando as palavras de Hocquenghem, esta tentativa de conter a homossexualidade em tudo, em qualquer resquício de perversão de gênero, das roupas aos cabelos²⁰⁹ do rock ao uso do *vaso indebido*.

Especificamente a expressão “*vaso indebido*”²¹⁰ contém em si uma definição política do ânus que merece atenção, afinal em última instância é o uso *del vaso indebido* que parece provocar o fim dos bons costumes, da família e da nação. Ainda que não tenhamos encontrado classificação do uso de outros órgãos nas leis como a pele ou a boca, dita-se que o uso do *vaso* é indevido porque presume-se, dentro da lógica heteronormativa um uso específico para o ânus. Este órgão, citado pelas leis não pode ser usado por homens de forma sexual. No padrão de masculinidade vigente o ânus deve ser fundamentalmente castrado.

Neste sentido, gostaríamos de pensar com Preciado²¹¹ sobre a castração anal e seus significados políticos dentro da sociedade capitalista dos anos 1950.

²⁰⁷ Tomo emprestado a expressão do texto “Terror anal” de Paul B. Preciado, expressão que será analisada no decorrer deste capítulo.

²⁰⁸ Esta paranoia, já comentada no primeiro capítulo, intitulada também de Terror Lilás ou Terror Lavanda, é presente no continente americano tanto na Argentina Peronista quanto nos Estados Unidos McCartista, sendo articulada com o Terror Vermelho em vigor no período da Guerra Fria. Ver nota 29 no capítulo 1.

²⁰⁹ Segundo Alfredo Boccia Paz funcionou durante a ditadura stronista a chamada *Operación Tijera*, que eram operativos de caça a jovens *melenudos*, ou seja, de cabelos compridos, levados a cabo pela Polícia da Capital. Segundo o pesquisador “Aquellos a quienes consideraba portadores de cabelleras demasiado largas los llevaban a la peluquería policial, donde eran rapados. La drástica medida era justificada con argumentos estéticos, de higiene y de virilidad, pero también políticos, ya que a los barbudos y melenudos se los veía como simpatizantes de los guerrilleros”. BOCCIA PAZ, Alfredo. **Diccionario usual del stronismo**. Asunción: Editora Servilibro. 2004. p.145.

²¹⁰ Encontramos esta expressão também no Código Penal mexicano. Sobre a análise desta lei no México. Ver PARRINI, Rodrigo. Falos interdictos: cuerpo, masculinidad y ley. **Revista Nómadas**. No.38 Bogotá jan./jun. 2013.

²¹¹ Durante a escrita desta dissertação, Beatriz Preciado escreveu em uma nota que mudou seu nome para Paul. B. Preciado. Referindo-se aos debates contemporâneos sobre a independência da Catalunha, na nota publicada pela revista *El Estado Mental*, o autor afirma que há uma relação direta entre as ficções de gênero e as configurações nacionais. “En Francia, el año ha comenzado con un asalto, un derribo, una batalla perdida, una contra-revolución, un duelo, pero también quizás con la posibilidad de construir alianzas nuevas que acordenen lo que amamos, que lo protejan. Por mi parte, yo he empezado el año pidiendo a mis amigos cercanos, pero también a aquellos que no me conocen, que cambien el nombre femenino que me fue asignado en el nacimiento por otro nombre. Una deconstrucción, una revolución, un salto sin red, otro duelo. Beatriz es Paul. Y mientras camino con ese nuevo nombre por las calles del Raval de Barcelona pienso que el proceso de borrado

Segundo o autor é como se o corpo fosse constituído por zonas de privilégio e abjeção. Para controlar o desejo dentro do dispositivo da sexualidade

Fue necesario cerrar el ano para sublimar el deseo pansexual transformándolo en vínculo de sociabilidad, como fue necesario cercar las tierras comunes para señalar la propiedad privada. Cerrar el ano para que la energía sexual que podría fluir a través de él se convirtiera en honorable y sana camaradería varonil²¹².

O uso “indevido” do ânus, ou seja, utilizá-lo para outras funções além da excremental, é inverter a lógica do corpo masculino heterossexual construído no final do século XIX. Para a autora, o ânus, neste corpo, é a cicatriz de sua castração anal. Deste modo, fazer uso do *vaso indevido* é também desconstruir a formação de uma masculinidade histórica, que possui na castração de seu ânus sua constituição primordial.

Ainda que figurasse desde 1914, o dispositivo legal que dita sobre o uso do *vaso indevido* aparece no final da década de cinquenta com atualidade se pensarmos na ânsia da sociedade modernizadora asuncena e sua paranoia anti-homossexual. A velocidade na construção de seus edifícios, os anseios de construir-se como uma capital moderna formava não somente novos trabalhadores, mas também, como afirma Preciado “*anos de cemento*”.

O *uso del vaso indevido* afetaria, portanto, a constituição viril da heterossexualidade masculina ao permitir sua exposição nesta “*dimensión portal*” já que “*todo que es socialmente femenino podría entrar a contaminar el cuerpo*

sistemático del género normativo y la invención de una nueva forma de vida en la que estoy embarcado desde hace tiempo podría parecerse al proceso de transformación en el que se haya inmersa Catalunya. Vayan a saber si es fruto de otra disforia que hace que los paisajes sin frontera desde los Pirineos hasta las Terras de Ponent y del Ebro se confundan ahora con mi propia anatomía desdibujada o si es la conclusión lógica de la resonancia entre dos mudanzas posibles: aventura que hay similitud formal y política entre la subjetividad trans en mutación y Catalunya en devenir. Dos ficciones que se deshacen y se hacen. Dicho de otro modo, el proceso de constitución de una Catalunya libre podría parecerse, en sus modalidades de relación con el poder, la memoria y el futuro, a las prácticas de invención de la libertad de género y sexual que se llevan a cabo en las micropolíticas transexuales y transgénero”. É por este motivo que, ainda que nas referências bibliográficas seu nome esteja como Beatriz, de acordo com as publicações anteriores, a partir do terceiro capítulo a referência ao autor no longo do texto se dará pelo gênero masculino, respeitando as temporalidades de escrita tanto da dissertação quanto da transformação na identidade de Preciado. Ver: <http://www.elestadomental.com/diario/catalunya-trans>. Último acesso: 18 de janeiro de 2015.

²¹² PRECIADO, Beatriz. Terror Anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009. p.136.

*masculino através del ano*²¹³ mas também o estatuto das políticas sexuais dos corpos e da sexualidade dissolvendo as classificações entre homossexualidade, heterossexualidade, feminilidade, sexualidade, ativos, passivos, enfim, tudo o que constitui a categorias naturalizantes de gênero e sexualidade.

É necessário pensar também o que constitui o *uso del vaso indebido* em uma sociedade que recém instituíra o autoritarismo ditatorial como política. Se alguns leitores evidenciavam a preocupação de não poder provar o delito do *uso del vaso indebido* de seus delatados, o estado de exceção permitiria a reclusão arbitrária de pessoas sem provas de seus delitos. Isto é, ainda que o sexo anal masculino não constasse como delito no Código Penal, o fato dele ser considerado um delito moral permitiu, com o aparato de um governo ditatorial que já nos anos 1950 mostrava sua violência com sucessivas prisões e até campos de concentração²¹⁴, que o *Caso 108 y un quemado* fosse possível. Afinal, o contexto político em vigor exigia moralização e virilização de seus sujeitos constantemente além de exibir o discurso urbanístico de estar exercendo o “controle da criminalidade”.

Se o uso do *vaso indebido* constitui, portanto, um perigo para as estruturas heteronormativas, existe em sua censura também uma preocupação para que ele não fosse experimentado, que qualquer indício, na lógica da paranóia anti-homosexual, fosse controlado, normalizado ou reprimido.

Se o número e a qualidade de fontes com as quais pudemos fazer esta dissertação se referem aos discursos dos juízes, médicos, “cidadãos de bem” e delatores é interessante fazer a mesma pergunta que Hocquenghem faz a Sartre ao questionar por que a sociedade dá a palavra aos médicos e nunca aos homossexuais a não ser pelos relatos da letalidade dos “casos clínicos”.

Lo que nos importa es que no nos hagan oír la voz del mismo culpable, esa voz carnal y turbadora que seduce a los jóvenes, esa voz jadeante que susurra durante el placer, esa voz canalla que cuenta una noche de amor. Es preciso que el pederasta permanezca como un objeto, flor, insecto, habitante de la antigua Sodoma o del lejano Urano, autómatas que brincan en las candilejas, todo lo que queramos, pero no mi prójimo, no mi imagen, no yo mismo.²¹⁵

²¹³ Id. p. 171.

²¹⁴ O mais famoso dos campos de concentração paraguaios foi o Campo de Concentración de Emboscada em que vários detidos foram levados e permaneceram durante anos. Ver ALMADA, Martín. Paraguay: **La cárcel olvidada, el país exiliado**. Assunção: Nanduti vive / Intercontinental Editora, 1993.

²¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. 2003. apud. HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009. p.25.

3.1.3 A carta de um *amoral*

Porém, um rastro de voz 108 pode ser encontrado em uma carta publicada por *El País* intitulada “*La carta de un amoral*”. Na nota, a denúncia segue dizendo que o leitor “*no amoral, naturalmente, ha de asombrarse al saber que alguna persona exista capaz de escribir estas palabras.*” As palavras que assombrariam o leitor, foram parcialmente publicadas e alguns dias depois a carta foi reproduzida na íntegra. O suspense certamente aumentaria as vendas do jornal.

Nesta carta, um “amoral” escreve a *El País* fazendo a defesa da homossexualidade, defesa esta que, segundo o jornal

Francamente no hubiéramos publicado párrafo alguno de esta carta en bien de la mente sin experiencia y sin alguna orientación espiritual de hogar, que podría existir entre los lectores, pero así lo hacemos para arrancar de ella los motivos por los cuales continuaremos nuestra campaña de saneamiento moral, seguros de que así nos reclaman todos los hombres que aman y mantienen en su vida los atributos del honor viril²¹⁶.

A publicação da carta de um *amoral* foi utilizada, portanto, para reafirmar a perseguição, de modo a evidenciar o porquê da necessidade de seguir a campanha de “saneamento moral”, termo que, como vimos no primeiro capítulo, conjuga com as ânsias modernizantes e urbanísticas do período.

A lei, segundo a nota, previa a amoralidade como uma atividade contrária aos bons costumes e, deste modo, se a polícia descobrisse um ato “*repugnante*”, mesmo que posteriormente fosse difícil comprová-lo, não por isso o fato deixou de existir e, portanto, seguiria merecendo a mais formal condenação. Assim, as próprias autoridades deveriam se dedicar a “*incluir un nombre más en su catálogo de delincuentes*” já que estes não “*pueden escaparse al espíritu de la Ley*” pois sua existencia representava não somente atos obscenos mas sim, a “*idea que conduzca a desnaturalizar el destino de la especie humana.*”²¹⁷

²¹⁶ EL CINISMO ante la ley. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 30 de setembro de 1959. p. 2.

²¹⁷ A nota termina referindo-se a um caso ocorrido em Buenos Aires no mesmo período em que “un antro de fiestas de amorales fue sorprendido por la policía la que inmediatamente contó con la presencia de la justicia en el lugar. Todos sufrieron penas que oscilaron de 1 a 5 y 10 años de reclusión en la cárcel de Villa Devoto”. Ibid.

A “*brutal obscenidad*” com “*grave escándalo*”²¹⁸ poderia, além de afetar a pátria viril, seduzir a juventude. Porém, era importante levar ao leitor os motivos da necessidade de continuar o combate deste “*vicio repugnante que pareciera no estar calificado como delito en el Código Penal*”²¹⁹.

A tal *Carta de un Amoral*, encaminhada ao diretor do jornal, afirmava que “*A El País le ha parecido justo bautizar con el nombre de ‘lacra social’ a un grande y respetable número de personas honradas*”²²⁰. Estas pessoas seriam, mesmo que homossexuais, honradas “*porque respecto a sus vidas hacen de ella un motivo moderado de placer, sin ofender a los demás, tan moderado, y silencioso, como corresponde a las sanas actividades íntimas*”. Discrição esta que se faz “*a diferencia de los placeres desenfrenados que también en el seno de la sociedad llamada culta suelen desembocar en públicos escándalos*”.

O tom delator da carta não é gratuito, enquanto as listas de 108 circulavam pela cidade, dezenas de outros casos de crimes e escândalos públicos eram publicadas nos jornais. Porém, ainda que discretos, a prudência não seria suficiente para justificar a prática homossexual.

O folhetim, que gerava capital a partir de suas vendas, consequentemente gerando polêmicas para aumentá-las, também foi criticado pelo *amoral* que escreve afirmando que “*Nosotros creemos que El País se equivoca fundamentalmente tal vez porque en vez de reflexionar social, humana y filosóficamente le resulte más fácil usar epítetos para llamar a personas dignas de toda consideración*”.

A alegação de que no âmbito privado cada um teria o direito de praticar o que quisesse seria baseada em uma “*vocação*” antiga, tão antiga quanto a humanidade

Nosotros seguimos una vocación que es tan antigua como la propia humanidad, y en este siglo de consagración de todos los derechos humanos, nadie puede negarnos el derecho de hacer de nosotros mismos, de nuestro continente físico, lo que queremos, sin incomodar a los otros que no quieran hacer lo mismo²²¹.

²¹⁸ O “escândalo” aparece também como uma preocupação em outros governos ditatoriais na segunda metade do século XX, como no caso brasileiro, em que o dispositivo “conduta de incontinência pública e escandalosa” associado à homossexualidade foi utilizado para afastar diversos diplomatas do Itamaraty. Ver GREEN, James. QUINALHA, Renan. **Ditadura e Homossexualidade**. Repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2014.

²¹⁹ LAS AUTORIDADES competentes cuentan con un Instrumento Legal Eficaz para la represión del repugnante Delito de los Pervertidos Sexuales. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 06 de outubro de 1959. p.2.

²²⁰ LA CARTA de un amoral. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 07 de outubro de 1959. p.2.

²²¹ Id.

A referência ao século de “*consagración de todos los derechos humanos*” é potente no sentido de que parte dos jovens *sodomaníacos* também chamados de “*jóvenes existencialistas*” ou *petiteros* tinha ciência dos debates internacionais a respeito dos chamados direitos humanos.

A carta, ao utilizar os argumentos históricos de uma vocação “*tan antigua cuanto la propia humanidad*”, e humanísticos, no sentido de buscar no repertório dos direitos humanos o direito de fazer de si mesmo, de sua constituição física o que quisesse, “*sin incomodar a los otros*”, busca interpelar aqueles que os julgavam.

Tese que não agradou os editores que fizeram questão de publicar a carta para reafirmar os motivos pelos quais eles seguiriam firmes em seu projeto de saneamento moral, aclarando de uma vez por todas “quem somos nós” e “quem são eles”. Deste modo, afirmar “somos como vocês” também resulta numa interpretação reflexiva, pois, se eles “são como nós”, nós “somos como eles”.

Para finalizar a carta, o *amoral* afirma que a moralidade conservadora não seria adequada para tratar da diversidade da moral humana.

Los moralistas de EL PAIS están errados, porque en esta materia no existe moral colectiva, sino moral individual, y nosotros somos individualistas por principios filosóficos. Si Uds. persisten en el error, perderán tiempo, y nosotros no perdemos nada”.²²²

A carta, interpretada como cínica pelo jornal *El País*, foi publicada com uma pequena *Nota de la Redación* em que novamente a distância entre moralistas e *amorales* é explicitamente delimitada “*Agradecemos la ausencia de la firma. Nosotros no quisiéramos conocer a la persona autora de esta carta, de cerca ni de lejos, y menos quisiéramos alternar con él*”²²³.

Se esta distância legitimaria a classificação entre moralistas e *amorales*, *hombre de campanillas* e *invertidos*, *viriles* e *petiteros* cabe pensar a forma como esta divisão sustentou a perseguição contra homossexuais no período. Deste modo, aqueles que faziam uso *del vaso indebido*, ou que “parecessem” com aqueles que fazem, o 108 aparecem como mais uma categoria política da degeneração social,

²²² Ibid.

²²³ Segue a nota: “Diremos al lector que ya anteriormente reproducimos y comentamos párrafos de esta carta a la reproducimos para dejar constancia una vez más del cinismo de los amorales ante la Ley y para relacionarla con el artículo que en esta misma edición aparece, y con el que el doctor Eusebio Baez Mongelós coloca a los amorales en la posición que les corresponde ante la ley”. A carta de Eusebio foi supracitada e analisada.

figura esta que aparece no cruzamento entre vários poderes do período, tanto o do combate da homossexualidade quanto ao controle da criminalidade, além da vigilância constante sobre um outro personagem que começa a surgir nas capitais, a juventude²²⁴.

Podemos localizar, portanto, o 108, surgindo como uma marca abjeta no cruzamento entre estes vários poderes, um corpo-injúria, estrategicamente situado no que Preciado chamou, referindo-se às obras de Foucault, de uma “*cartografía de los anormales*” junto de outras figuras liminares como “*la mujer violenta, la prostituta, el hombre criminal, el enfermo mental o el discapacitado*”²²⁵.

3.2 POLÍTICAS DA MEMÓRIA E TÉCNICAS DE ESQUECIMENTO²²⁶: 108 NUNCA MÁS / SOMOS MÁS QUE 108

A ressonância da experiência contra os 108 perdurou tanto na sociedade asuncena que alterou não somente a vida daqueles que foram considerados abjetos, mas a cifra se tornou uma categoria de tamanha abjeção que influenciaria o cotidiano da cidade.

Desde o caso 108 y un quemado, foram desaparecendo as cifras 108 pelas vias públicas. Sinônimo de homossexual, *marica*, *maricón*, degenerado, pervertido, o número passou a desaparecer das placas de residências e chapas de automóveis. É fácil caminhar pelas ruas de Assunção e perceber que não existem residências com o número 108.²²⁷ Do mesmo modo, os carros não possuem a numeração²²⁸ e nem mesmo ramais de telefones institucionais.

Da criação pública e da caça aos personagens degenerados pela sociedade, a prática violenta passou a ser a invisibilização e o silêncio. A expressão passou a

²²⁴ ACHA, O., BEM, P. **Amorales, patoters, chongos y pitucos**. La homossexualidad masculina durante el primer peronismo (Buenos Aires, 1943-1955). Trabajos y Comunicaciones. Universidad Nacional de la Plata. Buenos Aires, 2005. Disponível em http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/11506/Documento_completo.pdf?sequence=1. Último acesso: 23 de novembro de 2014.

²²⁵ PRECIADO, Beatriz. Terror Anal in HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009. p.159.

²²⁶ Tomamos emprestado o subtítulo de Nelly Richard em RICHARD, Nelly. **Residuos y Metáforas**. Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición. Santiago: Editorial: Cuarto Propio. 2001.

²²⁷ Em um curtametragem intitulado “108” investiga-se a história e a relação cívico-pública do número/palavra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTpUhPUN7ww>. Último acesso: 05 de janeiro de 2015.

²²⁸ Ver: <http://www.abc.com.py/nacionales/rua-excluye-numeracion-108-1311381.html>. Último acesso: 05 de janeiro de 2015.

ser utilizada somente de modo pejorativo para fazer chacotas referentes à homossexualidade, por este motivo, o número teria lugar nas políticas identitárias e de memória LGBTs no país.

Contudo, 1959 não seria a última vez que os poderes sexopolíticos²²⁹, capitalistas e ditatoriais afetariam diretamente a vida de centenas de pessoas na capital. Em 1982 no chamado Caso Palmieri, bastante publicizado também, a polícia deteve, nos mesmos moldes do caso Bernardo Aranda, aproximadamente 600 pessoas²³⁰, todas acusadas de serem homossexuais²³¹.

A ressonância histórica do *Caso 108 y un quemado* é forte no sentido de que expõe, quase 25 anos depois, que o regime stronista perseguia homossexuais com empenho a ponto de solicitar ao governo brasileiro a extradição de um paraguaio homossexual supostamente envolvido no Caso Palmieri²³². As penas de vários detidos chegaram a 30 dias de reclusão²³³.

²²⁹ Segundo Preciado “A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida”. PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista de Estudos Feministas**. Vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr, 2011.p.11. No caso desta dissertação, interessa-nos pensar este conceito contextualizando-o com o período stronista, já que a motivação para a perseguição contra homossexuais no *Caso 108 y un quemado* derivou-se de uma ação institucional contra a homossexualidade em si, daí seu caráter sexopolítico.

²³⁰ RELATORIO. **Comisión de Verdad y Justicia**. Tomo 7 parte 2. Asunción: Comisión de Verdad y Justicia, 2008. p.181. Disponível em www.dhnet.org.br/verdade/mundo/paraguai/cv_paraguai_tomo_07_parte_2.pdf. Último acesso: 17 de novembro de 2014.

²³¹ No Código Penal a diferenciação a partir da orientação sexual não aparece explicitamente categorizando a prática homossexual como crime, porém, o mesmo código deixa constar em seu Capítulo VI artigo 138 penas diferenciadas para atos heterossexuais e homossexuais contra menores no título “Actos homosexuales contra menores” no qual “El que siendo mayor de edad realizara actos sexuales con una persona del mismo sexo, menor de dieciséis años, será castigado con pena privativa de libertad de hasta dos años o con multa”. PARAGUAI. **Código Penal**, Corte Suprema de Justicia. Asunción, 1997. Ver também DUARTE, Christian. **El defensor público en el proceso penal paraguayo**. Asunción: Editora Marben Editora. 2012.

²³² O Caso Palmieri, muito mais documentado do que o Caso Aranda encontra seus arquivos disponíveis para consulta no Archivo del Terror no prédio do Ministério de Justiça de Assunção. Vários julgamentos contra responsáveis pela Operação Condor foram executados no Cone Sul com base nos arquivos do acervo. Alguns documentos podem ser consultados online em <http://www.pj.gov.py/contenido/132-museo-de-la-justicia/334>. Último acesso 22/12/2014.

²³³ Ibid.

IMAGEM 15



J E F A T U R A

J. P. No. 580

Asunción, 30 de marzo de 1982

INFORME

1. Prosiguiendo con la investigación de la desaparición y posterior hallazgo del cadáver de MARIO LUIS PALMIERI, 14 años, se llevan a cabo las siguientes tareas investigativas:
 - Revisión y captura de automóviles de color rojo, pertenecientes al Municipio de Luque y otras localidades que poseen chapas de dicha ciudad. Se llevan comprobados 60 vehículos.
 - Captura y detención de homosexuales conocidos, habiéndose logrado hasta el momento la aprehensión de 47 de ellos, y se prosigue con la búsqueda de los que se dieron a la fuga.

IMAGEM 15 – DOCUMENTO 1. ARCHIVO DEL TERROR. CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y JUSTICIA²³⁴. ACERVO: RECUPERANDO MEMORIAS LGTBI - PARAGUAY. MANSIÓN 108.

²³⁴ Os registros de identificação dos documentos foram repassados sem as devidas referências. Já foi solicitado ao Arquivo que as enviasse, porém, até o término desta dissertação as mesmas ainda não haviam sido recebidas. CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y JUSTICIA. Palacio de justicia. Asunción.

IMAGEM 16

Asunción, 7 de Abril de 1.982.-

ASUNTO: Elevar Informe
 AL: Sr. Comandante del C.I.M.E.
 Gral Div GERARDO A. JOHANNSEN
Guarnición

Tengo el honor de dirigirme al Sr. Comandante del C.I.M.E. con el objeto de elevar informe sobre entrevista realizada con el Crio.Gral. Artemio Monges y Crio.Insp. Aurelio Cáceres Spelt.

1700hs. Despacho del Crio.Monges.

Después de intercambiar opiniones sobre el caso Palmieri, recientemente descubierto, abordamos el tema principal de la entrevista. El [REDACTED] es homosexual, varias personas lo sidican. En cuanto a [REDACTED], hay declaraciones de personas que por lo menos antes fumaba marihuana.

IMAGEM 16 – DOCUMENTO 2. ARCHIVO DEL TERROR. CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y JUSTICIA. ACERVO: RECUPERANDO MEMORIAS LGTBI - PARAGUAY. MANSIÓN 108.

A Comissão de Verdade e Justiça concluiu em seu Informe final em 2008 que

Estos dos casos demuestran cómo el rechazo institucional por parte de agentes del Estado a una identidad sexual, puede ocasionar una persecución sistemática y generalizada contra todo el grupo que presente esa orientación sexual. Ante la mera sospecha de que el presunto responsable de un delito también ostentaba esa identidad sexual. Además, los dos casos subrayan como se instrumentaliza la justicia a favor de ciertos intereses políticos. La investigación judicial estuvo dirigida a perseguir un grupo de personas rechazadas por agentes del Estado por sus opciones sexuales distintas y no estuvo orientada de una manera honesta, imparcial y profesional a investigar y sancionar a los presuntos responsables. Las opciones sexuales distintas no tuvieron cabida bajo el régimen militar. Los dos casos señalan como ser homosexual no solo era un estigma social repudiado por el aparato estatal sino que ser homosexual significaba ser peligroso para esa sociedad y por ende debía ser castigado. Las violaciones de derechos humanos cometidos contra los homosexuales en los casos Aranda y Palmieri mostraron la intolerancia del régimen político frente a las diferencias²³⁵.

²³⁵ Id. p. 190.

Deste modo, é inegável a violência do regime ditatorial contra as subjetividades LGBTs no período. Se o regime stronista demonstrava sua repulsa às subjetividades sexuais dissidentes, as identidades contemporâneas LGBTs demonstram uma forte ligação com sua memória recente de modo a utilizar o número 108 como sua maneira própria de fazer política e exigir seus direitos, afinal, a questão sexual transcende transições democráticas²³⁶.

No país, grupos de lésbicas, travestis e transsexuais também procuram em seu passado uma forma de estar no mundo. Se a história oficial não permitiu que estas subjetividades aparecessem, estes grupos hoje em dia buscam encontrar vestígios de si no passado e deste modo seguem fazendo pesquisas historiográficas, de modo que o encontro com o passado também possa trazer mudanças e resultados políticos na atualidade.

Dentro da miríade LGBT²³⁷ selecionamos dois grupos para problematizar a questão nacional como um dos eixos possíveis de se pensar as sexualidades. Neste embate público gostaríamos de analisar a questão 108 e os discursos histórico-nacionais de ambos os grupos LGBTs da cidade de Assunção.

Analisando os discursos políticos e publicitários dos movimentos notamos duas formas em que a questão 108 é utilizada de maneiras distintas. A primeira, exaltando a questão “*nunca más*” da estigmatização, traçando um distanciamento direto com a abjeção, e a segunda, utilizando o próprio estigma para ressignificar politicamente o 108 como identidade abjeta, forma esta que analisaremos nos moldes de uma forma *queer*.

Do mesmo modo encontramos nestes grupos formas diferentes de utilizar a questão nacional. Se por um lado o grupo *Somosgay* usa a estética nacionalista e colonial para conseguir a simpatia de seu público não-LGBT e assim tentar ampliar a

²³⁶ Se não encontramos registros de uma perseguição institucional ativa e massiva como nos moldes em que ocorreu durante a ditadura stronista, isto não significa que as pessoas LGBTs não sofram violência nos regimes democráticos. Falaremos sobre este tema mais adiante.

²³⁷ São vários os grupos LGBTs presentes em Assunção com fundação a partir dos anos 1990: CHOPA - Comunidad Homosexual del Paraguay, predominantemente gay (1996); LAZOS, de travestis e transsexuais (1998); GAGL, Grupo de Acción Gay y Lésbico (1999); Aireana La Serafina, de lésbicas feministas (2003); Paragay, predominantemente gay (2007), Panambi, de travestis e transsexuais (2007), SomosGay, predominantemente gay (2009), Mansión 108, interseccional um “grupo con ideas kuir” (2013) e Lesvos gay-lésbico (2014). No interior do país o único grupo LGBT conhecido é da cidade de Coronel Oviedo se chama Ñepyrú (2009) que em guarani, não por acaso, significa “Começar”. Para maiores informações sobre a trajetória dos grupos LGBTs no país ver FALABELLA, Florencia. **Ciudadanía sexual y democracia**. El Movimiento LGBTI en Asunción. Asunción: Revista Novapolis. No 5. Abril-Outubro. 2012. pp. 55 – 76. Disponível em http://www.novapolis.pyglobal.com/pdf/novapolis_ns_5.pdf. Último acesso: 15 de dezembro de 2014.

aceitação da homossexualidade na atualidade, o grupo *Mansión 108* busca problematizar a cultura em vários meios artísticos e interseccionais para além da nação, de modo a fazer uso satírico dos discursos nacionalistas e reproduzindo uma ideia de uma subjetividade *marica* e sem fronteiras.

3.2.1 SOMOSGAY *ñande joja ha rory: 108 NUNCA MÁS*

Como organización nos reconocemos herederos
de la nación guaraní, marcada por su lucha contra la
opresión, la desigualdad, la violencia...²³⁸

O Paraguai é conhecido principalmente pela sua cultura bilíngüe, isto é, sua forte indigenização tanto cultural quanto racial e linguística. O guarani está presente em todas as esferas sociais. Segundo o filólogo Eduardo Navarro, a difusão da ideologia desenvolvimentista no período pós-guerra instaurou uma crise de valores em países de tradição cultural indígena já que a burguesia auto-referenciada pelos anseios da modernidade começou a considerar a linguagem indígena como sinônimo de defasagem social e econômica²³⁹.

Por este motivo a língua foi menosprezada e afastada das políticas institucionais²⁴⁰ durante a maior parte do século XX, sendo incorporada às escolas somente a partir da constituição de 1992, quando o país se torna oficialmente bilíngüe de modo a tentar resgatar a cultura guarani e institucionalizá-la como cultura oficial. Parte deste processo foi inserir o idioma nas escolas.

O especialista afirma que o maior desafio do Instituto de Lingüística guarani do Paraguai foi tentar justamente “livrar o guarani paraguaio de tantos espanholismos”, pois “ao guarani paraguaio incorporaram-se de 4.500 a 5.000 palavras castelhanas” cifra esta que se compara às “contidas no clássico Tesouro de

²³⁸ Retirado da página oficial do grupo. Disponível em <http://somosgay.org/quienes-somos>. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

²³⁹ NAVARRO, Eduardo. O domínio da língua castellana sobre o guaraní paraguaio. **Revista Philologus**. Ano 10. Nº 29. Rio de Janeiro. 2004.

²⁴⁰ Em meio a pesquisa esta foi uma questão que permeou minha investigação, pois ao analisar os periódicos encontrei vários anúncios em alemão e espanhol, porém, nenhum em guaraní. Sabendo da importância da língua na cultura paraguaia causou profundo estranhamento notar a ausência deste idioma no cotidiano jornalístico em 1959, mudança que notamos ao analisar períodos posteriores, como na fonte “Nadie quiere ser 108 en Colo'o”, analisada no capítulo anterior.

la Lengua Guarani, de Ruiz de Montoya, de meados do século XVII, obra que apresenta o guarani clássico”²⁴¹.

Além disso, o idioma possui uma diferença, segundo o autor, em relação a outros países “bilíngües”. O Paraguai seria o único país herdeiro de uma língua considerada aborígine e “selvagem”, cuja natureza “humana” teve que ser legitimada por uma encíclica papal no século dezesseis. Isto é, ao contrário de outros países multilinguísticos como a Espanha, a Rússia ou o Equador, o guarani era menosprezado em relação ao castelhano no Paraguai.

Esta breve explicação a respeito do guarani se deve ao fato de que, neste trabalho gostaríamos de pensar o guarani paraguaio²⁴² em um “caráter de língua colonizada”²⁴³ e esta colonização não será somente lingüística, mas permeará a imagem da “nação guarani” mesclando os ideais coloniais de subjetividade a um ideário estético guarani.

Logo, nos anos 1990, a reafirmação da identidade guarani se dá também na onda de institucionalização do aparato democrático que buscava regulamentar os direitos das chamadas “minorias sociais”²⁴⁴. Porém, este guarani requerido simbolicamente não é associado diretamente aos indígenas²⁴⁵.

Para a compreensão do nacionalismo paraguaio é necessário, portanto, levar em consideração que esta identidade está associada a uma cultura indígena construída, ficcional, utópica, mas principalmente colonial.

Segundo o escritor paraguaio Ticio Escobar a cultura “nacional guarani” é utilizada de modo a generalizar a complexidade social partindo de “*verdades fijas y*

²⁴¹ NAVARRO, Eduardo. op. cit. p.2.

²⁴² Id.

²⁴³ Segundo Eduardo Navarro o Paraguai não seria caso de bilingüismo no sentido de que o status social muda de acordo com o uso do idioma. “Poder-se-ia afirmar a exigência de um autêntico bilingüismo onde o “status” das línguas faladas é tão diferente? Pode-se, sim, conforme afirma Bartomeu Meliá em vários trabalhos seus, chamar “diglossia” à realidade lingüística do Paraguai. Bilingüismo há, sim, no Canadá, na Suíça, em que as principais línguas faladas não diferem em seu “status” de língua de “cultura”, mas tal não é a realidade paraguaia e demonstra-o completamente o domínio do castelhano sobre o idioma guarani tanto em nível morfológico quanto em nível sintático.” Ibid.

²⁴⁴ Como exemplo, é nesta década que vemos aparecer os debates estatais a respeito dos direitos das mulheres. Ver SZWAKO, José. **Del otro lado de la vereda**: luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. UNICAMP, 2012.

²⁴⁵ É preciso pensar que o indígena constitui também um sujeito social no campo econômico, sendo em sua grande maioria relegados à exclusão, não apenas social, mas também econômica. Pode parecer contraditório mas a situação dos indígenas no país é bastante precária, além da diversidade indígena no país, - Aché, Nivaclé, Angaité, entre outros- ter sido regulada e homogeneizada como uma “uma grande nação guarani”, sua situação é de extrema pobreza e exclusão social. Definitivamente, a exaltação da cultura guarani parece nada ter a ver com os indígenas.

*ordenadas que descalifican la alteridad e impiden comprender lo diverso*²⁴⁶. Deste modo o conceito de “*cultura mestiza, simplificado y mitificado*” pelo nacionalismo paraguaio

ejemplifica esse reduccionismo, que sostiene tanto a argumentaciones nacionalistas como ilustradas, y que entiende a la cultura como síntesis de símbolos producido por el encuentro gozoso de españoles y guaraníes, ignorando que existen aparte de algunas comunidades rurales que pueden ser consideradas las únicas herederas de la transculturación colonial, diferentes minorías productoras de cultura urbana que poco deben a tal origen, culturalmente hablando, así como 17 grupos indígenas y una constelación de subculturas de inmigrantes y comunidades religiosas diseminadas por todo el país cuyos imaginarios entran en continuas interacciones conformando reticulados híbridos e inestables; un *maremágnum* confuso de identidades²⁴⁷.

Longe de querer buscar uma pureza indígena, visto que não acreditamos em purezas de qualquer tipo, gostaríamos de refletir sobre a forma como este nacionalismo paraguaio é utilizado estrategicamente pelos movimentos sociais²⁴⁸.

O grupo *SomosGay*, uma Organização Não Governamental, fundado em 2009, possui como slogan *ñande joja ha rory* que na língua guarani significa “Somos unidos e felizes”. Além de buscar evidenciar a positividade da subjetividade gay, a frase-affirmação busca dialogar também com este discurso nacional-guarani que permeia o país. Portanto, neste trabalho, quando nos referimos ao “nacionalismo guarani”, não nos referimos às identidades indígenas, mas sim, ao uso político-nacionalista de uma figura indígena construída fictícia e historicamente e que constitui um lugar comum na cultura paraguaia.

O uso do guarani pode ser interpretado como uma estratégia política de tentar permear, a partir desta identidade supostamente nacional, outros grupos que não necessariamente se identificam com a comunidade LGBT. A identidade “guarani”, como uma cultura cívico-nacional, uniria simbolicamente “paraguayos y paraguayas”.

Estamos orgullosos de nuestra lengua y nuestra herencia guaraní, marcada por su lucha contra la opresión, la desigualdad, la violencia, en su andar

²⁴⁶ ESCOBAR, Ticio. Cultura y Transición Democrática en Paraguay. In: **Revista de Crítica Cultural**. No 3, maio de 1991. Debates Críticos en América Latina 1. Santiago: Editorial ARCIS, 2008. pp 17 – 21.

²⁴⁷ Id. p. 19.

²⁴⁸ Do grupo *SomosGay* o material analisado são cartazes de divulgação de marchas além da página institucional do grupo disponível na internet. Além disso, analisaremos uma cartilha publicada recentemente e intitulada “Manual LGBT Paraguay”. SOMOSGAY. **Manual LGBT Paraguay**. Asunción: Artes Gráficas Zamphirópolis. 2014. Disponível em: http://somosgay.org/uploads/Manual_LGBT_Paraguay_2014.pdf. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

hacia el Yvy Marane'y (la Tierra sin Mal), el paraíso en la tierra, una sociedad en donde podamos vivir todos los paraguayos y paraguayas, sin exclusiones y en plena dignidad²⁴⁹.

Deste modo, vemos na proposta do grupo um uso da cultura nacional, enquanto modo estético, mas também político. Se o guarani poderia fazer aceder mais facilmente a outros grupos que afirmam uma identidade nacionalista, o folclore nacional também seria utilizado como ferramenta de propaganda.

Em um convite para um beijaço público que ocorreria maio de 2010, dois casais homossexuais, um de mulheres e outro de homens, aparecem beijando-se vestidos com roupas folclóricas tipicamente paraguaias. As moças com vestidos de folclore utilizados em apresentações de danças típicas e os rapazes com chapéu e faixas coloridas. É preciso destacar também que as cores das flores nos cabelos nas mulheres e as cores de seus trajes – vermelho, branco e azul – correspondem também às cores da bandeira nacional.

O nacionalismo, portanto, não se constitui somente de uma matriz indígena requerida, mas também da retificação dos estereótipos camponeses e de gênero. As mulheres de vestidos, com flores nos cabelos compridos, os homens beijando-se com chapéus e, importante ressaltar, com extrema virilidade.

Vários matizes patrióticos foram utilizados nas campanhas do grupo no sentido de poder afetar simbolicamente diferentes tipos de público, porém, com um eixo de reprodução cultural em comum: o nacionalismo.

A última imagem que usaremos em relação a este grupo é interessante no sentido de que, se neste trabalho propusemos pensar o guarani a partir de uma perspectiva de idioma colonizado, o grupo *SomosGay* recorre também à estética colonial para reafirmar a constituição histórica do paraguaio.

²⁴⁹ Retirado da página web institucional. Disponível em: <http://somosgay.org/quienes-somos>. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

IMAGEM 17

IMAGEM 17: CAMPAÑA BESATÓN. SOMOGAY. ASSUNÇÃO, 2010.²⁵⁰

IMAGEM 18

IMAGEM 18: CAMPAÑA BESATÓN. SOMOGAY. ASSUNÇÃO, 2011.²⁵¹

250

Retirado de <http://somosgay.org/campanas/detalles/besaton-2010> <http://somosgay.org/campanas/detalles/besaton-2010>. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

251

As campanhas podem levar a várias interpretações. Uma delas é de que “os camponeses e os colonizadores poderiam ser homossexuais”. Porém, se analisadas em conjunto com outros materiais do grupo encontraremos uma estratégia constante de enquadramento cultural.

Além das campanhas serem frequentemente sobre pautas consideradas conservadoras por parte da população LGBT, como o casamento gay e adoção de crianças por casais homossexuais, existe em sua propaganda a reprodução de um padrão vigente não somente de beleza e saúde²⁵², com a publicação de fotos de homens brancos, musculosos e semi-nus em sua revista periódica de entretenimento gay²⁵³, além de reportagens sobre comportamento e “saúde do homem”, mas também uma perspectiva de enquadramento do que é “ser gay”.

O grupo parece dialogar não só com a reprodução nacional de suas subjetividades, mas também com a de se enquadrar em um

Movimiento homosexual normalizado cuyas retóricas de liberación han sido recuperadas por la propaganda “individuo, familia, patria, um movimiento homosexual manso que busca el consenso, el respecto justo de la diferencia tolerable, la integración”²⁵⁴.

A citação de Preciado se refere a um tipo de movimento homossexual percebido já nos anos 1970 em que se buscava diferenciar o homossexual “perverso” dos “bons homossexuais”. Promovendo então as imagens de homossexuais enquadrados, *unidos y felizes*, nacionalistas e patrióticos *paraguayos*, o grupo *SomosGay* também promove códigos de condutas homossexuais.

Este tipo de enquadramento pelo movimento gay foi percebido por vários autores nos anos 1970 e 1980 como Hocquenghem e Foucault. Na América do Sul, além do escritor Pedro Lemebel, o argentino Néstor Perlongher escreveu sobre a “*normalización de la homosexualidad*”, tema que correspondia à emergência de um tipo de “modelo gay” em seu ensaio *El sexo de las locas* publicado em 1984.²⁵⁵

²⁵¹ Retirado de <http://somosgay.org/campanas/detalles/besaton-2010>. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

²⁵² O grupo possui um “centro de saúde do homem” intitulado Kuimba'e (“homem” em guarani), sendo uma adaptação do programa estadunidense “Men’s Wellness Center” que serve, além da identificação e tratamento do HIV, como um centro de “saúde masculina”.

²⁵³ EQUIS MAGAZINE. Assunção: Artes Gráficas Zamphirópolis. N° 1 – 13. Podem ser conferidas no link <http://somosgay.org/publicaciones>. Último acesso: 12 de dezembro de 2014.

²⁵⁴ PRECIADO, Beatriz. Terror Anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009. p.162.

²⁵⁵ PERLONGHER, Néstor. El sexo de las locas. **El Porteño**, n° 28, Buenos Aires, 1984.

Para Perlongher, que constata a emergência do modelo gay estadunidense com o enfrentamento contra a ditadura militar argentina “*para enfrentarse con este peligro [o perigo da normalização], es preciso vencer antes uno mucho más concreto: la cana. Sacar la cana de la cama, al ojo policial del espejo del cuarto*”²⁵⁶. No caso paraguaio, a normalização, portanto, conjuga com o ideário da “nação guarani”.

O uso discursivo dos termos “pátria e família” promovido no âmbito dos movimentos LGBTs foi intitulado de “homonacionalismo” por Jasbir Puar que realiza em sua obra *Terrorist Assemblages*²⁵⁷ as principais análises sobre os riscos de construir um discurso LGBT nacionalista.

Para a autora o homonacionalismo seria um fenômeno recente que une políticas e questões LGBTs a agendas imperialistas, estabelecendo que determinados corpos e sujeitos fazem parte do relato nacional. Desta narrativa estariam excluídos aqueles que não dialogam com os eixos nacionais de família e pátria.

Nesta política patriótica, a construção do outro, do anormal, ou da “monstruosidade como um constructo regulador imbrica não somente a sexualidade, mas também questões de cultura e raça”²⁵⁸. Sendo um bom patriota, nacionalista e branco, qualquer um teria, em alguns países europeus e nos Estados Unidos, o direito de acederem a um casamento ou a uma adoção homossexual, enfim, o direito à normalidade.

Segundo a autora, este fenômeno se dá dentro do processo de globalização estabelecido pelas agendas de Direitos Humanos dos Estados Unidos e de países da União Europeia. Estes processos conservadores difundem a noção de homonacionalismo e focam de maneira subliminar, porém, de forma eficaz, que as políticas de direitos humanos continuem restringidas à esfera do indivíduo, pois é o mercado aliado ao estado que ditará, de acordo com seus interesses, quais indivíduos são detentores destes direitos.

Associado a projetos imperialistas e colonialistas atualizados às dinâmicas contemporâneas, o homonacionalismo, segundo Puar, está sendo utilizado pelos

²⁵⁶ Id. p. 33.

²⁵⁷ PUAR, Jasbir. **Terrorist Assemblages**: Homonationalism in Queer Times Publisher: Duke University Press. out /2007.

²⁵⁸ PUAR, J., RAI, A. **Monster, Terrorist, Fag**: The War on Terrorism and the Production of Docile Patriots. Social Text 72, Vol. 20, No. 3, Fall 2002.p .119. Tradução nossa.

governos neoliberais que perceberam que a homogeneização destas subjetividades consideradas abjetas seria uma forma eficiente de conter suas dissidências. Ao integrar as pautas LGBTs às diretrizes de seus programas, regula-se o sujeito e reproduzem-se outras margens e exclusões de raça, classe, etnia, religião ou nacionalidade.

No caso paraguaio, não se trata de um homonacionalismo nos moldes restritos interpretados por Puar, visto que além dos direitos LGBTs não serem adotados pelo estado, a questão no país não seria o da xenofobia, mas sim do preconceito de classe e cor. Neste sentido, tratamos o homonacionalismo paraguaio associado tanto à referência histórica oficial quanto às reproduções das normas de gênero e raça promovendo a virilidade patriótica e mestiza como seu modelo nacional homossexual.

A reprodução liberal de um tipo de “universalismo ocidental que tenta impor à força os seus valores e as suas ideologias”²⁵⁹, como um universalismo gay, liberal e branco, se nota na construção de uma identidade gay que surge em detrimento de outras subjetividades, como as travestis, os indígenas e os negros, provavelmente o grupo mais invisibilizado no Paraguai. Estes seguem sendo excluídos em seus discursos de reivindicação dos direitos humanos, sem lugar de representação em cartilhas e revistas.

Na cartilha *Manual LGBT Paraguay*, disponível também em inglês, encontramos ensinamentos sobre a “cultura LGBT” além de termos que devem ou não ser utilizados. Como exemplo, a cartilha diferencia “homossexual” de “gay”, em que o uso de “gay” é preferível no lugar de “homossexual”, pois

Debido a la connotación clínica históricamente asociada con la palabra “homossexual”, ésta ha sido adoptada y es usada agresivamente por activistas homofóbicos para sugerir que lesbianas y los gays tienen algún tipo de enfermedad o desorden psicológico.²⁶⁰

Do mesmo modo, segundo a cartilha, termos como *torta*, *travesti*, *tortillera*, *puto* e “*otros epítetos similares*” não devem ser usados, pois são “*términos*

²⁵⁹ SILVA, Marcos de Araújo. Xenofobia, pós-colonialidade e homonacionalismo no sul da Europa. Perspectivas da Catalunha. **Revista de Estudos Anti Utilitaristas e Pós Coloniais**. Vol. 4. nº1. 136 – 165. p. 150.

²⁶⁰ SOMOSGAY. **Manual LGBT Paraguay**. Asunción: Artes Gráficas Zamphirópolis, 2014.p. 18.

*despectivos y vulgares*²⁶¹. Neste caso, onde entraria um termo *paraguayo* e ao mesmo tempo depreciativo como o caso do adjetivo *108*?

A única menção do grupo ao caso *108 y un quemado* está em um pequeno texto intitulado “*108 nunca más Memoria de la Dictadura*”:

SOMOSGAY conduce desde el 2012 un proyecto de recuperación de la memoria a través del audiovisual, entrevistando a víctimas de estas persecuciones en todo el país.

SOMOSGAY está convencida de que: "La historia debe conocerse para que ciertos hechos no se repitan". Tal es el caso de los 108 y un quemado, pues a lo largo del gobierno del Dictador Alfredo Stroessner, este *modus operandi* – de acusar a un cierto número de personas de ser gays – se repitió en varias ocasiones.

O caso *108 y un quemado* perpassa a memória LGBT paraguaia, deste modo, é inegável a relação do seu passado com a ditadura stronista. Porém, esta memória está longe de ser um discurso uníssono entre os movimentos sociais. Neste sentido gostaríamos de tratar a memória como uma arena política, na qual, e especificamente nos períodos pós-autoritários²⁶², emergem diversas narrativas acerca do passado.

Segundo Beatriz Sarlo, o passado é sempre um lugar de conflito, pois existe um tipo de concorrência entre memória e história já que a história nem sempre acredita nas narrativas da memória, do mesmo modo, a memória nem sempre considera a reconstituição da história se esta não coloca em seu centro seus “direitos de lembrança”²⁶³.

Neste sentido, é necessário pensar nos interesses existentes nas invenções do passado. Se existe uma negação do *108* como algo que nunca deve se repetir, de que forma a abjeção *108* é afastada da atualidade ao mesmo tempo que é remetida como um valor de memória para o “*nunca más*”?

²⁶¹ Id. p. 20.

²⁶² Optamos por intitular deste modo os períodos após a ditadura militar pois ainda que haja uma certa ruptura com a queda dos regimes ditatoriais, houve nos anos 1990 a repetição de estruturas que se formaram durante a ditadura militar. No Paraguai especificamente Alfredo Stroessner sofreu um golpe de estado em 1989 por outro militar, o general Andrés Rodríguez, também do Partido Colorado, partido que governaria até 2008, ano da ascensão de Fernando Lugo no poder. Deste modo, consideramos precária a utilização da dicotomia ditadura/democracia para tratar de contextos políticos complexos como este.

²⁶³ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007. p.9.

É preciso pensar nas condições ideológicas que sustentam as produções de memória no presente. Seu esquecimento ou revalorização são efetuados a partir de interesses da atualidade. Deste modo, uma política de positividade gay que busca a normalização pretende se afastar de qualquer rastro de abjeção contemporânea, mas também histórica: *108 nunca más!*

Interessa-nos, portanto, pensar politicamente de que modo a construção do “*nunca más*” após as experiências ditatoriais também buscou uniformizar um passado comum de modo a criar uma memória coletiva uníssona sobre o passado. Sobre este aspecto, tanto Beatriz Sarlo, tratando da saída da ditadura militar argentina, quanto Nelly Richard, tratando do contexto pós-pinochetista, convergem, pois, o resgate de uma memória única sobre o passado também cria um tipo de estatuto irrefutável.

É certo que a memória pode ser um impulso moral da história e também uma de suas fontes, mas esses dois traços não suportam a exigência de uma verdade mais indiscutível que aquela que é possível construir com – e a partir de – outros discursos. Não há equivalência entre o direito de lembrar e a afirmação de uma verdade da lembrança; tampouco o dever de memória obriga a aceitar essa equivalência²⁶⁴.

Contra um “mito da memória”, Sarlo atenta para os usos da construção das narrativas de “nunca mais” nos casos da memória da repressão. No caso *108 y un quemado*, a ausência de narrativas em primeira pessoa, de *108s* que viveram especificamente esta perseguição²⁶⁵, o “nunca más” aprofunda um viés de distância com a abjeção, bem como contra a violência sofrida, mas também permite um tipo de viés de esquecimento, já que se “*este modus operandi – de acusar a un cierto número de personas de ser gays – se repitió en varias ocasiones*” durante a ditadura stronista, o silêncio a respeito dos casos que envolviam homossexuais se manteve²⁶⁶ mesmo após a queda do regime.

Deixar o *108* no passado, para nunca mais voltar a vê-lo, é tentar colocar a complexidade do acontecimento também em um passado estático. Por este motivo é fundamental pensar os usos da memória como uma arena política, tal como

²⁶⁴ Id. p. 44.

²⁶⁵ O único relato publicado acerca desta perseguição saiu recentemente pela revista *E’A*, na qual um ex-funcionário da pedreira de Tacumbú narrou a forma como os *108* eram levados para serem explorados na retirada de pedras basálticas como forma de punição. Ver: <http://ea.com.py/v2/memorias-del-subsuelo-es-lo-que-se-dice-puto-asi-te-voy-a-decir-yo/>. Último acesso: 30 de janeiro de 2015.

²⁶⁶ Sobre o silêncio acerca da homossexualidade e os casos Bernardo Aranda e Palmieri ver o filme/documentário Cuchillo de Palo de Renate Acosta.

proposto por Nelly Richard. A autora realiza uma “crítica da memória” que propõe outros usos da memória para além das manutenções de museus ou de testemunhos do passado que compõem a narrativa do “nunca más”.

Nenhum grupo militante dos Direitos Humanos pretende a volta da violência autoritária, neste sentido, ambos os grupos são “*nunca más*”. Porém, o que propomos aqui é pensar a questão 108 para além do passado violento. Richard analisando os movimentos culturais pós-ditatoriais propõe uma visão crítica da memória para além da lembrança ou do esquecimento.

Esta dicotomia, segundo a autora, não abrange os “*mecanismos mucho más retorcidos e imbricados que los consignados por esta dualidad de procedimientos contrarios*”²⁶⁷. Na complexidade da memória, os usos dos símbolos e narrativas podem conter formas de atualizar os sentidos de memória no presente, criando uma “memória-sujeito”. Descartada a dicotomia entre lembrança e esquecimento

queda por imaginar el trabajo de una memoria que no sea la memoria pasiva del recuerdo cosificado, sino una memoria-sujeto capaz de formular enlaces constructivos y productivos entre pasado y presente para hacer estallar el ‘tiempo-ahora’ retenido y comprimido en las partículas históricas de muchos recuerdos discrepantes y silenciados por las memorias oficiales²⁶⁸.

Distante de traçar uma narrativa “dos vencidos”, Nelly Richard propõe uma análise crítica das “*evocaciones reintegradoras del pasado que buscan compensar las quebraduras de la experiencia con el relato liso de una memoria suturada*”²⁶⁹ diferenciando estas memórias dos “*recuerdos insumisos*” que ressignificam o passado no presente, sem fazer uso de um “nunca mais” do passado, mas sim, utilizando das possibilidades da imaginação.

Beatriz Sarlo afirma que a imaginação tem papel fundamental na produção de sentido do narrado. Segundo a autora narrar o passado dá sentido a ele somente se “como assinalou Arendt, a imaginação viaja, se solta de seu imediatismo identitário”²⁷⁰ e atua na persistência da subjetividade, aqui a 108, como uma espécie de “artesanato de resistência”.

²⁶⁷ RICHARD, Nelly. **La insubordinación de los signos**. Santiago: Editorial Cuarto Propio. 2000. p. 34.

²⁶⁸ Id.

²⁶⁹ RICHARD, Nelly. **Crítica de la Memoria 1990 – 2010**. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales. 2010. p.23.

²⁷⁰ SARLO, Beatriz. Op. Cit. p. 66.

É no uso imaginativo da memória que gostaria de inserir a ressignificação do estigma 108. Se *Somosgay* cita o caso Bernardo Aranda no sentido de que “*La historia debe conocerse para que ciertos hechos no se repitan*” neste caso o 108 não é ressignificado, pois neste sentido seu uso reproduz a mesma abjeção dos anos 1959.

Já o grupo *Mansión 108* busca fazer uso da memória nos moldes que Richard chamou de fazer uso de uma “*materialidad signica*”, nos quais, o signo, neste caso, o 108, se refere “*a un recuerdo de los años de dictadura entretejido con el presente de su lectura que deambula libremente por diversos soportes y formatos de inscripción*”²⁷¹.

Longe de ser um grupo acadêmico ou que pretende ampliar espaços governamentais, dialogando com materiais de consumo ou propondo um “estilo de vida gay”, *Mansión 108* surge justamente do uso político de sua memória para “*estimular los contagios de retóricas, poéticas y políticas*”²⁷².

3.2.2 MANSIÓN 108 Un lugar con ideas Kuir / SOMOS MÁS QUE 108

Formada por pessoas que decidiram alugar uma casa, oferecer um quarto como albergue para estrangeiros e fazer um grupo num formato de um “coletivo”, a *Mansión* surgiu em 2013. Desde então o grupo se define como “*un lugar con ideas kuir en Asunción*”. Formado “*por un grupo de personas, con la intención de crear un lugar donde vivir que mezcle la crítica política y el compartir ideas queer*” o grupo afirma que considera que “*el sexismo, el machismo, la LGTBIQfobia y el capitalismo discriminan y dañan los derechos humanos, así como el trato desinteresado del medio ambiente es peligroso para la humanidad y el planeta en sí*”²⁷³.

As pretensões do grupo são de fazer mudanças, porém, em um campo micropolítico: “*Sabemos que no podemos cambiar el mundo, pero podemos vivir estas ideas, tratar de mejorar las cosas que no funcionan en este mundo y talvez afectar a nuestrxs amigxs, visitantes y cada persona interesada, aprender y compartir.*”²⁷⁴

²⁷¹ RICHARD, Nelly. Op. Cit. p. 19.

²⁷² Id.

²⁷³ Retirado de <http://mansion108.blogspot.eu/la-mansion-108/>. Último acesso: 03 de janeiro de 2015.

²⁷⁴ Id.

Uma das iniciativas do grupo, que possui o caso Bernardo Aranda como eixo de sua narrativa, foi a criação do blog *108 memorias*, no qual, publicam documentos sobre o *Caso 108* que possui, segundo o grupo, uma importância fundamental para a compreensão da atualidade LGBT no país.

Porque Memorias:

- La historia de los “108” nos explica el presente de hoy...
- Contar, difundir, registrar como cambiamos ese lugar que “el destino” nos tenía guardado...
- Desde acá queremos recordar lo que pasó en Paraguay a homosexuales durante la dictadura stronista, (y también antes y después de ella)...
- Y además registrar el presente de las diversas acciones que las organizaciones, y/o personas activistas independientes, hicimos y estamos haciendo, para cambiar ese pasado de represión y de estigma, por ser diferente...²⁷⁵

A relação com o caso Bernardo Aranda não iria apenas afetar a proposta de historicizar a questão LGBT em Assunção, mas também alterar a data de marcha da maioria dos grupos LGBTs para o dia 30 de setembro. Como vimos, nas cartas analisadas foi nesta data que surgiu o primeiro rastro de resistência homossexual nos registros, com a publicação de parte da *Carta de un Amoral* pelo jornal *El País*.

Praticamente o único grupo que marcha no dia 28 de junho, aniversário da revolta de Stonewall em 1969, considerado como “Dia internacional do orgulho LGBT”, é o *SomosGay*, os outros grupos marcham em setembro ou outubro, o que ofereceu à cidade de Assunção a característica de contar com duas marchas LGBTs anuais, uma em junho e outra em setembro/outubro²⁷⁶.

Na Parada da Diversidade de 2013 foi organizado pelo grupo um “*Circuito de Memoria LGTBI*” em que um ônibus denominado “*Línea 108 Bus de la memoria*”²⁷⁷

²⁷⁵ Retirado de <http://108memorias.com/>. Último acesso 02 de janeiro de 2015.

²⁷⁶ Os grupos divergem no que diz respeito à “Primeira Marcha LGBT de Assunção”, *SomosGay* afirma que a primeira foi em 2009, enquanto que *Mansión 108* afirma que a primeira organizada como marcha em 2003, porém a pesquisadora Florencia Falabella considera que a primeira marcha, ainda que com poucas pessoas, ocorreu em 1998. Ver FALABELLA, Florencia. Ciudadanías sexuales y democracia. El Movimiento LGBTI en Asunción. Asunción: **Revista Novapolis**. No 5. Abril-Outubro. 2012. pp. 55 – 76. Disponível em http://www.novapolis.pyglocal.com/pdf/novapolis_ns_5.pdf. p. 66-67.

²⁷⁷ O roteiro da *Línea 108* incluía: a *Plaza de la Democracia*, praça que funcionava como ponto de encontro de homossexuais e era local de constante vigilância policial; o *Departamento de Investigaciones de la Policía* onde também muitas travestis, gays e lésbicas foram interrogados durante toda o período ditatorial; a *Comisaría Cuarta Fuerza Policial*, delegacia de referência no caso *108 y un quemado* já que é localizada no bairro onde vivia Bernardo Aranda, somando 80 pessoas fichadas por *amorales* na ocasião; a Casa de Bernardo Aranda, onde foi encontrado morto; a *Escalinata Antequera*, lugar histórico de sociabilidades gays e travestis, lugar, inclusive de início da marcha LGBT; a *Comisaría Tercera*, lugar de prisão e tortura onde funcionava o “Sepulcro de los

percorreu os principais lugares de memória do grupo, como as delegacias de polícia onde foram detidos os homossexuais, a casa de Bernardo Aranda, a *Escalinata de Antequera*, lugar de encontro de várias travestis e homossexuais, enfim, um passeio entre o passado histórico e o presente, guiado por uma *drag queen* vestida de policial.

IMAGEM 19²⁷⁸



IMAGEM 19 - BUS DE LA MEMORIA. MANSIÓN 108. ASSUNÇÃO, SET/2013.

É necessário, portanto, considerar a iniciativa do grupo de construir sua própria memória e fazê-la pública. O folder da *Línea* não poderia ser mais claro ao afirmar que durante muito tempo o “*Estado represor y otros poderes intentaron*

vivos” um porão onde vários detidos no período stronista foram amontoados e deixados sem luz, comida ou sanitários, é neste lugar que muitos homossexuais foram levados nos anos 1980 devido às investigações do caso Palmieri; o *Departamento de Asuntos técnicos del Ministerio del Interior*, na chamada *La Técnica*, hoje constituído o *Museo de las memorias*, foi um local dirigido pela assistência técnica do governo estadunidense representado por Robert Thierry que também funcionou como lugar de detenção, torturas e execuções durante as quatro décadas do período stronista. Estes dados constam no informe da *línea 108*.

²⁷⁸ Ambas as imagens foram retiradas do álbum de fotos do grupo na página do Facebook. <https://www.facebook.com/memoriaslgbtypy>. Último acesso: 06 de janeiro de 2015.

borrarnos de la historia oficial por el hecho de ser putos, travestis, lesbianas, 108, raros”.

IMAGEM 20



IMAGEM 20 - DENTRO DEL BUS DE LA MEMORIA. MANSIÓN 108. ASSUNÇÃO, SET/2013.

Deste modo, a visita aos lugares de memória histórica é considerada importante pelo grupo porque são “*lugares que no debemos olvidar como colectivo LGBTI*”, pois nestes locais, em que “*a lo largo de nuestra historia sufrimos la represión estatal*” são também “*lugares en donde hemos resistido y reivindicado nuestro derecho por vivir en libertad nuestra identidad*”.²⁷⁹

Os locais visitados pela *línea* não são encarados apenas como referência de repressão do regime ditatorial, mas também como ponto de possibilidades de resistência. Se a “história oficial”, como dissemos na Introdução, não abrigava estas subjetividades, coube a elas mesmas construir e reivindicar suas próprias histórias.

Antes da última marcha de 2014 foram realizadas na *Mansión 108* oficinas de bonecos gigantes. Os bonecos montados com vários apetrechos continham aparências variadas. Um boneco negro, um rosa e um bege. Com piercings e um

²⁷⁹ Retirado de material de propaganda do DIVULGAÇÃO. **Circuito de la Memoria LGBTI de Asunción.** Assunção: Mansión 108, 2013.

brinco de adorno “108”, os bonecos chamavam a atenção durante a marcha, pois, até uma boneca trans com seios a mostra desfilava, o que fazia com que, devido às proporções, fazia caminhar pela marcha da diversidade, em pleno centro da cidade, um pênis também gigante²⁸⁰.

Os dois grupos analisados utilizam a questão 108 como forma de evidenciar a violência histórica contra a comunidade LGBT, porém, o que os diferencia é que, enquanto *SomosGay* busca legitimação social a partir de mecanismos de assimilação racial, econômica e nacional, buscando se distanciar do estigma 108, o segundo grupo promove a admissão política da abjeção 108 e não sua negação ou esquecimento.

108, como signo de resistência, busca transcender politicamente a vitimização da homossexualidade na ditadura. Para Nelly Richard esta é uma questão que deve ser trabalhada pelo “*pensamiento postdictatorial*” para superar a “*rígida dicotomía de valores y representaciones que aprisiona la ‘mirada del vencido’ explorando formas más oblícuas*”²⁸¹.

Usar a memória de forma crítica, segundo a autora, contribui para resistir tanto ao empreendimento da “*desmemoria*” que busca unificar a história em uma única narrativa apaziguando os embates de disputa de sentido, quanto a construção de um mito de memória tal como afirmava Beatriz Sarlo.

Richard afirma que nesta arena de fabricação de sentidos e usos da memória ditatorial nos períodos pós-autoritários as práticas artísticas e culturais possuem uma posição privilegiada no sentido de que elas

trabajaron en reelaborar los significados más tortuosos de la memoria histórica, las mejor preparadas para intervenir en este conflictivo teatro del recuerdo reescenificando- con vueltas y rodeos- lo “quedado a medio camino”: secuencias interrumpidas y fragmentos inconclusos que permanecen escondidos en las costuras de los exitosos discursos de reconstrucción, dobleces y reversos que siguen desconfiando de las gloriosas terminaciones de la frase y de la fase acabadas²⁸².

²⁸⁰ Ver na página seguinte.

²⁸¹ RICHARD, Nelly. **La insubordinación de los signos**. Santiago: Editorial Cuarto Propio. 2000. p. 37.

²⁸² Id.

IMAGEM 21²⁸³**IMAGEM 21- MUÑECOS GIGANTES. MANSIÓN 108. ASSUNÇÃO, 2014.****IMAGEM 22****IMAGEM 22 - MUÑECOS MARCHA. MANSIÓN 108. ASSUNÇÃO, 2014.**

²⁸³ Ambas as imagens foram retiradas do álbum de fotos do grupo na página do Facebook. <https://www.facebook.com/mansion108>. Último acesso: 06 de janeiro de 2015.

3.2.3 Do *queer* ao *cuir*, do *cuir* ao *kuir*

La teoría queer no sería nada, o casi nada, sin esas microhistorias interpersonales, sin el tufo todavía persistente –aunque cada vez más perfumado por el éxito, eso sí- de la mierda que empapara y rezumara la palabra “queer”, de la violencia que amenazara y de la inquietud que generara²⁸⁴.

Brad Epps

Segundo a definição do grupo *Mansión* presente em seu slogan trata-se de um lugar com “*ideas kuir*”. Duas questões formam o termo *kuir* como o utilizado pelo grupo que, para melhor compreensão serão explicadas separadamente.

O termo provém da palavra *queer* que, como teoria acadêmica, surgiu nos debates em universidades dos Estados Unidos no final da década de 1980, a partir do intenso encontro e interlocução com os Estudos Culturais e o pós-estruturalismo francês.

No começo da década seguinte, Teresa de Lauretis empregaria pela primeira vez a expressão “*Queer Theory*” para denominar um conjunto analítico proposto por pesquisadores que desenvolviam estudos críticos a respeito das sexualidades, do gênero e principalmente como resposta aos estudos *gays* e lésbicos.

Segundo David Halperin quando Teresa de Lauretis dita sua conferência nomeando a *Queer Theory* ela cita os usos afirmativos do termo “*queer*” feitos por alguns garotos nas ruas e artistas de Nova York²⁸⁵. Do mesmo modo, explica Richard Miskolci que o termo foi utilizado pela academia de forma a colocar um compromisso político no sentido de privilegiar uma perspectiva a partir dos “anormais”.

O termo inglês *queer* é antigo e tinha, originalmente, uma conotação negativa e agressiva contra aqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade. Recentemente, foi adotado e ressignificado pelo conjunto de teóricos que, em oposição aos estudos de minorias, decidiu privilegiar uma perspectiva crítica sobre os processos sociais normalizadores²⁸⁶.

Portanto, *queer* como uma ação epistemológica não visa compreender os sujeitos dentro das normas sociais, mas sim, problematizar a própria construção destas normas, designando-as como formadoras destas margens e produtoras de seus sujeitos anormais. Ou seja, *queer* se refere a sujeitos que não fazem pedidos

²⁸⁴ Tradução de Felipe Rivas San Martin.

²⁸⁵ HALPERIN, David. The Normalization of Queer Theory. In: **Journal of Homosexuality**, Vol. 45, Nº. 2/3/4, The Haworth Press, Nueva York, 2003. p. 339-343.

²⁸⁶ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças. In: XVI Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. **No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las**. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v.1, 2007. p. 1-19.

para adentrar na normalidade, aqueles que não visam ser assimilados nem normalizados.

São vários os teóricos da teoria *queer*²⁸⁷, que em suas análises buscam compreender os mecanismos de produção da normalidade a partir de uma perspectiva marginal, incluindo a problematização dos usos de identidades “*gays*” e “*lésbicas*” como componentes que ao mesmo tempo excluem diversas outras alteridades nas realidades LGBTs. Além disso, a predominância da representação do homossexual masculino branco e de classe média nos estudos *gays* e *lésbicos* nem sempre questionava as bases heteronormativas da sociedade, bases estas que afetariam inclusive a construção das próprias identidades *gays*.

Porém, houve um fenômeno de institucionalização acadêmica da *Queer Theory*, fato denunciado pelo próprio David Halperin nos Estados Unidos²⁸⁸. A teoria *queer* passou a ser interpretada como uma teoria normalizada pelo seu sucesso acadêmico, institucionalização esta que também ocorreu na América Latina. De acordo com Felipe Rivas San Martin

en los espacios académicos locales que no ven en la nomenclatura un peligro o cuestionamiento, sino una glamorosa nueva fórmula de saber exportada desde los EE.UU. Mal que mal, el mercado en los países periféricos de Sudamérica usualmente traduce el nombre de los productos al inglés como fórmula publicitaria de aumentar el status simbólico de la mercancía²⁸⁹.

No Brasil, segundo Larissa Pelúcio, a “reverência” à teoria é a mesma

Neste exercício não pude deixar de notar que, apesar das singularidades locais, nossa tendência inicial foi, sobretudo, de procurar aplicar os achados teóricos e conceituais *queer*, mais do que tencioná-los e, assim, produzir nossas próprias teorias (ainda que em diálogo com o que estava sendo produzido em outros países). Postura que tem mudado durante o próprio exercício de pesquisa e produção intelectual brasileira no campo do gênero e da sexualidade. Mas o fato é que ainda nos mantemos bastante reverentes a produções teóricas europeias e norte-americanas, enquanto guardamos relativa ignorância a respeito das contribuições de nossos

²⁸⁷ A Teoria Queer possui varias correntes e perspectivas, indicamos Teresa de Lauretis, Gayle Rubin, Judith Butler e Michael Warner como alguns dos nomes mais reconhecidos na primeira produção Queer. Na atualidade Judith Halberstam possui grande produção a cerca das masculinidades, além de Beatriz Preciado e suas análises sobre a sociedade “farmacopornográfica”. No Brasil a Teoria Queer possui uma produção bastante expressiva com várias autoras reconhecidas como Guacira Lopes Louro e Berenice Bento, entre outras.

²⁸⁸ HALPERIN. Ibid.

²⁸⁹ SAN MARTIN, Felipe. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano In: **Por un feminismo sin mujeres**. Territorios Sexuales Ediciones. Santiago: Alfabetas Artes Gráficas, 2011. p.68.

vizinhos continentais, com os quais compartilhamos, muitas vezes, cenários sociais, políticos, econômicos e culturais bastante próximos²⁹⁰.

Deste modo, para compreender o uso do *kuir* no slogan da *Mansión 108*, propomos pensar nos modos em que o termo *queer* é utilizado e interpretado na América do Sul. Academicamente já vemos consolidada uma séria de críticas e propostas reflexivas traçando relações com o *queer* estadunidense e europeu²⁹¹.

Estas críticas não visam anular o *queer* como possibilidade de pensar a abjeção, mas buscam demonstrar como em outros lugares do mundo experiências de posituação abjetas também foram experimentadas mesmo antes do fenômeno de *queerização* da abjeção política e acadêmica.

Dentro deste embate teórico, que busca localizar também a teoria *queer* como uma teoria *gringa* reconhecida e exportada que visa generalizar qualquer experiência abjeta e positivada como experiência *queer*, San Martín afirma que ainda que o termo contribua do sentido de emprestar uma fonética legitimada²⁹² para propor desestabilizar a construção de essencialismos e colocar uma “posición de resistencia y localización estratégica frente a procesos de normalización de lo gay y lo lésbico tanto en las lógicas del sistema neoliberal (mercado gay)”²⁹³, bem como o enquadramento estatal e cultural do homonacionalismo²⁹⁴, seu uso sem reflexão

²⁹⁰ PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Peridicus**. Cartografia dos estudos queer na Ibero-América. 1ª edição maio-outubro. Salvador, 2014. p.74

²⁹¹ Ver SUTHERLAND, Juan Pablo. Traductibilidad y proyección política: la sistematización y politización de los saberes. In: **Cuerpos Ineludibles**: un diálogo a partir de las sexualidades en América Latina. D'UVA, Mónica. FERNANDEZ, Josefina e VITURRO Paula (orgs). Buenos Aires, Ed. Ají de Pollo, 2004, pp.113-120 e MARISTANY, José Javier. Una teoría queer latinoamericana?: postestructuralismo y políticas de la identidad en Lemebel. **Revista Lectures du Genre**. Lecturas queer desde el Cono Sur, nº4, 2008. pp. 17-25.

²⁹² É interessante a anedota de San Martín sobre os usos legitimados da expressão *queer* na Academia, cito-a de modo que ela ilustra bem o que na prática este debate significa. Segundo o autor, o professor Juan Pablo Sutherland, contou que quando foi lecionar o curso de “Introducción a la Teoría Queer” ministrado no CEGECAL (Centro de Estudios de Género y Cultura en América Latina) da Universidad de Chile, a decisão de chamar de “teoria queer” e não “estudios gay-lésbicos” ou “estudios maricas”, ajudou para que o público não suspeitasse do curso “... ya que todas esas denominaciones habrían provocado tensiones de animosa distracción, preguntas acerca de lo academizable... y de las repercusiones institucionales de aquellos saberes algo bastardos”. Colocamos a mesma questão no sentido de que são justamente estas tensões e perguntas, este incômodo produzido pela abjeção que formam a Teoria Queer como um marco teórico tão “fascinante y políticamente productivo”. In: SAN MARTÍN, Felipe. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano In: **Por un feminismo sin mujeres**. Territorios Sexuales Ediciones. Santiago: Alfabetas Artes Gráficas, 2011. p.68.

²⁹³ Id. p.64.

²⁹⁴ Há várias produções sobre a questão homonacionalista e as resistências *queer*, sobre as quais citamos duas que muito contribuíram para ampliar nossa análise: SEGUER, Lucía. De la normatividad queer en la construcción de la nación a la resistencia política queer: un debate en la relación Israel-

pode reproduzir normas de poder do *norte* que continuam colonizando áreas de produção de pensamento do *sur*²⁹⁵.

É deste fluxo de discussões, contaminações, influências, resistências e ressignificações, que o *cuir* aparece como forma de, ainda que utilizando a legitimação teórica, afinal, é algo que a academia exige constantemente, tentar passar a palavra pela crítica e localizá-la a partir de uma perspectiva *del sur*. Por isso a tradução “fonética” e “ortográfica” do *queer* ao *cuir* carrega a provocação de dizer “*queer con la lengua afuera*”.

Esta perspectiva que visa mostrar outras experiências, intituladas *queer*, também recorre a outras genealogias de ressignificação de abjeção, o que chamaremos de “genealogias diferenciais”, como citado por San Martín. Como exemplo o autor cita a *genealogía perlonghiana*

elaborada de manera diferencial por personas como Maristany, Brad Epps y Juan Pablo Sutherland, va a percibir en la obra ensayística de Néstor Perlongher, la conformación de una crítica a los esencialismos de la identidad homosexual, como resultado de los contactos del autor argentino con Félix Guattari en la visita de este último a Brasil en 1982, cuyos archivos se encuentran contenidos en la compilación “Micropolítica: cartografías del deseo” editado por Suelly Rolnik²⁹⁶.

Esta genealogia perlonghiana conjuga com o que Larissa Pelúcio considerou “como um dos marcos para a elaboração de uma ‘teoria cu’ latino-americana”²⁹⁷, no sentido de que estas experiências hoje intituladas *queer* podem ser traçadas a partir de outros discursos genealógicos, como se nota nas obras do argentino Néstor Perlongher, do cubano Severo Sarduy e do chileno Pedro Lemebel. Segundo San Martín, há nestes autores certa “sintonía” com noções “*de la dupla Deleuze-Guattari como ‘devenir homosexual’ y ‘homosexualidad molecular’*”. Porém, afirma o autor, é fundamental traçar suas genealogias *minoritárias* a partir de suas experiências

Palestina. **Revista Humanísticas**. Vol.78. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2014; e SILVA, Marcos de Araújo. Xenofobia, pós-colonialidade e homonacionalismo no sul da Europa. Perspectivas da Catalunha. **Revista de Estudos Anti Utilitaristas e Pós Coloniais**. Vol. 4. Nº1, 2014. pp. 136 – 165.

²⁹⁵ As divisões epistemológicas norte-sul não tratam de localizar geograficamente as produções teóricas mas sim no seu sentido de considerar suas diferenças geopolíticas, nas palavras de Fernando Davis e Miguel Lopez se trata de propor “Más allá de la tradicional mirada etnográfica lo que proponemos es una lectura performativa, una contra-cartografía transmaricaputa de las perspectivas” a partir de releituras que reflexionan desde “espacios y cuerpos raciales / étnicos /sexuales subalternizados”. DAVIS, Fernando. LOPEZ, Miguel. Micropolíticas Cuir: Transmariconizando el Sur. **Revista Ramona**, Abril, 2010.

²⁹⁶ SAN MARTÍN. op. cit. p.70.

²⁹⁷ PELÚCIO. op. cit. p. 77.

locais, pessoais e políticas, para além dos contatos teóricos e literários com autores estadunidenses e europeus²⁹⁸.

Com isto não buscamos uma disputa de antiguidade epistemológica, mas sim encontrar na análise destas genealogias as tensões que evidenciam as relações unidireccionais que encontramos na produção de pensamento nos fluxos *norte-sur*.

Deste modo, o uso do *cuir* por autores acadêmicos e grupos autônomos que assim se intitulam, busca retirar este poder de “*democratic word*”, que sugere a palavra posto que “*todas las subjetividades abyectas pueden estar contenidas en ella*”. Do mesmo modo, a transformação do *queer* em *cuir*, *marica*, e no nosso caso, por que não, *108*, opera também num sentido de desconstruir esta espécie de “*hegemonía de la inteligibilidad queer*”, que, de acordo com San Martin

la convierte en modelo referencial de todos los términos que se usan para significarla en castellano. Por ejemplo, desde su aparición en el marco de los debates académicos latinoamericanos, cualquier acto de utilización afirmativa de un término injurioso, será interpretado inmediata e irremediamente como un intento de traducción o reapropiación de “lo queer em contextos latinoamericanos”²⁹⁹.

Longe de ser um consenso entre teóricos *queer* ou filólogos, há vários pontos de vista que devem ser levados em conta para a compreensão desta problemática. Porém, chegamos a este debate para demonstrar os motivos políticos das transformações e usos desta palavra.

Segundo Brad Epps é problemática a utilização de *queer* em outros contextos não anglofalantes porque sem sua tradução contextual, a expressão perde completamente seu sentido dissidente, sua potência de incômodo e seu caráter de

²⁹⁸ Segundo San Martin um dos exemplos destes contextos é a pouco conhecida no Brasil “Escena de Avanzada”, nome utilizado por Nelly Richard para se “referir a una serie de prácticas artísticas y reflexivas que en plena dictadura militar (años 70 y 80), generaron diversos quiebres estéticos y críticos con respecto a la tradición artística local que terminarían por modificar la historia del arte chileno. Entre las características más importantes de esta Escena de Avanzada de carácter neovanguardista se encuentra: la disolución de la autonomía disciplinaria, es decir, el cruce entre géneros como la pintura, la poesía, la fotografía, el video, el cine, el texto crítico, etc.; la utilización de la ciudad y el cuerpo como soportes de intervención artística; una renovación de las relaciones entre arte y política; la inclusión temática de cuestiones como el deseo homosexual y el desmantelamiento de los binomios de género en las estéticas travestis, teniendo como marco el reforzamiento de la reglamentación de lo público y lo privado ejercido por la lógica militarista”. In: SAN MARTIN, Felipe. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano In: **Por un feminismo sin mujeres**. Territorios Sexuales Ediciones. Santiago: Alfabetas Artes Gráficas, 2011. p.71. Sobre este assunto ver também RICHARD, Nelly. **Cuerpo Correccional**, Santiago: Edição de Francisco Zegers, 1980 e **Márgenes e Institución**: Arte en Chile desde 1973. Art & Text, no 21, Melbourne, 1986 da mesma autora.

²⁹⁹ SAN MARTIN. op. cit. 65.

palavra performática. Deste modo, segundo o autor, a utilização de *queer* em cada local requer o acompanhamento de sua tradução para uma melhor compreensão da potência de significados da expressão³⁰⁰.

Assim compreendemos o *kuir* localizado no caso da *Mansión*, como um uso *kuir* do insulto histórico, mas também como uma proposta que visa ir além dos questionamentos das normas sexuais e de gênero.

A letra *K* substituindo a *Q* é historicamente utilizada por movimentos anarquistas como formas de identificação. Dentro das propostas do grupo, encontramos diálogos a respeito de várias expressões diferentes, como oficinas de clown, stencil, comidas vegetarianas, entre outras propostas que visam questionar a homofobia, mas também o sexismo, o racismo, o especismo, o militarismo e o capitalismo.

Para ilustrar estas formas de ações políticas analiso o último convite de um evento intitulado *SAN FOUCAULT DICE QUE SÍ O SÍ!*. Segue o convite do evento:

Nos apropiamos de estas palabras y, de esta forma, de esta fiesta pagana-religiosa-popular llevándola *al absurdum*³⁰¹.

Y para mantener la idea de esta fiesta popular, nos encargamos de incluir todos los ingredientes necesarios para que se sienta ese aire a nuestro!

COMIDITA VEGANA, como síntoma del malestar ante el especismo donde son considerada a ciertas especies (razas/racismo) como superiores ante otras. El mensaje nos dice “Se puede comer, esclavizar y comercializar a otros seres porque son inferiores a nosotros”, pero desde la Mansión queremos dar un nuevo mensaje: “Podemos comer sin esclavizar.”

Impresionantes JUEGOS A-TÍPICOS, con los cuales queremos divertirnos trans-formándolos en una posibilidad de re-lectura simbólica que nos propone la heterocultura. Y como invitados para los juegos, tendremos a representantes de las distintas CASAS/CAUSAS³⁰².

O evento propõe não somente uma releitura simbólica do “*que nos propone la heterocultura*”, mas também enviar uma “nova” mensagem para as normas que dizem que “*Se puede comer, esclavizar y comercializar a otros seres porque son*

³⁰⁰ EPPS, Brad. Retos, riesgos, pautas y promesas de la teoría queer. *Revista Iberoamericana*, n° 225, vol. 74, Pittsburg: University of Pittsburgh, 2008. pp. 897-920.

³⁰¹ Imagem e texto retirado de <http://mansion108.blogspot.eu/eventos/san-foucault-dice-que-si/>. Última visualização: 07 de janeiro de 2015.

³⁰² Retirado de <http://mansion108.blogspot.eu/eventos/san-foucault-dice-que-si/>. Último Acesso: 07 de janeiro de 2015.

inferiores a nosotros”, comparando o racismo ao especismo³⁰³ e fomentando o veganismo também como estratégia política.

IMAGEM 23



IMAGEM 23 - SAN FOUCAULT DICE QUE SI. MANSIÓN 108. ASSUNÇÃO, 2014.

Chama a atenção também os jogos “*a-típicos*” que, se em outros grupos a “cultura típica” é difundida como meio de estratégia política, a *Mansión* pretende transformá-la relendo as proposições da “heterocultura” e unindo “representantes de várias casas/causas”.

³⁰³ Várias feministas têm articulado a ideia de que as normas de regulação e instrumentalização funcionam quase da mesma maneira no que diz respeito aos corpos de pessoas negras, mulheres e animais. Sobre a relação entre sexismo e especismo ler ADAMS, Carol. **A política sexual da carne**. São Paulo: Editora Alaúde, 2012.

Este teor interseccional, que une diversas causas, conjuga com a finalização do convite para o mês da *Memoria 108* em 2009, no aniversário de cinquenta anos do *Caso 108 y un quemado*. Neste exerto o estigma 108 é ressignificado novamente, mas não para compreender os malefícios da heteronormatividade ou para combater a homofobia.

A marca 108 é ressignificada para além de um estigma sexual. O convite visa ampliar o estigma para visibilizar, não apenas gays e lésbicas, mas também os “*nuevos 108*”

El mes pretende además visibilizar nuevos “108”, personas y grupos que hoy en el año 2009 son torturados, perseguidos, criminalizados, expuestos, por lo que son, tales como personas indígenas, campesinas, punks, pobres, trabajadoras sexuales, trans y muchos etc. más. Así como sus luchas y voces³⁰⁴.

Buscamos, portanto, analisar a partir das narrativas de dois grupos LGBTs os usos do estigma 108, bem como das diretrizes nacionais e de gênero. Podemos concluir que, na efervescência LGBTI asuncena, são múltiplas as micropolíticas exercidas pelos seus grupos.

Ao mesmo tempo em que *SomosGay* busca dialogar com os poderes pelos quais pretende conseguir seus direitos, buscando associações com instituições, fomentos para campanhas de prevenção ao HIV e buscar um lugar de existência dentro da normalidade capitalista e estatal, o grupo *Mansión 108* possui uma política que, para finalizar, chamaremos de uma política da amizade.

Isto não significa que não haja amizade entre os membros do primeiro grupo, entretanto, é a partir das micro-experiências sensíveis do cotidiano, com pessoas morando na *Mansión*, eventos gratuitos, albergue e outras ações que os membros buscam tocar e fazer uma diferença ínfima, mas direta.

Provocar devires que vão além do devir-homossexual ou um devir-gay, mas um devir-108, que encontra na sua condição política de corpo abjeto, vítima do autoritarismo ditatorial, do rechaço internacional de país subdesenvolvido e do capitalismo heterocentrado, seu lugar no mundo, encontrando também na condição de precariedade de outros sujeitos e seus rastros de ignomínia, sua potência transformadora.

³⁰⁴ Retirado de <http://108memorias.com/2009/09/30/organizaciones-sociales-lgbti-recuerdan-50-anos-del-caso-%E2%80%99C108%E2%80%99D/>. Último Acesso: 07 de janeiro de 2015.

Uma força que, apesar de toda violência e invisibilidade históricas que atentam contra ela, insiste em dizer ao poder que segue o mesmo tom do amoral publicado de 1959: “*Si Uds. persisten en el error, perderán tiempo, y nosotros no perdemos nada*”. *Ciento ocho*, um “artesanato de resistência” histórica ou “materialidad sígnica” dos usos da memória. Uma micropolítica viva na vasta cartografia dos *amoraes*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ou devir 108

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

Mário Quintana

IMAGEM 24³⁰⁵



IMAGEM 24: PUTO 108. ACERVO PESSOAL DA AUTORA. ASSUNÇÃO, 2013.

Páginas e páginas publicadas a respeito do caso *108 y un quemado* e ainda não sabemos o que aconteceu de fato com Bernardo Aranda. Um impenetrável mistério do qual, provavelmente, nunca sairemos. São muitas as histórias que ouvimos durante a pesquisa. Desde que ele foi assassinado por Juan Barnabé, diretor da *Radio Comuneros*, crime motivado pela vingança de um amor não correspondido, até o relato de que Bernardo teria fugido para os Estados Unidos com o então embaixador estadunidense Walter Ploeser, seu suposto amante³⁰⁶.

³⁰⁵ Foto de minha última viagem à cidade. Centro de Assunção, dezembro de 2014.

³⁰⁶ Este relato é um dos mais interessantes, pois em nossa pesquisa encontramos notas periodísticas tratando da transferência de Ploeser de Assunção para os Estados Unidos poucos dias após a

Outros ainda afirmam que Bernardo Aranda foi para os Estados Unidos para fazer sua cirurgia de redesignação sexual³⁰⁷.

As produções a respeito do caso, literárias ou ensaísticas³⁰⁸, buscam muito mais tratar a forma como o caso repercutiu do que buscar efetivamente *Quién mató Bernardo Aranda*. E talvez seja justamente esta a maior contribuição destas análises para o presente.

No caso desta dissertação buscamos problematizar o caso a partir de três eixos fundamentais: a construção do inimigo público homossexual, o amoral; o anonimato como forma ativa na formação da abjeção 108 na ditadura stronista e as formas como esta abjeção se transformou, pelos usos da memória, um instrumento de manifestação política a partir da publicação da *Carta de un amoral*.

Poderia ser a história de um *numerito* que, das notas policiais periodísticas de 1959, em que um redator teria calculado um número “aproximado” de 108 “*personas de dudosa conducta moral*”, se transformou em uma marca de luta de movimentos homossexuais em Assunção, cinquenta anos depois.

O que pode um número, um estigma? Por que algumas cifras se tornam marca e outras não? Quais os mecanismos formadores e mantenedores destas abjeções? Realizar este trabalho produziu muito mais perguntas do que respostas, além de alterar toda a forma pela qual caminhamos pela cidade. É impossível caminhar por Assunção sem perceber os silêncios nas chapas de carros e numeração de casas. Os silêncios que gritam pelos muros e asfaltos: 108!

Das significações que trabalhamos na dissertação, pensando o número 108 como monstro amoral de 1959; como inimigo público recorrente na ditadura stronista – o Caso Palmieri em 1982 -, e como devir minoritário³⁰⁹ no início do século XXI,

divulgação do assassinato de Bernardo Aranda. Ver EN HONOR de Ploeser. **El País**. Assunção: [s/n]. Ano XXIV. 02 de setembro de 1959. p. 5.

³⁰⁷ São histórias que resultariam em uma possibilidade de investigação do caso a partir da metodologia da História Oral.

³⁰⁸ Nos referimos principalmente a **108 Ciento Ocho** de Erwing Szokol; **Quién mató Bernardo Aranda?** de Armando Almada Roche; **108 y un quemado** de Agustín Nuñez e o segundo capítulo de **Putos de Fuga** de Rocco Carbone.

³⁰⁹ Com “devir minoritário” nos referimos ao conceito de Néstor Perlongher que propõe, a partir de uma perspectiva deleuziana, uma análise sob encontros de processos de marginalização e minorização de sujeitos (pontos de subjetivação) e grupos historicamente “no-garantizados”, colocando o olhar em contágio com estes “outros” sociais, problematizando e deixando-se afetar por estes mecanismos moleculares e funcionamentos micropolíticos destas “minorías” sexuais, raciais ou de gênero, fazendo uma cartografia “menor”. Em suas palavras “No se trata de una pasión morbosa por lo exótico, ni de algún liberalismo romántico o extremo sino, más bien, de pensar cuál es el interés de esas minorías desde el punto de vista de la mutación de la existencia colectiva. Ellas

pensamos que a última definição seria a mais desafiadora, no sentido de ampliar a proposta 108 para outros campos políticos. Uma história da abjeção numérica?

No México de 1901 publicava-se nos periódicos que um baile de *invertidos* foi invadido pela polícia. Este acontecimento foi analisado pelo famoso escritor Carlos Monsiváis, intitulado “41 maricones”. Devido à grande repercussão do caso, que também contou com delações anônimas e formação de “Comitês pela moralidade”, o número 41 ficou conhecido no país, também, como marca abjeta referente à homossexualidade³¹⁰.

Diante das violências que transcendem décadas, regimes de governos e fronteiras, o que de fato legitimaria a formação dessas abjeções? Uma cultura que visa normatizar os corpos sexualmente ao mesmo tempo em que exhibe orgulhosa seus rastros de modernidade e modernização?

Não temos respostas definitivas para tais perguntas. Nossa hipótese, a partir do caso 108 y un quemado, é que a formação da abjeção homossexual é parte constituinte da modernização e da constituição da ditadura paraguaia. Ao contrário do que possa parecer, a modernização não significa necessariamente uma maior liberação sexual.

No caso paraguaio, se a modernização significou a chegada de novas modas, estilos de música e novidades de consumo, também significou uma modernização das instituições de controle. Numa década em que a homossexualidade era estudada justamente para ser eliminada - a busca científica do *gene gay* - são justamente estes discursos médicos e psiquiátricos que irão fundamentar o direito, a polícia e as instituições penais.

Neste sentido é fundamental pensarmos a imprensa como elemento chave desta modernização, como se ela retroalimentasse o imaginário social a partir dos medos e anseios da própria sociedade. Ao mesmo tempo em que, afetado pela modernização, o jornalismo passa por mudanças estruturais, formais e econômicas³¹¹, a imprensa alimenta o imaginário social.

estarán indicando, lanzando, experimentando modos alternativos, disidentes, ‘contraculturales’ de subjetivación”. PERLONGHER, Néstor. Los devenires minoritarios. In: **Revista de Crítica Cultural**. N° 4. Nov/1991. p.168.

³¹⁰ Ver MONSIVÁIS, Carlos. Los 41 y la gran redada. Ciudad de México: **Revista Letras Libres**. N° 40. Abril de 2002. pp. 22-28.

³¹¹ POZZO, Aníbal.op. cit. pp 232 – 233.

Com isto não queremos dizer, de forma simplista, que a imprensa manipula ou domina o imaginário, mas sim, que ela transforma em “fatos” os anseios e medos da própria sociedade já que “a preocupação dos jornais em fixar um espaço às matérias policiais é uma forma de apropriação do imaginário e mesmo dos sentimentos coletivos – aqueles que dizem respeito, entre outras coisas, à crescente insegurança.”³¹²

Insegurança relativa tanto à criminalidade quanto à amoralidade. O 108 transita por estas duas esferas em 1959 para posteriormente significar efetivamente “homossexual”, *puto*, *maricón*. Porém, sua ressignificação não se esgota nisso.

A cifra passou por distintos significados históricos. E é exatamente esta questão que permanece aberta em nosso trabalho. Diante de tantos acontecimentos, tantos casos, tantas décadas, por que algumas cifras se tornam abjeção? Por que algumas se tornam devires e outras não?

Ao que parece, a realidade violenta do passado autoritário, de forte teor ficcional, exige o exercício contínuo da imaginação. Talvez a imaginação seja o meio de poder tornar o passado possível, pois, ele nunca está concluído e suas cicatrizes parecem sempre abertas.

A diretora de cinema Renate Acoste relata em seu filme *Cuchillo de Palo* que seu tio, um dos presos homossexuais do caso Palmieri em 1982, era constantemente vigiado em reuniões familiares para controlar “se ele não fazia nada contra as crianças da família”.

Segundo o Informe da Comissão da Verdade de 2008 “*Hasta la fecha no se han aclarado las circunstancias de la muerte del joven locutor Bernardo Aranda, ni tampoco se ha dado digno reconocimiento a las víctimas de este trágico acontecer de los últimos meses de 1959*”³¹³.

Para manter viva a memória dentro das exigências do presente, informes continuam sendo publicados sobre a violência contra as comunidades LGBTIs na cidade³¹⁴ de modo a reivindicar a justiça para outros corpos abjetos da atualidade. Como vimos, o aparato ditatorial foi fundamental para sustentar a perseguição

³¹² GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas**: Modernidade, utopias e heterotopias na imprensa joinvilense. (1951 – 1980) Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2002. p. 202.

³¹³ RELATÓRIO. Comisión de Verdad y Justicia. Tomo 7 parte 2. Asunción: Comisión de Verdad y Justicia, 2008. p.180.

³¹⁴ PANAMBI. **Olvidadas hasta la muerte**. Informe de Asesinatos a personas trans durante el período democrático 1989 - 2013. Disponível em: <http://www.panambi.org.py/publicaciones/>. Último acesso: 30 de janeiro de 2015.

sistemática contra os *108* e, portanto, o *nunca más* busca tornar-se como um ponto limítrofe entre binarismos históricos separando cronologicamente as barbáries da ditadura com a suposta ausência de violência na democracia³¹⁵. Porém, se a memória de alguns ousa dizer *nunca más*, o presente pós-autoritário desafia: *nunca digas nunca*.

Deste modo, e ampliando o estigma para os embates políticos do cotidiano, o devir *108* busca oferecer, como afirmou Nelly Richard, uma “*infección de la memoria*” para além de uma estratégia identitária do presente. Superando fronteiras e identidades, “*casas y causas*”, o devir *108*, proposto por *Mansión*, é um devir fundamentalmente minoritário.

Voltemos à proposta do grupo sobre as novas configurações do “*108*”, na atualidade, a cifra que pretende contemplar “*personas y grupos que hoy en el año 2009 son torturados, perseguidos, criminalizados, expuestos, por lo que son tales como personas indígenas, campesinas, punks, pobres, trabajadoras sexuales, trans y muchos etc. más*”³¹⁶.

Um devir *108*: Um corpo abjeto, neto de um monstro amoral histórico; uma memória enlouquecida nos vazios dos informes da ditadura; um corpo sem autoria e também perseguido pelo anonimato. Um vizinho incômodo que não aperta a campanha das casas que não ousam dizer seu número. Uma figura aberta e abjeta que pretende seguir vivendo nas resistências contra outras formas de violência, outros corpos, em outros embates contra o poder. Outras cicatrizes sexuais, raciais, econômicas, históricas e geopolíticas. *Ciento ocho* como *siento ocho*³¹⁷. Outras memórias, outras histórias.

³¹⁵ É constante a denúncia de violência policial contra transsexuais e travestis em condição de trabalho sexual em Assunção. Tanto pela obrigatoriedade do pagamento de taxas para permanência em locais públicos quanto pelo assédio moral, sexual e violência física, levando inclusive à morte. Ver: PANAMBI. *Olvidadas hasta la muerte. Informe de Asesinatos a personas trans durante el período democrático 1989 - 2013*. pp 10 – 14.

³¹⁶ Retirado de <http://108memorias.com/2009/09/30/organizaciones-sociales-lgbti-recuerdan-50-anos-del-caso-%E2%80%9C108%E2%80%9D/>. Último Acesso: 07 de janeiro de 2015.

³¹⁷ Termo utilizado por Erwing Szokol em conversa informal em Curitiba, janeiro de 2015.

FONTES

Periódicos:

DIARIO PATRIA. Ano XLII. julho a outubro de 1959.

EL INDEPENDIENTE. Ano I. setembro a outubro de 1959.

EL PAÍS. Ano XXIV. setembro a outubro de 1959.

REVISTA ÑANDÉ. Ano I. julho a outubro de 1959.

Diversas:

DIVULGAÇÃO. **Circuito de la Memoria LGBTI de Asunción**. Assunção: Mansión 108, 2013.

LIFE MAGAZINE. Frank Scherschel Photos. **Time & Life Pictures**. New York. Oct 01, 1959.

PANAMBI. **Olvidadas hasta la muerte**. Informe de Asesinatos a personas trans durante el período democrático 1989 – 2013, 2013.

PARAGUAI. **Decreto-Lei N° 294 de 17 de outubro de 1955**. Artigo nº 2. Assunção, Registro Oficial da República do Paraguai, 1955.

PARAGUAI. **Decreto-Lei N° 2.242 de 10 de julho de 1940**. Artigo nº 52. Assunção, Registro Oficial da República do Paraguai, 1940.

PARAGUAI. **Código Penal de la República del Paraguay**. Edición Oficial. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1914.

RELATÓRIO. **Comisión de Verdad y Justicia**. Tomo 7 parte 2. Asunción: Comisión de Verdad y Justicia, 2008.

SOMOSGAY. **EQUIS MAGAZINE**. Assunção: Artes Gráficas Zamphirópolis. N° 1 – 13, 2014.

SOMOSGAY. **Manual LGBT Paraguayo**. Asunción: Artes Gráficas Zamphirópolis. 2014.

REFERÊNCIAS

ACHA, O., BEM, P. **Amorales, patoteros, chongos y pitucos**. La homossexualidad masculina durante el primeir peronismo(Buenos Aires, 1943-1955). Trabajos y Comunicaciones. Universidad Nacional de la Plata. Buenos Aires, 2005.

ADAMS, Carol. **A política sexual da carne**. São Paulo: Editora Alaúde, 2012.

ALMADA, Martín. Paraguay: **La cárcel olvidada, el país exiliado**. Assunção: Ñanduti vive / Intercontinental Editora, 1993.

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos In: **Memória e (res)sentimento Indagações sobre uma questão sensível**. BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia (orgs). Campinas: Editora Unicamp, 2009.

ARDITI, Benjamin. **La politicidad de la crisis y la cuestión democrática**. Estado, economía y sociedad en el Paraguay. Asunción: CLACSO-PNUD, jun. 1986.

ARENDT. Hannah. Responsabilidade e Julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARGUELLO, Ana María. **El rol de los esclavos negros en el Paraguay**. Asunción: Centro Editorial Paraguayo, 1999.

ARTIERES, Philippe. Tornar-se anônimo. Escrever anonimamente. In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

BAREIRO, Line. Situación de la mujer en el Paraguay. Asunción: CDE, 1988.

BARRET, Rafael. Un suspiro de Poe, 1908. In: **Obras Completas** Tomo 2. Asunción. Editorial Arandurã, 2011.

BOBBIO. Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOCCIA PAZ, Alfredo. **Diccionario usual del stronismo**. Asunción: Editora Servilibro. 2004.

BOCCIA PAZ. GONZÁLEZ, Angélica Myrian. AGUILAR. Rosa Palau. **Es mi informe**. Los Archivos secretos de la policía de Stroessner. Centro de Documentación y Estudios. Asunción, 1994.

BOZZOLASCO, Ignacio. Represión, cooptación y rebeldía. El movimiento sindical paraguayo. In. **El Stronismo asediado**. Editorial Arandurã, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Lopes Guacira (org). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

CABALLERO, Esteban. **Documentos de discusión**. Dictadura, estado prebendario y crisis política. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociopolíticos (CPES), 1985.

CALVEIRO, Pilar. **Poder e Desaparecimento**. Os campos de concentração na Argentina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

CARBONE, Rocco. **Putos de Fuga**. Assunção: Servilibro, 2014.

CESPEDES, Roberto. **Emergence and consolidation of a military dictatorship in Paraguay**. New Jersey: [s.n], 1982.

CURIEL. Ochy. **El régimen heterosexual y la nación**. Universidad Nacional de Colombia Facultad de Ciencias Humanas Departamento de Antropología. Bogotá, 2010.

DAVIS, Fernando. LOPEZ, Miguel. Micropolíticas Cuir: Transmariconizando el Sur. **Revista Ramona**, Abril, 2010.

DUARTE, Christian. **El defensor público en el proceso penal paraguayo**. Asunción: Editora Marben Editora. 2012.

ECHAURI, C. Vida cotidiana al margen de la democracia. In: **Anuario Mujer**. Crónicas de haceres, deseos y olvidos. Asunción: CDE, 1990.

EPPS, Brad. Retos, riesgos, pautas y promesas de la teoría queer. **Revista Iberoamericana**, nº 225, vol. 74, Pittsburg: University of Pittsburgh, 2008.

ESCOBAR, Ticio. Cultura y Transición Democrática en Paraguay. In: **Revista de Crítica Cultural**. No 3, maio de 1991. Debates Críticos en América Latina 1. Santiago: Editorial ARCIS, 2008.

FAITH, Tereza. **Paraguay, novela y exilio**. Asunción: Editora Intercontinental, 2009.

FALABELLA, Florencia. **Ciudadanías sexuales y democracia**. El Movimiento LGBTI en Asunción. Asunción: Revista Novapolis. Nº 5. Abril-Outubro. 2012.

FEIERSTEIN, Daniel. **El genocidio como práctica social**. Entre el nazismo y la experiencia argentina. Buenos Aires: FCE, 2007.

FEIERSTEIN. Guerra, Genocidio, violencia política y sistema concentracionario en América Latina In: **Terrorismo de Estado y Genocidio en América Latina**. Buenos Aires: Eduntref, 2009.

FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**. Vol I. A vontade de saber. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1985.

FOUCAULT. Michel. Introdução à vida não fascista. In: Prefácio de **Anti-Édipo, Capitalismo e esquizofrenia**. DELEUZE, Gilles., GUATTARI, Félix. São Paulo: Editora 34, 2000.

FOUCAULT. Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GAONA, Francisco. **Introducción a la historia gremial y social del Paraguay**. Asunción: Arandurã Editorial, 2008.

GERASSI, John. **The Boys of Boise**: Furor, Vice and Folly in an American City. University of Washington Press, 2001.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOIRIS, Fabio Anibal Jara. **Autoritarismo e democracia no Paraguai Contemporâneo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

GREEN, J., QUINALHA, R. (orgs.) **Ditadura e Homossexualidade**. Repressão, Resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2014.

GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas**: Modernidade, utopias e heterotopias na imprensa joinvilense. (1951 – 1980) Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2002.

GRUNER. Clóvis. **Paixões torpes, ambições sórdidas**: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HALPERIN, David. The Normalization of Queer Theory. In: **Journal of Homosexuality**, Vol. 45, N°. 2/3/4, The Haworth Press, Nueva York, 2003.

HEUER. Wolfgang. Poder, Violencia, Terror: la República Imperfecta y sus peligros. In: André Duarte e.a. (ed.): **A Banalização da Violência**. Rio de Janeiro, 2004.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Madrid: Editorial Melusina, 2009.

JOHNSON, David K. **The Lavender Scare: The Cold War Persecution of Gays and Lesbians in the Federal Government**. University of Chicago Press, 2004.

KAMKHAGI, Elías. El funcionamiento de las Instituciones bajo el Estado de Sitio y las leyes 294/55 y 209/70. In: **Paraguay, un Desafío a la responsabilidad Internacional**. Edição do Secretariado Internacional de Juristas pela anistia e pela democracia no Paraguai. Banda Oriental, Uruguai, 1986.

LANTÉRI, G. **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LEMBEL, Pierre. **Le Paraguay**. Paris: [s.n] 1878.

LEMEBEL, Pedro. **Poco hombre**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013

MACINTYRE, Ben. **Forgotten Fatherland: The Search for Elisabeth Nietzsche**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1992.

MARISTANY, José Javier. Una teoría queer latinoamericana?: postestructuralismo y políticas de la identidad en Lemebel. **Revista Lectures du Genre**. Lecturas queer desde el Cono Sur, n°4, 2008.

MASKE, Wilson. **Entre a Suástica e a Cruz: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai**. Curitiba: UFPR (Tese de doutorado), 2004.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças. In: XVI Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. **No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las**. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v.1, 2007.

MONSIVÁIS, Carlos. Los 41 y la gran redada. Ciudad de México: **Revista Letras Libres**. N°. 40. Abril de 2002.

MORALES, Verónica. Diáspora guaraní desde las disidencias sexuales. In: MIGRANTES. **Perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay**. Asunción: Ápe Paraguay, 2011.

NASCIMENTO. Joelton. **Ordem jurídica e forma valor**: investigação sobre os limites estruturais da regulação jurídica no capitalismo contemporâneo. Tese de Doutorado em Sociologia UNICAMP, 2013.

NAVARRO, Eduardo. O domínio da língua castellana sobre o guaraní paraguaio. **Revista Philologus**. Ano 10. N°29. Rio de Janeiro. 2004.

PADRÓS, Enrique. O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional. **Anais do IX Encontro Estadual de História**. Seção Rio Grande do Sul ANPUH – RS, 2008.

PARDO, Alejandro Nicolás. **Análisis de las Prácticas Sociales Genocidas**: Caso Paraguayo. Facultad de Ciencias Sociales. Buenos Aires: UBA. 2009.

PAREDES, Roberto. **Stroessner y El Stronismo**. Asunción: Servilibro, 2004.

PARRINI, Rodrigo. Falos interdictos: cuerpo, masculinidad y ley. **Revista Nómadas**. No.38 Bogotá jan./jun. 2013.

PASTORE, Carlos. **La lucha por la tierra en Paraguay**. Asunción: Editorial Antequera, 1972.

PELLIZZI, Hector. **Deshonrar las tumbas**. 1ª Edição, Argentina, 2006.

PELÚCIO, Larissa. MISKOLCI, Richard. Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, 2007.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Periodicus**. Cartografia dos estudos queer na Ibero-América. 1ª edição maio-outubro. Salvador, 2014.

PERLONGHER, Néstor. El sexo de las locas. **El Porteño**, nº 28, Buenos Aires, 1984.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. Los devenires minoritarios. In: **Revista de Crítica Cultural**. Nº 4. Nov/1991.

PÉRSICO, Eduardo. **Lunfardo en el tango y la poética popular**. Glosario, ensayo de voces y poemas. 1ª.edición. Buenos Aires, Proyecto Editorial 2004.

POLLAND, Madeleine. **Churaquimba and the Black Robes**. New York: Doubleday and Company 1962.

POZZO, Aníbal. **Periodismo en Paraguay**. Asunción: Editorial Arandurã, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Editora Espasa, 2008.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes Queer: Notas para una política de los “anormales”. **Revista Multitudes**. N° 12. París: 2003.

PUAR, J., RAI, A. **Monster, Terrorist, Fag**: The War on Terrorism and the Production of Docile Patriots. *Social Text* 72, Vol. 20, No. 3, Fall 2002.

PUAR, Jasbir. **Terrorist Assemblages**: Homonationalism in Queer Times Publisher: Duke University Press. out /2007.

RICHARD, Nelly. **Crítica de la Memoria 1990 – 2010**. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales. 2010.

RICHARD, Nelly. **Cuerpo Correccional**, Santiago: Edição de Francisco Zegers, 1980 e Márgenes e Institución: Arte en Chile desde 1973. *Art & Text*, no 21, Melbourne, 1986.

RICHARD, Nelly. **La insubordinación de los signos**. Cambio político, transformaciones culturales y poéticas de las crisis. Santiago: Editorial Cuarto propio. 2000.

RICHARD, Nelly. **Residuos y Metáforas**. Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición. Santiago: Editorial: Cuarto Propio. 2001.

ROCHE, Armando Almada. **108 y un quemado**. Quién mató a Bernardo Aranda? Asunción: Arandurã Editorial, 2012.

ROCHE, Armando. **El Paraguay de Drácula**. Assunção: El pez del pez, 2010.

RUSSO, Jane. O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual. In: **Diálogo Latinoamericano sobre Sexualidade e Geopolítica**. Observatorio de sexualidad y política, Rio de Janeiro, agosto de 2009.

SAN MARTIN, Felipe. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano In: **Por un feminismo sin mujeres**. Territorios Sexuales Ediciones. Santiago: Alfabeta Artes Gráficas, 2011.

SANNEMANN, Gladys. **Paraguay y La Operación Cóndor en los Archivos del terror**. Assunção: [s/n]. 1994.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

SEGUER, Lucía. De la normatividad queer en la construcción de la nación a la resistencia política queer: un debate en la relación Israel-Palestina. **Revista Humanísticas**. Vol.78. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2014.

SEMPOL, Diego. **De los baños a la calle**. Montevideo, Editorial Sudamericana Uruguay, 2013.

SILVA, Marcos de Araújo. Xenofobia, pós-colonialidade e homonacionalismo no sul da Europa. Perspectivas da Catalunha. **Revista de Estudos Anti Utilitaristas e Pós Coloniais**. Vol. 4. Nº1, 2014.

SOLER, Lorena. Una vez más cómo pensar el stronismo: Una agenda de inconformidades. In: **El stronismo asediado**. Arandurã Editorial, 2014.

SOLER, Lorena. **La larga invención del golpe**. Asunción: Editorial Arandurã, 2014.

SUTHERLAND, Juan Pablo. Traductibilidad y proyección política: la sistematización y politización de los saberes. In: **Cuerpos Ineludibles**: un diálogo a partir de las sexualidades en América Latina. D’UVA, Mónica. FERNANDEZ, Josefina e VITURRO Paula (orgs). Buenos Aires, Ed. Ají de Pollo, 2004.

SZOKOL, Erwing. **Ciento Ocho**. 108. Assunção: Arandurã, 2013.

SZWACKO, José. **Del otro lado de la vereda**: luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial. (Tese de Doutorado) Setor de Ciências Sociais, UNICAMP, 2012.

SZWACKO, José. **O 'mau desempenho' de Lugo**: gênero, religião e contramovimento na última destituição presidencial paraguaia. *Opin. Publica* vol.20 no.1 Campinas Jan./Apr. 2014.

TELESCA, Ignacio. La historiografía paraguaya y los afrodecendientes. In: **Los estudios afroamericanos y africano en América Latina: herencia, presencia y visiones del outro**. LECHINI, Gladys(org.). 1ª ed. Córdoba: Ferreyra Editor; Centro de Estudios Avanzados: Programa de Estudios Africanos; Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008.

TELESCA, Ignacio. Mujer, Honor y Afrodecendientes en Paraguay a fines de la colonia. **América sin nombre**, no 15, 2010.

TERUGGI, Mario E. **Panorama del lunfardo**: génesis y esencia de las hablas coloquiales urbanas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978.

TUCK, Lily. **News from Paraguay**. New York: Harper Collins, 2004.

VETO, Silvana. **Prácticas Genocidas en la Dictadura Chilena**. Revista Lecturas. Santiago: [s/n] , 2011.

WHITE, Edward. **El supremo**, A Romance of the Great Dictator of Paraguay. New York: [s/n], 1916.

WILDING, Michael. **The Paraguayan Experiment**. Ringwood Victoria: Penguin Books, 1984.

WILLIAMS, John. Esclavos y pobladores: observaciones sobre la historia parda del Paraguay en el siglo XIX, In: **Revista Paraguaya de Sociología**. N°. 31. Asunción: 1974.

WILLIAMS, John. Race, Threat and Geography. The Paraguayan Experience of Nationalism, In: **Canadian Review of Studies in Nationalism**, Vol. 1, N° 2, 1974. pp.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006.